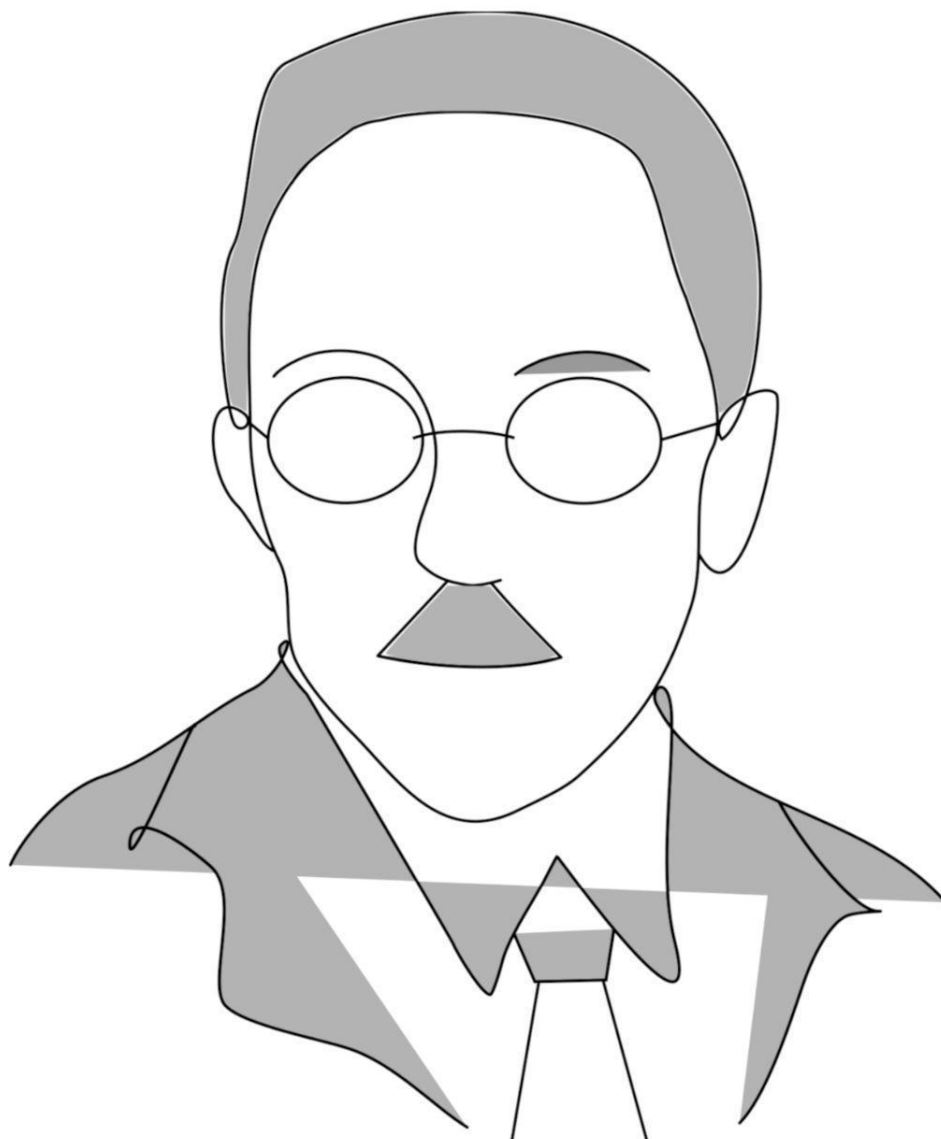


*Mathews G. N. Sales*



*O Dr. Napoleão Laureano:  
O Médico do Povo*

**O Dr. Napoleão Laureano:  
O Médico do Povo**

Matheus Gleydson do Nascimento Sales

1a Edição  
Todos os direitos da obra  
EDITORA ANTROPUS

<https://www.antropuseducacional.com.br/editoraantropus>  
Copyright da obra © Matheus Gleydson do Nascimento Sales, 2022.  
Arte da capa - Jader França e Livia de A. R. Gomes

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)**  
**(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)**

Sales, Matheus G. N.

O dr. Napoleão Laureano [livro eletrônico] :  
o médico do povo / Matheus G. N. Sales. --  
Campina Grande, PB : Instituto e Consultoria  
Antropus, 2022.

MOBI.

ISBN 978-65-84581-07-4

1. Experiência de vida 2. Homens - Biografia  
3. Laureano, Napoleão, 1914-1951 4. Médicos -  
Brasil - Biografia 5. Relatos pessoais I. Título.

22-110796

CDD-610.92

**Índices para catálogo sistemático:**

1. Médicos : Biografia e obra 610.92

Aline Grazielle Benitez - Bibliotecária - CRB-1/3129



## **CONSELHO EDITORIAL**

Cleverton Lopes de Oliveira  
Déborah Gomes Oliveira  
Fábio Alves Gomes  
Juliana Nascimento Almeida  
Matheus Gleydson do Nascimento Sales  
Matusalém Alves Oliveira  
Raphael Bispo Milhomens

## **CONSELHO CIENTÍFICO**

Fábio Alves Gomes (UFCG)  
Juliana Nascimento Almeida (ANTROPUS EDUCACIONAL)  
Matheus Gleydson do Nascimento Sales (UEPB)  
Matusalém Alves Oliveira (UEPB)  
Washington Luiz M. da Silva (UFPE)

## **EXPEDIENTE**

**Diretora Geral** Deborah Gomes Oliveira  
**Editor Chefe** Matheus G. N. Sales  
**Revisora** Solange Diniz de Oliveira  
**Revisora Geral** Juliana Nascimento de Almeida  
**Capa** Lívia Gomes e Jader França  
**Ilustrações:** Lívia Gomes e Matheus Sales

“[...] portanto se minha vida for necessária para que os cancerosos tenham melhor sorte, que Deus disponha dela.”

- Napoleão Laureano

## SUMÁRIO

AGRADECIMENTOS.....	8
DEDICATÓRIA.....	10
PREFÁCIO I.....	11
PREFÁCIO II.....	15
<b>PARTE I:</b>	
UMA BIOGRAFIA DO MÉDICO MÁRTIR.....	20
<b>CAPÍTULO I:</b>	
OS PRIMEIROS ANOS.....	21
<b>CAPÍTULO II:</b>	
O MÉDICO NAPOLEÃO.....	27
<b>CAPÍTULO III:</b>	
MARCINA DE MELO SAMPAIO LAUREANO.....	31
<b>CAPÍTULO IV:</b>	
NAPOLEÃO LAUREANO E A POLÍTICA.....	38
<b>CAPÍTULO V:</b>	
DESCOBRIR O CÂNCER.....	43
<b>CAPÍTULO VI:</b>	
INAUGURADA A FUNDAÇÃO NAPOLEÃO LAUREANO.....	51
<b>CAPÍTULO VII:</b>	
O BRASIL UNIDO PELA FUNDAÇÃO NAPOLEÃO LAUREANO.....	58
<b>CAPÍTULO VIII:</b>	
KREBIOZEN, A ÚLTIMA ESPERANÇA.....	73
<b>CAPÍTULO IX:</b>	
MESA-REDONDA E AS BASES DA FUNDAÇÃO NAPOLEÃO LAUREANO.....	89
<b>CAPÍTULO X:</b>	
ADEUS, BRASILEIROS.....	94
<b>CAPÍTULO XI:</b>	
OS ÚLTIMOS DIAS.....	98
<b>CAPÍTULO XII:</b>	
VELÓRIO E SEPULTAMENTO.....	116
<b>CAPÍTULO XIII:</b>	
TRÁGICO ACIDENTE AÉREO.....	123
<b>CAPÍTULO XIV:</b>	
A VIDA DE MARCINA NO PÓS-MORTE DE NAPOLEÃO.....	128
<b>CAPÍTULO XV:</b>	
O HOSPITAL NAPOLEÃO LAUREANO.....	136
<b>CAPÍTULO XVI:</b>	
UM POSSÍVEL FRUTO PERDIDO.....	142
<b>CAPÍTULO XVII:</b>	
NAPOLEÃO LAUREANO COMO PERSONAGEM QUE PERPASSA O IMAGINÁRIO POPULAR.....	146
<b>PARTE II:</b>	
A GENEALOGIA DO DR. NAPOLEÃO LAUREANO: OITO SÉCULOS DE HISTÓRIA.....	156
NA TRILHA DO MÉDICO DO POVO.....	157
DOS IRMÃOS DO DR. NAPOLEÃO LAUREANO E SUA DESCENDÊNCIA.....	157
DO PRIMEIRO CASAMENTO DO PAI DE NAPOLEÃO E SUA DESCENDÊNCIA.....	158
A MÃE DE TEÓFILA E SUA DESCENDÊNCIA.....	160
DESCENDÊNCIA DE JOÃO BRAZ PEREIRA DE LUCENA & CAROLINA MARIA DA CONCEIÇÃO.....	163
DESCENDÊNCIA DE MANOEL DE SOUZA VARJÃO & MARIA DA CONCEIÇÃO VASCONCELOS.....	164

DESCENDÊNCIA DE JOÃO DE SOUSA CASTRO & IZABEL RODRIGUES DO Ó.....	164
DESCENDÊNCIA DE CAETANO VARJÃO DE SOUSA & COSMA FERREIRA GUIMARÃES.....	165
DESCENDÊNCIA DE SANTOS VAREJÃO E SOUSA & EUGÊNIA PEREIRA DE CASTRO.....	166
DESCENDÊNCIA DE SILVESTRE DE SOUSA E CASTRO & DONA MARIA BARBOSA ZUNIGA.....	166
DESCENDÊNCIA DE FRANCISCO DE SOUSA E CASTRO & DONA PÁSCOA DA ROCHA.....	166
DESCENDÊNCIA DE GERALDO FREIRE DE ANDRADE & MARIA TRANCOSO DE CASTRO.....	167
DESCENDÊNCIA DE GASPAR DE CALDAS E SOUZA & DONA CATARINA FREIRE DE ANDRADE.....	167
DESCENDÊNCIA DE RODRIGO FERNANDES DE ARAÚJO & DONA IZABEL BARBOZA DE SOUZA.....	167
DESCENDÊNCIA DE HENRIQUE DE SOUSA E CALDAS & DONA FRANCISCA BARBOSA.....	168
DESCENDÊNCIA DE DIOGO DE CALDAS E SOUSA & DONA ISABEL RODRIGUES DE FARIA.....	168
DESCENDÊNCIA DE RODRIGO DE FARIA & DONA JULIANA DE FIGUEIREDO.....	169
DESCENDÊNCIA DE JOÃO ALVARES DE FARIA & ALDA MARTINS DE MEIRA.....	169
DESCENDÊNCIA DE ÁLVARO GONÇALVES DE FARIA & MARIA DE SOUZA.....	169
DESCENDÊNCIA DE LOPO DIAS DE SOUZA.....	170
DESCENDÊNCIA DE ÁLVARO DIAS DE SOUZA & DONA MARIA TÉLLEZ DE MENESES.....	170
DESCENDÊNCIA DE DOM DIOGO DE AFFONÇO DE SOUZA & VIOLANTE LOPEZ PACHECO.....	171
DESCENDÊNCIA DE LOPO FERNANDES PACHECO & MARIA GOMES TAVEIRA.....	171
DESCENDÊNCIA DE GOMES LOURENÇO TAVEIRA & CATARINA ANNES MARTINS.....	171
DESCENDÊNCIA DE LOURENÇO GONÇALVES TAVEIRA & MARIA ANES ERVILHIDO.....	172
DESCENDÊNCIA DE GONÇALO PAES TAVEIRA & MARIA RODRIGUES CAPÃO.....	172
RUY CAPÃO, O JUDEU CONVERSO.....	172
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	174
POSFÁCIO.....	176
SOBRE O AUTOR.....	178

## AGRADECIMENTOS

São muitas as pessoas a quem eu devo os meus sinceros agradecimentos, pois cada uma delas me auxiliou em alguma parte deste livro, seja oferecendo fontes, seja auxiliando na estruturação e base teórica. Mas como não poderia ser diferente, começo agradecendo ao bondoso Deus, que me abençoou com as ferramentas necessárias para a feitura desta obra que finalmente ganha rosto.

Em seguida, agradeço à minha família, aos meus pais e minhas duas irmãs, Ana Caroline e Tathiana Sales, que sempre me apoiaram e acompanharam de perto a elaboração deste livro, desde a ideia inicial, há mais ou menos 5 anos, até a publicação deste.

Agradeço ao meu mestre e grande amigo, Professor Dr. Matusalém Alves Oliveira, docente titular da Universidade Estadual da Paraíba, onde tive a honra de ser seu monitor por 8 períodos. O professor Matusalém sempre foi um exemplo, não apenas para mim, mas para todos aqueles que com ele convivem, sendo um exemplo não apenas profissional, mas de homem íntegro e pai de família. Tendo me dado a honra de escrever ao seu lado um livro acadêmico, agora nos presenteia com o primeiro prefácio desta obra. Aproveito para agradecer também à professora Vanuza Mateus e à Deborah Oliveira, que me acolheram como parte da sua própria família.

O próximo agradecimento eu reservo à professora Ana Maria Arnaud, ex-diretora do Colégio Pedro II, uma das mais importantes escolas do Brasil, localizada na cidade do Rio de Janeiro, que além de ter aceitado escrever o segundo prefácio deste livro, foi uma das mais importantes fontes de informação para a parte final do mesmo, contribuindo com memórias e testemunhos que sobreviveram por todos estes anos.

Em seguida, agradeço a sempre leal amizade do meu grande amigo Filipe José Azevedo Maul, advogado e escritor alagoano, que além de ter aceitado escrever o posfácio, me ajudou bastante na elaboração do presente livro, auxiliando-me em pesquisas genealógicas, porém seu maior mérito está na amizade sincera que sempre ofereceu.

Um livro, mesmo que não destinado necessariamente à academia, precisa ter uma fundamentação teórica, e isto não poderia ter sido feito, não de maneira tão coesa, sem a inestimável contribuição da professora Juliana do Nascimento Almeida, que me guiou a estruturar todo o corpo deste livro.

Também não posso deixar de mencionar a gigantesca contribuição da minha amiga Lívia de Araújo Ribeiro Gomes, que apesar de não ser historiadora, foi de suma importância na compreensão de nossa parte em relação à análise das cartas psicografadas. Ninguém melhor do que uma adepta do espiritismo para nos ajudar a selecionar os mais oportunos escritos acerca do Dr. Napoleão



Rodrigues Laureano. À Secretaria de Cultura de Umbuzeiro, na pessoa da secretária Ana Márcia Maciel, por todo o apoio.

Por fim, agradeço a toda a equipe que compõe a Antropus Editora, que eu próprio tenho a honra de ser colaborador.

## **DEDICATÓRIA**

Dedico esta singela obra à memória do grande médico Napoleão Laureano e a toda sua família, em especial aos meus primos Isaac e Ibrahim Laureano; à câmara municipal de vereadores de João Pessoa, que honrosamente carrega o nome “Casa Napoleão Laureano”; ao Hospital Napoleão Laureano, o seu maior legado; ao meu avô paterno, Lourenço Higino Francisco, que foi vitimado pela moléstia; e a todos aqueles que, acometidos da enfermidade, estão em tratamento contra o câncer. Não percam a fé.

## PREFÁCIO I

### UM LIVRO PARA ALÉM DA MEMÓRIA DE UM GRANDE MÉDICO

Deliciosa leitura esta da qual tive o privilégio de ser o primeiro a contemplar: *O Dr. Napoleão Laureano: O Médico do Povo*.

O autor não faz uma obra comum: ele, ao mesmo tempo que resgata a história e vida de um médico conterrâneo das terras da Paraíba, nos vislumbra, com ensinamentos próprios, os fatores vivificantes de valorar o passado daqueles que já se foram pondo em palavras a compreensão do mundo atual, tão inundado de individualismo e desapego à pessoa humana.

Ele denuncia o *homo technologicus* de hoje a partir do resgate memorial do médico Napoleão Laureano, cuja vida foi laureada pela devoção ao outro numa plena alteridade, mesmo havendo determinadas lacunas de sofrimento da sua parte, face a um pedaço da vida tolhida por um câncer, quando sua coragem o faz enfrentá-lo. Ele se foi, mas nos deixou a esperança materializada de viver no esforço para a construção de um hospital em João Pessoa para albergar enfermos dessa patologia.

São poucos os que hoje gastam seu tempo em escrever sobre aqueles nem tanto enaltecidos pela mídia pós-moderna, sobretudo em se tratando daqueles que faz décadas que partiram. Mas o Matheus, mesmo um homem com várias demandas profissionais e intelectuais, mergulhou na pesquisa documental, até por vezes na coleta de depoimentos, buscando o compromisso com a seriedade que deve reluzir a conduta e competência de um escritor, com o fim único de transmitir ao público leitor o que foi e como foi a vida do ilustre Laureano.

Diz Ernest Hobsbawm que muitos entram na história apenas com suas certidões de nascimento e de óbito. Porque para esse pensador britânico, as vidas percorridas pelo contingente de pessoas humildes devem ser vistas por todo historiador como grandes facetas integradoras da memória, pois somente é por suas respectivas biografias que será possível corporificar a verdadeira e completa história do cotidiano, a partir de lições experienciadas para iluminar as futuras gerações com exemplos de condutas das boas pessoas.

Do alto das regiões onde o espírito de Napoleão paira depois de uma vida de fulguração, seu exemplo de médico do povo ensina à juventude, profissionais da saúde, intelectuais, políticos, agricultores e à humilde gente rural e urbana o segredo da sua força e perseverança.

Matheus Sales soube bem descrever a visão de Napoleão Laureano na persistência da razão de viver em todas as suas formas, descrevendo com nitidez sua fé nas virtudes insubstituíveis para a

vida humana, com seus revêrberos de luz que somente o diamante espalha, insinuando ao leitor os recantos de liberdade, à terra fértil onde renasce o *lótus* sagrado do respeito ao outro.

Toymbee, na sua obra *A Sociedade do Futuro*, relembra que o homem deve viver para amar, compreender e criar. O amor é aqui entendido em termos amplos como a aspiração das almas à comunhão humana e à comunhão solidária, que representa a lei superior e única da vida. Porque o homem vive ainda para compreender e criar, e possivelmente ele é o único ser vivo no nosso planeta que tem consciência e razão, pois a sua vida é uma constante luta entre o seu lado racional e o irracional, como tão bem foi expressa por Dostoiévsky na sua famosa frase “desde o princípio do mundo, Deus luta contra Satã e o campo de batalha é a alma humana”. Assim, a vida humana é deliberadamente vivida para manter a razão acima de tudo, para a racionalização da vida e da cultura total.

O homem, assim, deve criar e recriar o seu próprio futuro, sendo criador e demiurgo da história, o que faz cumprir nosso autor, pois vejo de certa forma em seu livro aspectos de ciência, moral e religião, ao destacar a vida de Napoleão no exemplo de um homem na sua realidade bivalente, que procurou cumprir seu destino colocando-se sempre diante de opções que motivaram e impulsionaram o mecanismo volitivo na determinação das suas escolhas.

Numa primeira etapa, o autor elabora uma biografia do Napoleão, formando um todo que interessa ao leitor sobre a vida desse amante da medicina, colocando ordem cronológica na distribuição dos capítulos. E, numa segunda parte, Matheus desvela a indignação do biografado com seu temperamento combativo contra o mal e os preconceitos sociais, que eram para ele um sofrimento que inflama a coragem, mas que, por outro lado, seria no qual fortificaria sua alma, a ponto de, além da medicina, se dedicar à política, quando eleito vereador pela cidade de João Pessoa, onde torna-se presidente da Câmara Municipal, com plena respeitabilidade de seus pares e grande atuação.

O estilo do autor é combativo, crítico, sobretudo, para certos períodos sociais e, por vezes, alude a um sentimentalismo saudosista quando traduz a imagem do Dr. Napoleão, o “médico dos pobres”, da forma mais poética e literária possível, de maneira que vem se destacar no conjunto da obra uma faceta de seu universo refletido do imaginário, se opondo ao universo materialista contemporâneo diante da nossa atual sociedade.

O pesquisador e escritor, seguindo o caminho de grandes fragmentos de reflexões, grandes esboços de temas, hipóteses, problemas, perguntas, exposições, documentários, faz-se isolar pela literatura, a semântica transformadora de conceitos e expressões, com grande relevância, muitas vezes dedutivas, outras vezes intuitivas, desenvolvendo aplicações possíveis com bastante

determinação. Tudo isso ocupando horas e muitos momentos de cansaço para rentabilizar intelectualmente tantas horas de energias para nascer um livro, já prometendo mais outro, como fruto da própria natureza de uma pesquisa científica que, por definição, exige continuidade irrevogável.

Assim, o autor Matheus Sales, com toda sua experiência de pesquisador e formação nas ciências humanas, trazendo à luz a vida existencial, social e política, sobretudo profissional do grande médico paraibano Napoleão Rodrigues Laureano, destaca a peculiaridade desse vulto que defendeu a saúde na Paraíba, quando viveu numa época efervescente brasileira pela revolução de 1930. Respeitado por Getúlio Vargas, também testemunhou a ordenação mundial desenvolvimentista do Brasil, posterior ao advento da Primeira Guerra Mundial, acompanhando a queda de Estados imperialistas e assimilando também os efeitos de uma alavanca tecnológica, de industrialização e de progresso, desde os países europeus e norte-americanos, com o ecoar de um novo tempo.

Portanto, tendo nosso escritor reconhecido talento nas letras, projetando no ensaio biográfico um domínio literário com plena atualidade, sua marcante formação espiritual é apreciada em uma perspectiva de conjunto que o revela, igualmente, como jovem cientista social e como teólogo, ademais de atualmente seguir a busca de mais conhecimentos como acadêmico de História em Campina Grande, lugar onde reside. Isso porque seu fascínio pela investigação biográfica foi revelado às novas gerações de tal maneira que a estrutura do livro foi arquitetada para que o leitor pudesse compreender a história desse grande paraibano com uma linguagem de fácil leitura.

O seu pensamento o levou, além da teologia e história, a mergulhar na pesquisa sobre o Judaísmo e Genealogia na ordem teórica e, pela ordem prática, atuando como secretário do Instituto Antropus Educacional: instituição campinense de ensino, pesquisa e extensão, nos níveis de graduação, pós-graduação, mestrado e doutorado.

Aqui destaco que o autor apresenta em seu livro a vida e o legado profissional do Dr. Napoleão desde a infância e as primeiras letras; o advento do ataque de cangaceiros que o força a se mudar para a capital; resgata brilhantemente sua passagem pelo Recife, quando vai fazer parte do corpo discente da tradicional Faculdade de Medicina do Recife – hoje parte integrante da Universidade Federal de Pernambuco – quando na época estava instalada em um sobrado imponente na Praça do Derby que, ainda de pé, abriga o Museu da Medicina, onde lá registra-se a documentação universitária do aluno Napoleão Rodrigues Laureano. Ali ele foi discípulo dos mais destacados catedráticos de medicina, como o renomado cirurgião Arsênio Tavares e o Dr. Aluizio Bezerra Coutinho, cujas aulas sobre genética e evolução misturavam-se com estudos sobre filosofia da natureza.

Em outra parte, Matheus desvela a curiosa vida conjugal de Napoleão Rodrigues Laureano, que após a conclusão de seu curso superior, faz se instalar na capital paraibana, estabelecendo um consultório médico de grande demanda em João Pessoa, cidade que o conduz a aproximar e se envolver com a política local. Ademais, o autor narra o período quando advém um câncer, que o faz pisar em terra norte-americana para tratamento, quando o nordestino e o brasileiro dão respostas em oferecer doações para custear as despesas no estrangeiro, numa verdadeira ação filantrópica que posteriormente resulta no surgimento da Fundação Napoleão Laureano.

Finalmente, no pós-morte do grande médico, materializa-se um legado de grande reconhecimento nacional pelo feito da construção do Hospital do Câncer em João Pessoa. Por outro lado, o autor nos oferece uma análise espiritualista de cartas psicografadas de Napoleão, abrindo um enriquecedor espaço para os simpatizantes ao Espiritismo e imaginário popular, convergindo para a possibilidade de uma metafísica reinante entre o fenomenológico e o existencial.

Escrever este prefácio me dignificou como um dos momentos mais honrosos da minha vida profissional e acadêmica, porque diante dele me confesso envaidecido e eternamente grato pelo convite, inclinando-me respeitoso diante da generosidade do meu amigo Matheus Sales.

Prof. Dr. Matusalém Alves Oliveira  
Professor Titular da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)  
Campina Grande, 10 de março de 2022.

## PREFÁCIO II

O TEMPO é, inegavelmente, o maior responsável pela morte definitiva de cada indivíduo. Aqueles que não tiverem seus feitos registrados e reverenciados pelos seus semelhantes serão esquecidos nas masmorras do TEMPO, para todo o sempre. Porém, se suas vidas e seus feitos conseguirem sensibilizar a alma de seus contemporâneos, estarão para sempre vivos e presentes no cotidiano das pessoas.

Assim foi com Napoleão Laureano, que sozinho, num trabalho aparentemente modesto, deixou impressões vivas na sua cidade e no seu país.

Motivo de orgulho familiar, sua história de vida e sua personalidade impressionaram profundamente, geração após geração, seus familiares diretos a ponto de décadas depois, incentivar o jovem pesquisador, Matheus Sales, a escrever este livro.

E a importância da oralidade se sobrepôs a de provas documentais, na medida em que provocou o garimpo, a pesquisa certa e o surgimento de novos fatos.

Somado a tudo que já se sabia da genealogia e biografia de Napoleão Laureano, Matheus nos traz agora mais informações documentais e orais da vida do “médico herói do povo”, vítima do câncer, doença com a qual tanto se deparou na prática com seus pacientes.

E é também baseada em conversas familiares que coloco aqui o meu testemunho pautado na fala de meu esposo, Francisco Nunes da Costa, que de 1944 a 1950 conheceu de perto Napoleão Laureano e de quem possui grandes lembranças e profunda admiração. Diz ele: *“Laureano era um homem magro, de baixa estatura, fala mansa e cordial. Sempre vestindo camisa e calças brancas, o que o identificava como médico. Era respeitado na sociedade de João Pessoa e de toda a Paraíba. Modesto, nunca comentava sobre a sua prática na medicina.*

*Eu pertencia a uma família de João Pessoa quando o conheci e dela faziam parte, também, João e seu irmão José, que eram proprietários da Alfaiataria Universal, localizada na Rua Barão do Triunfo, onde Laureano também tinha seu consultório. Trabalhei durante algum tempo nesta Alfaiataria e, por diversas vezes, vi Laureano conversando com os proprietários de maneira íntima e cordial. Creio que a amizade entre eles iniciou-se na alfaiataria, porque Laureano passou a frequentar a casa da família, quando pude conhecê-lo mais intimamente.*

*João e José tinham uma sobrinha, de nome Olga, que trabalhava nos correios, como secretária do Chefe do Pessoal, e em 1947, ela conseguiu minha admissão nos quadros de funcionários do DCT como diarista. Comecei a trabalhar no setor de recebimento de correspondências, e lá conheci Maria, mãe de Marcina, esposa de Napoleão Laureano. Ela também*

*havia conseguido o emprego por intermédio de Olga, e assim, estabeleceu-se uma nova amizade, e eu e Laureano passamos a estreitar um pouco mais as nossas conversas, já que, por diversas vezes, eu, a convite de Maria, frequentava a sua casa para um bate papo e um cafezinho, quando também compareciam Laureano e Marcina. Nossas conversas eram sobre o cotidiano. Quase sempre voltado para as questões políticas e preocupado com a vida dos mais pobres e necessitados. Naqueles momentos, ele era, simplesmente, Napoleão.*

*Ele possuía um carro preto, conversível, que chamávamos de “baratinha” e todas as vezes que nos encontrávamos na casa da mãe de Marcina, ele me levava em casa, no Roger.*

*José Higino, irmão mais velho de José e de João, tinha um carro de praça e prestava serviços avulsos para Napoleão Laureano, de quem era fiel amigo. Era ele quem transportava os clientes que vinham do interior para se tratar com Napoleão.”*

Hoje, para entender a personalidade de Napoleão Laureano é importante tentar voltar no TEMPO, visitar uma região, examinar o comportamento da época, perceber hábitos e costumes, aceitar os medos e motivações, enfim, desvendar um mundo desconhecido por nós porque por nós não foi vivido...

E assim, o autor, influenciado pelas histórias familiares e seduzido pelo fascínio que o nome do Dr. Napoleão Laureano exerceu e ainda exerce no imaginário popular, resolveu desenvolver, com precisão, este trabalho que, além de reunir informações pulverizadas, traz à tona registros inéditos que corriam o risco de ficar para sempre nas profundezas do esquecimento.

Ana Maria Arnaud

Graduada em Desenho Geométrico e Artes pela Escola de Belas Artes da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), com licenciatura plena pela Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)

Pós-graduada em Geometria Aplicada à Representação Gráfica, pelo Instituto de Matemática e Estatística da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ)

Genealogista

Ex-Diretora do Colégio Pedro II, Rio de Janeiro

Lisboa, 8 de fevereiro de 2022



## INTRODUÇÃO

Napoleão Rodrigues Laureano nasce no coração do período de grandes mudanças e desenvolvimento no Brasil, em especial na região nordeste. É também um período no qual a nação e o mundo assistiam preocupados aos preparativos para a Primeira Guerra Mundial. Há não muito tempo, as nações europeias viviam a chamada *belle époque*<sup>1</sup>, um período de prosperidade e de avanços em todas as áreas, especialmente na cultural, na tecnológica e, sobretudo, na econômica. Uma grande alavancada econômica impulsionava as nações, especialmente os Estados Unidos da América, que experimentavam uma alta econômica que parecia não ter fim.

Este cenário mundial parece-nos análogo à realidade vivida, não apenas por Napoleão Laureano, mas pela maioria dos sertanejos. Certamente foi uma época bastante difícil. No momento em que velhos impérios na Europa desabavam e países, ora colonizados, agora lutavam pela sua independência política, o nordeste brasileiro ainda vivia sob os signos do passado colonial. Os chamados "coronéis" ainda possuíam relevante participação na vida de milhares de pessoas e o cangaço ainda era algo presente. Devido ao movimento do cangaço, Napoleão Laureano e sua família foram obrigados a deixar a pequena cidade de Natuba e buscar refúgio na capital, a então Cidade da Parahyba.<sup>2</sup>

De boa família, Napoleão Laureano desde cedo mostrou uma notável aptidão e vocação pela medicina. Decerto, ainda muito jovem, suas experiências com o Hospital Municipal Santa Isabel o marcaram profundamente. Mandado a estudar no Recife, concluiu a faculdade de medicina pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Ao regressar à Paraíba, abre um consultório médico, onde, sem demora, atrai uma multidão em busca de tratamento para suas enfermidades.

O propósito deste trabalho não é pensar em Napoleão como um herói, embora possua de nossa parte uma profunda admiração e respeito, mas propomos pensá-lo como um receptáculo de pensamentos e ideias correntes, enxergando, dessa maneira, a história de uma época compreendida através da experiência de um indivíduo. Outro ponto proposto é a ideia de dessacralizar o Napoleão Laureano em seu papel estritamente público e ligá-lo também ao particular, abordando aspectos de sua vida, desde seu nascimento até sua morte, assim como um estudo cuidadoso e minucioso de sua extensa árvore genealógica, apresentando seus parentes mais próximos e regressando quase 800 anos no tempo, até Ruy Capão, judeu castelhano convertido ao cristianismo.

---

<sup>1</sup> Do francês "bela época", foi um período de grande otimismo e paz, desfrutado pelas grandes potências ocidentais, especialmente França, Inglaterra e Estados Unidos. A expressão também designa o clima intelectual e artístico do período entre 1871 e 1914.

<sup>2</sup> A atual capital do estado da Paraíba, João Pessoa, com a saída dos holandeses do nordeste brasileiro, passou a ser comumente chamada de Cidade da Parahyba, ainda que a legislação real continuasse a se referir a ela como "Cidade de Nossa Senhora das Neves".

Ainda, abordaremos acidentes aéreos, a mobilização nacional e até internacional pela construção do hospital de câncer, que viria a ser o seu maior legado. São fatos que permeiam a história do famoso médico paraibano.

Sendo assim, é necessária uma análise minuciosa sobre este importante personagem histórico. Estudando-o, pensamos ser possível colocá-lo como porta-voz de uma época. Deve ele ajudar-nos a responder às questões que lhe serão colocadas sobre o seu momento histórico. No que trata sobre o material utilizado, este vai desde jornais da época, revistas, nobiliários das famílias portuguesas, certidões civis e religiosas, testemunhos e entrevistas, assim como as cartas psicografadas, que não utilizaremos como fonte histórica, mas as usaremos para compreender como o Dr. Napoleão Laureano perpassa o imaginário popular, tornando-se um personagem que transcende a metafísica.

Durante muito tempo, refleti se deveria ou não escrever esta obra, haja vista a enorme quantidade de material posto sobre ele (revistas, jornais, documentários... embora ainda não haja um livro dessa natureza). Ao pensar no gênero que me proponho a escrever - uma biografia -, confesso ter ficado receoso. Contudo, se jornalistas e romancistas podem fazê-lo, por que não nós, que trabalhamos diretamente com a história? Pois bem, resolvi fazê-lo, coloquei-o em prática, tendo em mente que este trabalho não tem a intenção de chegar a uma verdade final, mas, sobretudo, a mais próxima verossimilhança. Assim sendo, a exemplo do que fez o historiador francês Jacques Le Goff, ao escrever *São Francisco de Assis*, ponho aqui o “meu Napoleão Laureano”, tornando o entendimento simples, dosando a linguagem acadêmica com a leitura fluida, porém sem nunca abandonar os métodos de nossa disciplina e, sobretudo, nunca sendo sensacionalista.

Napoleão Laureano não foi um homem à frente do seu tempo, mas um personagem fruto de um tempo de mudanças, no qual a ciência estava a se desenvolver, a política regional estava a mudar. Como porta-voz dessas novas ideias, pôs a cabo os seus pensamentos políticos e sociais, desde o ataque de cangaceiros à Natuba, que o obrigou a mudar-se para a capital, até os anos de universitário, na altura que lutava contra o Estado Novo e o regime antidemocrático do presidente Getúlio Vargas. Mesmo após formado médico, não abandonou as causas sociais. Lançando candidatura a vereador, entrou na vida pública, na qual defendeu os interesses e o bem-estar dos mais necessitados, até o momento de sua morte.

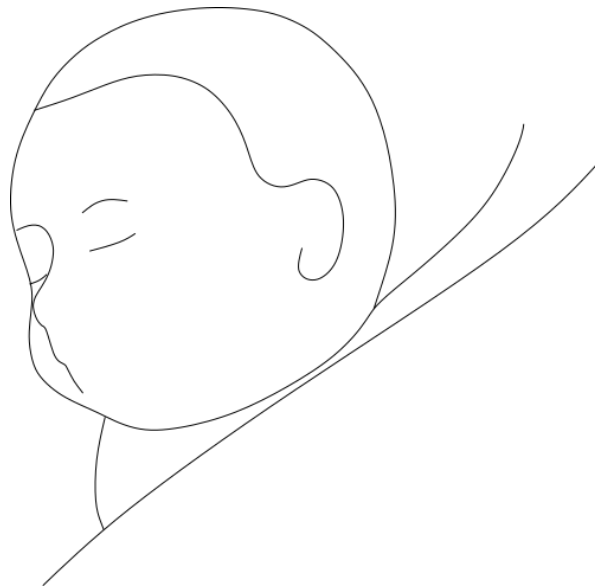
Mesmo após sua morte, tornou-se uma figura que transcendia a metafísica, símbolo de amor ao próximo e modelo de mártir. Adentrando ao imaginário popular, centenas de pessoas buscavam centros espíritas na esperança de com ele se tratar, ou de encontrar bons conselhos de alguém que não mais pertencia ao mundo dos vivos. Um exemplo disso é a coleção de cartas psicografadas

organizadas em 1992 pelo Grupo Napoleão Laureano, que mais à frente será apresentada e discutida nesta obra.

Esperamos que o leitor possa tirar suas próprias conclusões acerca dessa figura tão importante do nosso país. Analisando seus comportamentos e as vicissitudes que marcaram sua trajetória como médico, político, figura pública e pai de família, propomos compreender não apenas a sua curta vida, mas todo o contexto do seu momento histórico. O fazemos na esperança de que sua memória seja preservada e o estudo sobre sua vida incentivado, levando à reflexão sobre a importância de políticas públicas de saúde, questão esta que sempre esteve nas pautas do médico paraibano.

**PARTE I:**  
**UMA BIOGRAFIA DO MÉDICO MÁRTIR**

# **CAPÍTULO I: OS PRIMEIROS ANOS**



## OS PRIMEIROS ANOS

Napoleão Rodrigues Laureano nasceu na vila de Natuba, que na altura era comarca de Umbuzeiro, no estado da Paraíba, no dia 22 de agosto de 1914. Era filho do fazendeiro Floriano Rodrigues Laureano, tenente da extinta Guarda Nacional, e de sua segunda esposa, Teófila Bezerra da Silva, que ao casar-se, adotou o sobrenome Laureano. O tenente Floriano fora casado pela primeira vez com uma mulher chamada Josepha Gonçalves Pereira, e com ela teve duas filhas: Herculina Rodrigues Laureano e Maria Rodrigues da Conceição. Trataremos de forma mais detalhada sobre esse primeiro casamento e a genealogia das duas meninas na segunda parte deste livro.



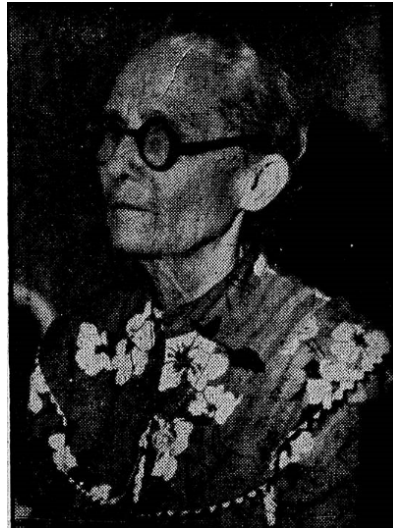
Napoleão Laureano, retornando de sua viagem ao estrangeiro, visita seu velho pai. Fonte: A União.

A mãe de Napoleão Laureano, dona Teófila Bezerra da Silva, era uma mulher simples, de ascendência holandesa, olhos azuis, media 1 metro e 63 centímetros de altura e adorava cigarros fortes. Era a segunda filha de sete nascidos. Seus seis irmãos eram: José Bezerra da Silva, Rodosina Bezerra da Silva, Manoel Bezerra da Silva, Martinha Bezerra da Silva, Floriano Bezerra da Silva e Flora Bezerra da Silva. A relação da família de Teófila e os Laureano parece ter sido bastante intrínseca, pois uma de suas irmãs, Flora Bezerra da Silva, casou-se com Severino Rodrigues Laureano, este, provavelmente, irmão do pai de Napoleão Laureano.

Do casamento de sua irmã, Flora Bezerra da Silva, com Severino Rodrigues Laureano, deu-se duas crianças: Floriano Rodrigues Laureano (uma visível homenagem ao pai de Napoleão) e uma menina chamada Cecília Rodrigues Laureano. Esta última casou-se com seu primo de primeiro grau, Severino Bezerra da Silva, filho de Rodosina. Pode-se perceber que a prática de endogamia era algo

recorrente nesse contexto histórico. As famílias procuravam casar os seus dentro do próprio meio, fossem com primos ou até mesmo tios. O objetivo era, seguramente, preservar os bens e costumes da família.

Então, possivelmente, Teófila, ao casar-se com Floriano Rodrigues Laureano, deslumbrava não apenas uma união conjugal, mas o reforço e a manutenção de laços familiares. A oficialização do casamento se deu no dia 1 de julho de 1915, na cidade de Umbuzeiro – como confirma o registro: *Matrimônios, livro 03, 1914-1916*. – A cerimônia ocorreu na própria residência do tenente Floriano, em sua fazenda localizada em Riacho de Natuba. A cerimônia teve início às 15 horas, provavelmente fazia calor, como é de costume. Ele já tinha uma idade relativamente avançada, 49 anos, e ela contava 30 anos. Floriano era filho de José Rodrigues Laureano e Genuína Francelina de Lima, pessoas importantes e bastante influentes na política local. Já Teófila era filha de João José da Silva e Maria Senhorinha de Jesus (seu nome também aparece como Maria José do Espírito Santo).



Teófila Bezerra Laureano. Foto: Diário Carioca

Uma informação bastante importante que se encontra ao final do registro é o fato de que, na altura do casamento, eles já tinham três filhos: Abigail Rodrigues Laureano, Aarão Rodrigues Laureano e o próprio Napoleão Rodrigues Laureano, que no momento do casório de seus pais – assim diz o registro – tinha 3 anos de idade, o que provavelmente foi um engano do escrivão, pois se sabe que Napoleão nasceu em 1914, sendo assim, teria mais ou menos 1 ano e 11 meses de vida.

A infância de Napoleão Laureano foi bastante conturbada, mas certamente repleta de aventuras de que toda criança deve usufruir. Não havia para Napoleão companhia melhor do que a de seus irmãos. Abigail nasceu provavelmente em Natuba no ano de 1912, sendo, portanto, a filha mais velha. Casou-se com José Nunes de Andrade e com ele teve uma longa descendência que podemos

traçar até os dias atuais (que será detalhada na próxima parte). O segundo irmão de Napoleão se chamava Isaac Rodrigues Laureano. Nascido em 1920, era um homem de negócios, conhecido pela sua bondade. Casou-se com Antônia Nunes de Andrade, esta ainda viva, residente na cidade de João Pessoa e dona de uma memória invejável. O terceiro irmão se chamava Aarão Rodrigues Laureano, deste sabemos bem pouco, a não ser que casou-se com a pernambucana Maria da Matta Ribeiro. Por fim, chegamos ao último irmão, Fernando Rodrigues Laureano, mas se de Aarão sabemos bem pouco, deste não se sabe quase nada.

O tenente Floriano e sua família moravam numa fazenda no interior de Riacho de Natuba, uma vila localizada no agreste paraibano. Hoje, passados 108 anos desde o nascimento de Napoleão, Natuba ainda guarda características daquela época distante. Um povo simples, que mantém uma vida de muito trabalho, acostumado a ver nascer inúmeros personagens históricos importantes para o país. A parceria Umbuzeiro-Natuba deu ao Brasil os políticos João Pessoa e Epitácio Pessoa, o jornalista Assis Chateaubriand, o diplomata e deputado federal Francisco Pessoa de Queirós e o ator Luiz Carlos Vasconcelos.

## **AS PRIMEIRAS LETRAS**

Estudou as primeiras letras ainda em Natuba com a professora Maria do Egito. Ainda nos anos 1930, os pais de Napoleão Laureano o mandam para a capital pernambucana, a fim de estudar em um colégio interno dirigido pelo eminente professor padre Félix Barreto. Após um breve momento no Recife, Napoleão regressa à Paraíba para terminar seus estudos e concluir o ensino médio na escola secundária Liceu Paraibano, localizada na avenida Presidente Getúlio Vargas, no centro de João Pessoa. Ao terminar sua formação, retorna ao Recife, agora como aluno da faculdade de medicina na Universidade Federal de Pernambuco, onde teve a honra de ser aluno do ilustre professor Ageu Magalhães, grande médico e anatomopatologista pernambucano. Sem tardar, Napoleão Laureano se destaca entre seus colegas de sala como aluno brilhante, exemplar e dedicado aos estudos. Veio a se formar com mérito em dezembro de 1943, em pleno contexto da Segunda Guerra Mundial.

## **IDA PARA JOÃO PESSOA**

Portanto, Napoleão Laureano nasce em um momento áureo do agreste paraibano. Entretanto, ventos de mudanças repentinas rapidamente chegaram à cidade de Napoleão e mudaram a sua vida e a de sua família para sempre. Durante as décadas de 20 e 30, muitas cidades nordestinas ainda sofriam com os saques e pilhagens dos ataques de cangaceiros. Um dos mais famosos desta época foi



Antônio Silvino, que aterrorizou as cidades do agreste paraibano. Natuba-Umbuzeiro, por se localizar próximo da divisa com o estado de Pernambuco, era uma rota frequente dos cangaceiros. Acerca do movimento do cangaço paraibano, indicamos a monografia do professor Manoel Luís Barros de Andrade, intitulada *Antônio Silvino e a resistência camponesa: passagens de um anti-herói pelo cariri paraibano (1898-1914)*.



Foto da Igreja Matriz de Nossa Senhora do Livramento na atual Umbuzeiro. Fonte: acervo pessoal.

E foi graças a um ataque de cangaceiros, no ano de 1933, que Napoleão e sua família foram obrigados a deixar a pacata Riacho de Natuba, mudando-se para a capital do estado. Lá chegando, o tenente Floriano Rodrigues Laureano se apressou a comprar um casarão na Avenida Monsenhor Walfredo Leal, localizada no bairro do Tambiá. O imóvel anteriormente pertenceu ao Sr. João Vitorino Vergara e sua esposa, a sra. Maria de Lourdes Vergara, como consta no Cartório Pedro Ulysses. Ao comprar o imóvel, o tenente Floriano escriturou-o no nome de seu filho, Napoleão Laureano (o que daria muita dor de cabeça no futuro), no dia 23 de julho de 1935. Hoje no local funciona uma importante gráfica, onde pouco da arquitetura original sobreviveu. Não era a primeira vez que Napoleão Laureano experimentava a vida fora de sua terra natal. Quando ainda pequeno, com cerca de 11 anos de idade, foi mandado para a cidade do Recife para completar seu curso secundário, estudando no “Ginásio do Recife”, que na altura estava sob direção do padre Félix Barreto. Terminado o colegial, regressou à Paraíba, voltando a morar com seus pais.

É interessante o exercício mental de como seria o cotidiano vivido pelo pequeno Napoleão ao chegar à capital paraibana. João Pessoa, na década de 1910, possuía cerca de 30 mil habitantes (TAVARES, 1910, p. 509), enquanto Campina Grande, a maior cidade do interior da Paraíba, nos anos de 1920, possuía não mais de 10 mil pessoas (CÂMARA, 1998, p. 96). No momento em que os símbolos da modernidade chegavam ao nordeste brasileiro, estes sendo, em sua maioria, invenções

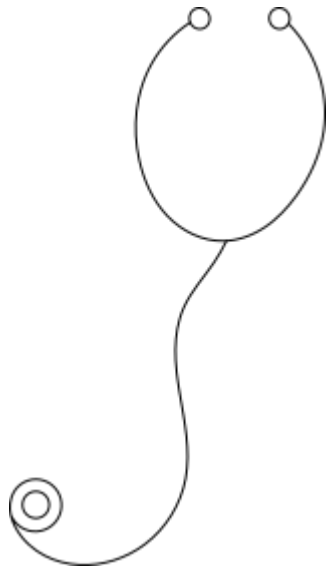
tecnológicas vindas do estrangeiro, como é o caso dos telégrafos, linhas de trem de ferro e iluminação elétrica e a gás, as cidades paraibanas ainda estavam atrás da então “metrópole” pernambucana, que em 1920 já possuía 200 mil habitantes. Portanto, não é de se estranhar que Napoleão Laureano, assim como outros ilustres filhos de Umbuzeiro/Natuba, como Assis Chateaubriand e o próprio João Pessoa, além de muitos outros influentes paraibanos, tenham ido estudar no Recife, que desde o Império era o destino daqueles que procuravam uma melhor educação.

Sobre esses signos do moderno na Paraíba, sugerimos a leitura do texto *Seduções do moderno na Parahyba do Norte: trem de ferro, luz elétrica e outras conquistas materiais e simbólicas* do grande professor Gervácio Batista Aranha.<sup>3</sup>

---

<sup>3</sup> Professor do Departamento de História da Universidade Federal de Campina Grande.

## **CAPÍTULO II: O MÉDICO NAPOLEÃO**



## O MÉDICO NAPOLEÃO LAUREANO

Napoleão Laureano, ainda muito jovem, morava no casarão na avenida Monsenhor Walfredo Leal, em João Pessoa, como já mencionado, sendo a primeira residência do famoso médico na capital paraibana, e bem próximo dali se localizava o Hospital Municipal Santa Isabel. Essa proximidade com um hospital viria a influenciar profundamente a decisão e a vocação do Napoleão Laureano pela medicina. A ajuda aos mais pobres, aos necessitados e aos desamparados foi uma valorosa característica do médico durante sua curta, mas dedicada vida.

Ao caminhar pelas ruas e praças ao redor do hospital, deve ter se deparado com a peregrinação dos enfermos vindos do interior em busca de tratamento na capital. Enxergou na necessidade de auxílio aos pobres a sua vocação, e fez disso regra em sua vida. Mais à frente, discutiremos sobre sua caridade e sua afável dedicação e comprometimento para com a medicina, deixando de cobrar daqueles que nada tinham a oferecer. O amor ao povo era sua motivação.

Imaginemos como deve ter sido marcante esta experiência. Ainda na juventude, sentado à sombra das árvores, Napoleão observava preocupado a dor e os sofrimentos de pessoas simples que, assim como ele, vinham do interior. Observava-os sozinhos, desamparados, sem que ninguém viesse ao seu socorro, sem auxílio. Napoleão os via morrer... Certamente isso o deixava profundamente triste e a dor aos outros era dor a ele próprio. Neste momento, deve ter se lembrado de quando tinha apenas 5 anos de idade e viu sua mãe adoecer repentinamente. Na entrevista dada a Eva Ban e divulgada na revista *A Noite Ilustrada*<sup>4</sup>, em 27 de março de 1951, já muito debilitado e próximo da morte, ele nos conta sobre o despertar à medicina: “Eu gostava de ficar sentado num canto, de tarde. Devia ter mais ou menos cinco, resolvi ser médico. Nebulosamente, enquanto acompanhava o voo uma grande mosca que fazia – zum-zum-zum, fiquei imaginando eu, vestido de avental branco, tratando do meu cachorrinho predileto... Não sei bem como me veio a ideia... Devia ser por causa da doença de minha mãe, de poucos meses atrás, quando a imponência do médico que a tratara impressionou profundamente [...]”.

Enxergando a necessidade de ajudar os outros e profundamente tocado pela experiência de sua mãe, Napoleão Laureano, muito jovem, assim como um artista que desperta para sua arte, um músico que descobre sua voz imponente, um ator que deslumbra a habilidade de interpretação, atende a um chamado interno. Mais do que a medicina, o amor ao próximo toma conta de seu coração e mente. Então, dedicou-se profundamente aos estudos, demonstrando uma paixão por aprender. Educação esta que, como já citado, começou ainda em Natuba, onde estudou as primeiras

---

<sup>4</sup> *A Noite Ilustrada* foi uma importante e notória revista de variedades. Encerrou seus trabalhos em 1954.

letras com a professora Maria do Egito e, ainda nos anos de 1930, foi mandado a estudar na capital pernambucana. Após um breve momento no Recife, Napoleão retorna à capital paraibana, onde termina seus estudos na escola secundária Liceu Paraibano. Ao terminar sua formação, retorna ao Recife, agora como aluno da faculdade de medicina na Universidade Federal de Pernambuco, onde veio a se formar com mérito em dezembro de 1943, embora com muita dificuldade.

Retornando à capital paraibana, abre seu consultório no primeiro andar, número 474, na rua Barão do Triunfo. Atuando como clínico geral e cirurgião, dedicou-se de maneira especial aos estudos de cancerologia e seu respectivo tratamento. O jornal A Noite, de 1 de julho de 1951, pouco tempo depois da morte de Napoleão Laureano, nos conta que nos primeiros anos desde o retorno, Laureano ocupara os cargos de anatomopatologista do Serviço de Verificação de Óbitos de João Pessoa, de cirurgião de Serviço de Pronto Socorro, chefe de Serviços Médicos das Usinas São João e Santa Helena, de João Pessoa, nas quais exercia, cumulativamente, o cargo de cirurgião daqueles serviços. No mesmo período, também atuou como médico do Hospital Santa Isabel, o mesmo hospital que anos antes tinha assistido à dolorosa peregrinação dos enfermos vindos do interior do estado. Atuou também como cirurgião do Hospital São Cristóvão, onde passou a compor o corpo médico da instituição, ao lado dos seus amigos: Dr. José Asdrúbal Marsiglia de Oliveira e Dr. Nilton Nobre de Lacerda.



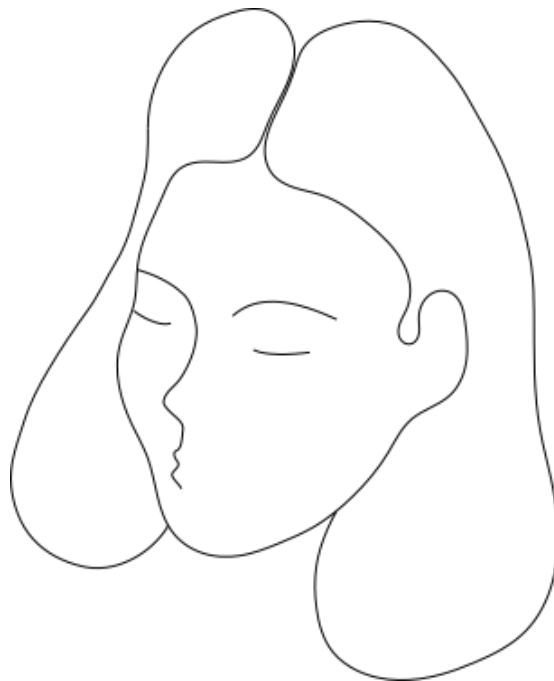
Napoleão Laureano compondo o quadro médico do Hospital São Cristóvão. Fonte: TV Câmara.

Fez um curso de anatomia patológica no Serviço Nacional de Câncer, na capital da República, na altura, a cidade do Rio de Janeiro. Posteriormente, em 1949, fez o estágio na Santa Casa de Misericórdia. Na mesma época, fez o curso de psicologia médica, tendo como ministrante o

professor Mira y Lopez. Napoleão escreveu vários artigos científicos, nos quais chamava atenção dos companheiros de profissão e dos órgãos públicos para a necessidade de maior investimento em pesquisas e infraestrutura, a fim de que, com diagnóstico rápido e amparo instrumental, pudessem salvar pacientes acometidos do câncer. Durante os anos 40, escreveu “*Tratado Relativo à Aplicação da Mostarda no Combate ao Câncer*”, um exemplar de uma série de artigos, nos quais escreveria sobre o tema, procurando sensibilizar o governo e a sociedade pessoense sobre tratamento e prevenção do câncer. Escreveu também outros trabalhos: “*Um caso de secção total no tendão de Achilles*”; “*Um caso de linfossarcoma do intestino delgado*” e “*Correção de um defeito maxilo-facial*”.

Infelizmente, não obteve a repercussão que pretendia. Isaac Rodrigues Laureano, irmão de Napoleão, ao escrever uma carta ao senhor Júlio do Carmo, publicada pelo jornal O Norte, datada de 22 de fevereiro de 1952, diz: “[...] tudo que fazia (Napoleão) era a bem dos outros, a bem dos desprotegidos da sorte e nada a seu bem. Iniciou uma campanha de combate ao câncer pelos jornais da capital do estado natal, que se fez sentir até o dia em que morreu o pai de D. Marcina, o Sr. Melo, Napoleão encerrou-a com as seguintes palavras: ‘Marcina, este será o meu último artigo de combate ao ‘câncer’, pois não contei até agora com apoio do povo, da classe médica, nem do governo. Portanto se minha vida for necessária para que os cancerosos tenham melhor sorte, que Deus disponha dela’” (O Norte, João Pessoa, 22 fev. 1952, edição 603). Esta emocionante revelação escrita há 5 de janeiro de 1952 comprova a total devoção, dedicação e preocupação que Napoleão tinha pelo seu povo. Tal empatia o levaria a ingressar na vida pública, exercendo o cargo de vereador na cidade de João Pessoa, como veremos mais à frente neste livro.

**CAPÍTULO III:**  
**MARCINA DE MELO SAMPAIO**  
**LAUREANO**



## A ESPOSA DO MÉDICO PARAIBANO

Marcina Sampaio de Melo Laureano, este foi o nome da mulher por quem o médico Napoleão se apaixonou enquanto ainda estava no Recife, como ele próprio conta na já mencionada entrevista à Eva Ban: “Um ano após minha entrada na Faculdade de Medicina de Recife, conheci Marcina. [...] Ela estava na janela da sua casa, seus cabelos lhe caíam até os ombros e estava vestida de azul. Lembro como se fosse hoje... Passei, cheguei até a esquina da rua e voltei. Enchi meus olhos com sua imagem e fui-me embora. Voltei no outro dia e no outro e no outro ainda, até que consegui juntar bastante coragem para falar-lhe. Pareceu-me tão inteligente, quanto bonita e desejei continuar a falar-lhe, sempre, até o fim da minha vida. Após ter-me encontrado três vezes com Marcina, pedia-a em casamento. Seus pais concordaram. E então guardei a data. 5 de abril de 1939 em meu coração. [...] Ela contava somente treze anos. Em 22 de julho de 1944, casamo-nos. Eu me formara um ano antes e ela também, em seu curso de enfermagem [...]” (A Noite Ilustrada, 27 mar. 1951, edição 1.152).



Foto do casamento de Napoleão Laureano e Marcina Sampaio de Melo.  
Foto: A Noite Ilustrada.



A rua por onde Napoleão passou e viu a jovem Marcina foi a Rua da Imperatriz, na casa de número 70, na cidade do Recife. Nascia naquele momento uma grande paixão que duraria até o fim da vida do médico Napoleão. Marcina o acompanhou desde a ida para João Pessoa até suas viagens ao Rio de Janeiro e pelo Brasil afora, assim como no estrangeiro, acompanhando-o até a cidade de Nova Iorque, viagem esta realizada no dia 15 de janeiro de 1951. Falaremos com mais detalhes dessa viagem no decorrer do livro. Sobre a biografia de Marcina Sampaio de Melo Laureano, esta era filha de José Oemio de Melo, um banqueiro pernambucano aposentado, nascido no dia 10 de março de 1900, e de sua esposa, Maria Sampaio de Melo, nascida no estado do Ceará, na data de 13 de outubro de 1886. De boa família, podemos traçar sua genealogia até pelo menos 1700. Esta pesquisa, porém, não será trabalhada neste livro. Talvez, em um futuro.



Foto de Marcina Sampaio de Melo Laureano. Foto: A Noite Ilustrada.

Em primeiro de dezembro de 1951, alguns meses após a morte, a Revista da Semana, número 48, traz um relato da própria Marcina sobre seu célere casamento com o Dr. Napoleão: “[...] Não tivemos romance, porque passamos logo à história, isto é, não houve prolongado namoro e sim rápido matrimônio. Casamo-nos no dia 29 de julho de 1944. Esperamos ansiosamente uma filhinha que não veio. Adotamos, então, uma recém-nascida que hoje conta 4 anos de idade [...]”.

Napoleão a amou por todo o resto de sua vida. Amou aquela que nunca o abandonou, que sempre esteve ao seu lado. Porém, é verdade e conhecido que nem sempre a relação entres eles foi tão tranquila. A família de Napoleão Laureano desaprovava veementemente essa união. A situação

se agravou ainda mais após a morte de Napoleão, de forma que processos e acusações mútuas tomaram as capas dos jornais da época.

Dito isso, Marcina acompanhou-o desde a descoberta da enfermidade, enquanto ainda viviam em João Pessoa, até o seu último suspiro, na cidade do Rio de Janeiro. Ela estava lá segurando sua mão quando seu valente coração cessou e o Dr. Napoleão Laureano passou para o plano espiritual. Napoleão reconhecia essas provas de fidelidade e amor e, mesmo debilitado e vivendo seus últimos dias, não esqueceu o seu aniversário de casamento de 12 anos. O *Diario Carioca*<sup>5</sup> de 6 de abril de 1951 nos conta a história: “O quarto de Laureano apresentava ontem uma jarra de belas rosas vermelhas. Era um presente muito caro: recordavam que nesse dia, há 12 anos, o estudante (segundo anista de Medicina) Napoleão Rodrigues Laureano, descobrira num primeiro andar da rua da Imperatriz então Marcina Sampaio, mas, daí a cinco e pouco, passaria a chamar-se Marcina Rodrigues Laureano [...]”. E a reportagem conclui: “D. Marcina olhou para o relógio (e diz): foi a essa hora mesmo, Napoleão. Sete e meia” (*Diario Carioca*, edição 6.984).

Sobre os irmãos de Marcina, sabe-se que eram quatro: Marcílio Sampaio de Melo, Márcia Sampaio Purcel, Paulo Sampaio e Tereza Maria. Alguns dos integrantes de sua família viriam a ter um fim terrível em um trágico acidente aéreo, que será apresentado em um capítulo mais à frente deste livro.

Um registro interessante é a certidão de óbito do pai de Marcina, o senhor José Oemio de Melo, falecido em 15 de setembro de 1947, vitimado por fimatose pulmonar e hemoptise. Ele contava apenas 47 anos de idade. O recém formado Dr. Napoleão Laureano atestou a certidão de óbito do seu sogro.

---

<sup>5</sup> O *Diario Carioca* foi um periódico brasileiro, fundado em 17 de julho de 1928, na cidade do Rio de Janeiro. Até o ano de 1965 foi um dos mais influentes e importantes jornais do Brasil.



A religiosa Marcina Laureano posa para foto. Foto: A Noite Ilustrada.

O casal tentou por várias vezes ter filhos. Marcina engravidou quatro vezes, porém em nenhuma delas teve sucesso. Portanto, em face da impossibilidade de geração de filhos biológicos, Napoleão Laureano e Marcina de Melo adotaram uma menina de nome Maria do Socorro Sampaio Laureano, nascida na capital de Pernambuco, no dia 18 de junho de 1946. Era uma menina linda, amável e simpática. Despertava o melhor sentimento daqueles que a conheciam. Sempre de bom humor, vivia as coisas pertinentes às crianças de sua idade, sem perceber que seu pai caminhava a passos largos para a morte. No velório de Napoleão Laureano, a pequena Maria do Socorro Sampaio protagonizou uma cena que emocionou a todos que estavam no local. Voltaremos a falar mais sobre isso quando tratarmos da morte do médico paraibano.



A sorridente Maria do Socorro Sampaio Laureano. Foto: A Noite Ilustrada.

Maria do Socorro era filha de Maria Salete e Paulino Ferreira. A adoção da menina foi motivo de debate e de acusações mútuas após a morte do Dr. Napoleão Laureano. Aparentemente, a relação de Marcina com os pais de Napoleão não era boa. Quando ela já estava casada com o médico paraibano e vivendo em João Pessoa, aborreceu-se com os velhos sogros, regressando à cidade de Recife. Segundo Isaac Laureano, irmão de Napoleão Laureano, este foi ao Recife várias vezes na tentativa frustrada de trazê-la de volta, contudo, nem sequer foi recebido.

Napoleão Laureano teria confessado ao seu querido irmão que se fosse solteiro, não se casaria, pois estava casado há pouquíssimo tempo e já estava completamente desiludido. Teria afirmado, ainda, que infelizmente a sua profissão de médico exigia que ele fosse casado e vivesse feliz perante a sociedade.

Após ter percebido o abatimento de seu marido em relação à união, Marcina, segundo Isaac, teria tratado de adotar uma criança, na tentativa de se assegurar em uma possível situação de divórcio. Marcina teria ido então ao Instituto de Proteção e Assistência à Infância de João Pessoa e lá teria retirado uma menina de nome Maria das Mercês, porém a mãe da pequena garota apareceu para restituí-la.

Frustrada, regressou, assim informa Isaac, ao Instituto, onde conseguiu finalmente adotar a pequena Maria do Socorro. Marcina teria ido ao cartório de registro civil na intenção de registrá-la

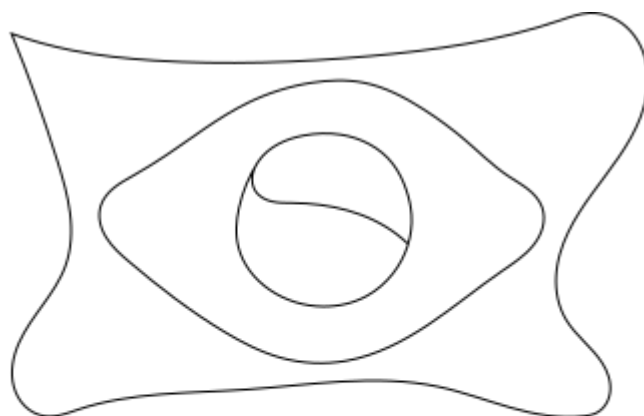
como filha de seu próprio ventre, encontrando a negativa do Sr. Sebastião Bastos, que conhecia o médico Napoleão e não tinha notícias dessa filha. Posteriormente, foi informado à Marcina que o processo não poderia ter prosseguimento, pois os pais biológicos da menina ainda viviam. Outra versão diz que o pai da garota estava vivo, mas por ser um malfeitor, estaria foragido (Revista da Semana, número 48). Não se sabe ao certo, mas, segundo Isaac, pouco tempo depois ambos haviam falecido e, agora, nada mais impediria a adoção da meiga Maria do Socorro (Jornal O Norte, 22 fev. 1952).

Para a mídia e o grande público, Napoleão Laureano e Marcina representavam o ideal de amor perfeito. A imagem da jovem e bela Marcina segurando a mão de seu esposo, ajudando-o a se alimentar, repousava na mente daqueles que acompanhavam a odisseia de Laureano em direção à morte, porém um dos objetivos deste livro é dessacralizar os personagens em seu papel estritamente público. Brigas e discussões acontecem em todo e qualquer relacionamento, e no casamento de Napoleão Laureano e Marcina Sampaio não seria diferente. Isto, contudo, não a impediu de se manter sempre fiel a Napoleão na hora que ele mais precisou.



Em seu apartamento no Rio de Janeiro, Napoleão sorri, satisfeito. Marcina tenta deixá-lo o mais confortável possível.  
Foto: Revista Life (USA).

**CAPÍTULO IV:  
NAPOLEÃO LAUREANO  
E A POLÍTICA**



## NAPOLEÃO PELA DEFESA DOS INTERESSES PÚBLICOS

Enquanto ainda estava na universidade, Napoleão Laureano mostrou aptidão e interesse pela política, se engajando em movimentos estudantis contra o Estado Novo durante o período Vargas. Embora não fosse um militante assíduo, nunca deixou de se dedicar à luta pela redemocratização do Brasil. Vargas, após o término da Segunda Guerra Mundial, viu-se obrigado pela pressão estrangeira a realizar eleições livres. Após um curto estágio na Argentina, Napoleão Laureano regressou à Paraíba, filiando-se em 1945 ao União Democrática Nacional – UDN. Dedicou-se a escutar os problemas e os interesses da população mais pobre, a qual Napoleão não pouparia esforços para ver bem.

O ano é 1945 e o mundo acabara de assistir ao término do maior conflito armado da história. O saldo de mortos foi estimado em 70 a 85 milhões de pessoas, cerca de 3% de toda população mundial, que nos anos 40 era estimada em 2,3 bilhões. Potências como o Japão Imperialista e a Alemanha Nazista desabam. Até os vencedores vêem seus sistemas políticos defasados, como é o caso do Império Britânico, o maior em extensão em terras descontínuas de toda história. Em seu auge, em 1920, chegou a ter cerca de 458 milhões de pessoas vivendo sob a Coroa Britânica, ocupando quase 24% da área da Terra. Dizia-se que “o sol nunca se põe no Império Britânico”, uma alusão ao seu gigantesco tamanho e presença em todos os continentes habitáveis, que garantia que sempre haveria um domínio britânico iluminado pelos raios solares.

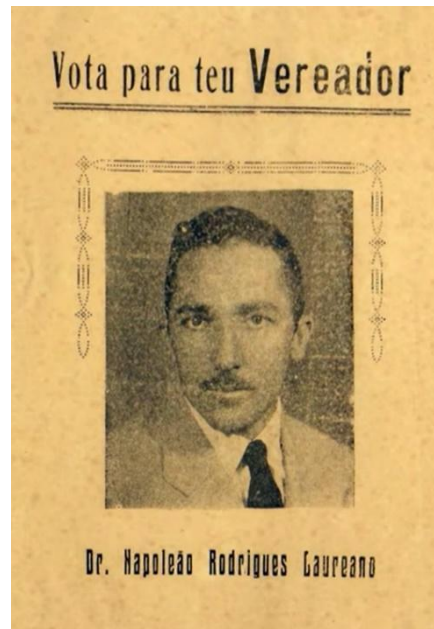
Mas até esse Império viu, graças à guerra, o seu sistema comercial preferencial se desmantelar. Alguns domínios britânicos no pós-guerra viram-se usados como bucha de canhão por Londres, que preferia “perder” indianos ou australianos do que ver seus súditos das ilhas britânicas mortos. Revoltas e movimentos de independência tomam conta do mundo britânico. O Império se torna insustentável. É o nascer de um novo mundo, este não mais ditado pelas potências europeias, mas sim dividido entre as duas novas potências: os Estados Unidos da América e a União Soviética.

Não havia mais espaços para impérios, pelo menos não os tradicionais. Ditaduras no lado ocidental do mundo eram insustentáveis, e os Estados Unidos começaram a agir como uma espécie de “polícia” do mundo. O Brasil, embora tivesse lutado ao lado dos aliados, tinha um sistema político identificado com o fascismo italiano, e agora precisava atender às demandas internacionais e à pressão norte-americana. Sendo assim, viu-se obrigado a fazer mudanças em seu sistema, a fim de se alinhar com os Estados Unidos. Mediante a necessidade de ter eleições democráticas como critério para participar da União das Nações Unidas, os próprios militares brasileiros articularam a queda de Vargas, que viria finalmente a se suicidar em 24 de agosto de 1954, no Palácio do Catete. Sobre esse

momento de transição, o candidato à presidência em 1950, João Mangueira, proferiu a sua famosa frase: “Não temos eleições. Nós e as tribos africanas”.

E foi nesse contexto de redemocratização que tomou conta do Brasil que Napoleão Laureano começou a se interessar pela política e iniciou sua militância, ainda na universidade, quando participou de alguns movimentos estudantis que exigiam o término da ditadura do Estado Novo e realização de eleições livres no Brasil. Em 1945, foi convencido a filiar-se à UDN – União Democrática Nacional, partido que estava fortemente enraizado e presente nas principais capitais da nação e que encabeçou a oposição ao presidente Getúlio Vargas.

Como receptáculo de ideias democráticas e vendo a oportunidade de representar a população mais carente de João Pessoa, o Dr. Napoleão Laureano, aproveitando de seu prestígio como um médico já reconhecido e preocupado com o bem-estar social, lança candidatura a vereador da capital paraibana.



Cartilha da campanha à candidatura a vereador da cidade de João Pessoa. Fonte: Câmara Municipal de João Pessoa.

Gozando de prestígio entre a classe média pessoense, mas também alcançando as camadas mais pobres da sociedade, o Dr. Napoleão Rodrigues Laureano é eleito vereador pela cidade de João Pessoa, alcançando o segundo maior número total de votos, ficando atrás apenas do veterano vereador João Cabral Batista. Sob a efigie de “O Médico do Povo”, Napoleão Laureano rapidamente se destacou entre seus pares vereadores, conseguindo respeito e admiração de todos. Começava ali uma carreira política de um homem que sempre se preocupou com os desprotegidos, com as políticas públicas de saúde e, acima de tudo, com o bem-estar social de seu sofrido povo.

O Jornal da União de 15 de novembro de 1947 anunciava a posse dos vereadores eleitos:



No pavimento térreo do edifício da Sociedade de Medicina, à rua das Trincheiras, realiza-se hoje, às 15 horas, a instalação dos trabalhos da Câmara Municipal de João Pessoa. O ato será solene, devendo comparecer ao mesmo autoridades e pessoas das várias classes sociais desta cidade. Instala-se hoje a Câmara Municipal de João Pessoa (Jornal *A União* de 14 nov. 1947).

Na ocasião também foram empossados os seguintes senhores: João Cabral de Batista (UDN), Mário Antônio da Gama e Melo (PSD), José Lopes da Silva (PSD), Janson Guedes Cavalcanti (PSD), Ranulfo Miguel de Oliveira Lima (UDN), Damásio Barbosa da Franca (UDN), Orlando Marinho Moura (UDN), Miguel Severino Bastos Lisboa (UDN), José Betânio Ferreira (UDN), José Clementino de Oliveira Junior (PSB) e Henrique Bernardo Cordeiro (UDN)<sup>6</sup>.



Após a sua chegada dos Estados Unidos, Napoleão Laureano é visitado pelos vereadores Miguel Bastos, Janson Guedes, Mário da Gama, Moacyr Soares, Henrique Cordeiro, Orestes Gomes, Damásio Franca, Luiz Ribeiro Coutinho e José Betânio Ferreira. Foto: *A União*.

O Dr. Napoleão Laureano foi agraciado com 941 votos, 6,28% dos votos válidos. Após a oficialização de posse dos doze vereadores eleitos, se deu a eleição da mesa diretora, através do voto secreto, o qual era algo totalmente novo. Bom que lembremos que essas eleições foram as primeiras livres desde o término da ditadura de Getúlio Vargas. Foram então eleitos o senhor Miguel Severino Bastos Lisboa (UDN), ao cargo de Presidente da Câmara, o senhor Napoleão Rodrigues Laureano (UDN), ao cargo de Vice-Presidente, o senhor Ranulfo de Oliveira Lima (UDN), como Primeiro Secretário e o senhor Henrique Bernardo Cordeiro (UDN)<sup>7</sup>, para ocupar o cargo de Segundo Secretário. Uma mesa composta inteiramente por políticos da União Democrática Nacional, o que evidencia a força do partido durante as décadas 40 e 50.

<sup>6</sup> Tribunal Regional Eleitoral da Paraíba – TRE-PB. Resultados das Eleições na Paraíba. Disponível em <https://www.tre-pb.jus.br/eleicoes/eleicoes-antiores/resultados-de-eleicoes>.

<sup>7</sup> Na eleição houve um empate entre os vereadores José Clementino de Oliveira Junior e Ranulfo Oliveira. Por critério de maior idade, Ranulfo Oliveira venceu a disputa.

O jornal A União de 18 de novembro de 1947, numa terça-feira, noticiava que o então prefeito de João Pessoa, Severino Alves da Silveira, passava o cargo ao Presidente da Câmara, o vereador Miguel Severino Bastos Lisboa. Um dia depois da posse como vereador, Napoleão Rodrigues Laureano assumiu a presidência da Casa. No seu discurso de posse, Napoleão Laureano proferiu as seguintes palavras:

“Congratulo todos meus pares, representantes do povo pessoense, reunidos nesta Câmara Municipal para estabelecer a retomada da democracia em nossa cidade. Invocando aqui o compromisso assumido com o povo, pela luta que, a partir desse momento, empreendemos pela felicidade dos pobres, dos humildes e dos sofredores. Expresso ainda, na condição de presidente desta Casa, o melhor desejo de bem servir à causa pública e aos superiores interesses municipais.”<sup>8</sup>

Como político, Napoleão Laureano se destacou como defensor das causas populares. Com vigoroso espírito republicano, conduziu a Câmara Municipal de Vereadores de maneira ininterrupta até 1951, quando veio a falecer. Na ocasião em que foi reeleito, já estava acometido pelo câncer e vivia seus últimos momentos. Não se encontrava na capital paraibana, mas sim no Rio de Janeiro, o que não impediu seus pares em João Pessoa de o reelegerem para o cargo.

Após sua morte, seu corpo foi trazido a João Pessoa, onde recebeu as homenagens finais do povo pessoense e da Câmara Municipal, que passou a se chamar Casa Napoleão Laureano, uma merecida homenagem dos seus pares.

---

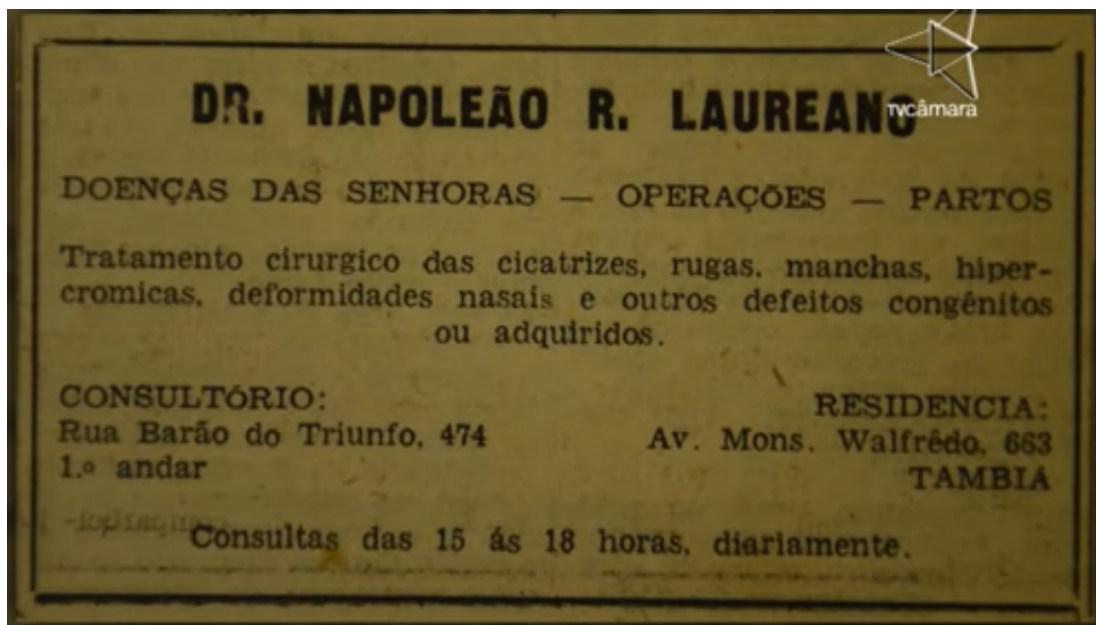
<sup>8</sup> Discurso proferido na sessão de reabertura dos trabalhos da Câmara Municipal de João Pessoa – 1947.

## **CAPÍTULO V: DESCOBRE O CÂNCER**



## PRIMEIRO CONTATO COM A MOLÉSTIA

Já estabelecido na cidade de João Pessoa, o médico Napoleão Rodrigues Laureano abriu um consultório na rua Barão do Triunfo. A vida prosseguia sem grandes anormalidades. Laureano se especializou em atendimento às mulheres e suas enfermidades. Dedicava-se, também, a tratamentos mais “simples”, como remoção de rugas, e outros mais complicados, como partos. Marcina, que era enfermeira, o ajudava bastante em suas consultas. Napoleão era conhecido pela sua imensa bondade e compaixão para com os mais necessitados. Não raramente, deixava de cobrar daqueles que não podiam pagar. Enxergava na ajuda aos mais necessitados sua causa-mor, a maior manifestação do amor cristão, isto é, o auxílio àqueles que nada possuem.



Anúncio dos serviços disponibilizados no consultório do Dr. Napoleão Laureano. Fonte: TV Câmara.

São conhecidos casos de pessoas enfermas que Napoleão Laureano recolhia, internava e operava por conta própria. Não via na função de médico uma oportunidade de extorquir os pobres e aumentar a sua riqueza particular. Pelo contrário, retirava do próprio bolso o dinheiro necessário para cuidar de quem precisava, não apenas seus amigos ou familiares, mas até pessoas totalmente desconhecidas. Sua compaixão não tinha critério de classe social ou raça. Napoleão os via como irmãos que precisavam, naquele momento, de sua ajuda.

A vida ia bem até começarem os primeiros sintomas. A priori, Napoleão não lhes deu muita importância, mas com o agravar das dores, sua preocupação foi crescendo. Se conta que, certo dia, enquanto Napoleão realizava uma cirurgia bastante delicada em um paciente canceroso, uma gota de sangue respingou em seu olho. Ao chegar em casa, informou preocupado à sua esposa Marcina que,

para todos os fins, se considerava canceroso. Não se pode afirmar que esta foi, de fato, a causa de sua enfermidade.



Napoleão Laureano mostrando seu olho inchado. Foto: Nelson Santos.

Verdade é, porém, que em pouco tempo começou a manifestar alguns sintomas, como ele próprio contou à revista *A Noite Ilustrada* na entrevista cedida a Eva Ban:

“Tudo ia bem, quando em 1950, mês de junho, comecei a sentir as primeiras dores no maxilar. Extraí alguns dentes, mas em nada melhorei. Em julho foi feita curetagem e o diagnóstico veio: ‘actinomicose’ (fungo na pele). Fizeram o tratamento adequado, mas, naturalmente, também de nada adiantou. Eu não sentia febre, nem estava emagrecendo. Somente minhas dores no maxilar aumentaram consideravelmente, que às vezes acordava a noite, coberto de suor frio. Minhas glândulas cervicais cresceram. Fui piorando: agosto, setembro, outubro, foram meses penosos. Mas eu continuava no trabalho normalmente e já havia iniciado uma campanha em prol dos cancerosos de João Pessoa, pensando em fundar um hospital especializado. Em novembro de 1950, tirei uma radiografia da cabeça. Esta radiografia acusou opacificação do maxilar esquerdo, e foi então resolvido que eu faria uma operação para esclarecimento do diagnóstico. No dia 26 de dezembro foi feita a intervenção” (*A Noite Ilustrada*, edição 1152).

Ainda nessa entrevista, Napoleão se preocupa em não contar detalhes do exame que diagnosticou o tumor. Pensando que isso poderia fazer mal à sua esposa, ele prossegue o depoimento:

“Eu prefiro não falar nesta operação. Talvez Marcina tenha sofrido mais ainda do que eu, ao ver-me submetido à delicada intervenção. Mas ao mesmo tempo, havia a esperança de que o diagnóstico determinasse o mal, como algo de fácil cura. No dia dois de janeiro deste ano, enquanto a lembrança das taças de champanhe ainda perdurava na mente e no coração de todos, recebemos o veredicto. O resultado do exame de laboratório dizia em letras muito claras e datilografadas –

linfossarcoma. Eu estava na casa da minha sogra. Virei para ela e disse calmamente; ‘É. O negócio é sério. Parece que vou morrer breve’. Minha sogra retrucou: ‘Não. Sempre há uma esperança...’ Donde veio minha calma? Não sei. No primeiro momento, foi como no caso dum corte profundo – só se sente dor após algumas horas. Eu estava como que anestesiado. Porém, a noite deste dia foi uma noite realmente repleta de negras sombras. Deitado ao lado de Marcina, escutando sua respiração ofegante, calculei que também não devia estar dormindo, mas que estava apenas fingindo para não me perturbar. No quarto contíguo, minha filhinha dormia. Minha doce filhinha, ainda toda rosada, toda encoberta de graça deliciosa da primeira infância... o que será dela! Confrangeu meu coração, como se tivesse recebido uma punhalada. Era preciso encarar a morte de frente. Câncer não tem cura. Mesmo tentando tudo que fosse possível, mesmo passando pelas mãos dos melhores médicos do universo – se para isso eu tivesse recursos – acabaria morrendo, pois, a ciência ainda a nenhum câncer – desenvolvido como o meu – tinha conseguido extirpar” (A Noite Ilustrada, ed. C).

Durante todo o período de enfermidade, Marcina ficou ao seu lado. Como um escudeiro medieval, o guardava (Napoleão Laureano em seu auge atraía muitos visitantes) e cuidava para que nada o faltasse. O incentivava a falar, a ter fé e nunca o deixava esmaecer pela fome. Uma fotografia de 1951 retrata Napoleão Laureano lendo uma carta que desejava sua melhora, enquanto Marcina o acompanha e, atenciosamente, o ouve. Laureano lê com muita dificuldade o papel que está em suas mãos cansadas.



Napoleão Laureano, ao lado de Marcina, lê serenamente uma carta. Foto: Nelson Santos.

Mesmo bastante fragilizado pela doença que o acometera e sem a certeza do que realmente se tratava, Napoleão Laureano continuou sua campanha, alertando os poderes públicos da importância de investimentos em saúde e conscientizando a população comum a procurar diagnósticos e tratamento contra o câncer, ao mesmo tempo que se dirigia aos seus pares médicos em artigos científicos, incentivando-os à pesquisa desta terrível enfermidade, da qual ele próprio tragicamente foi vítima. Conformado com seu inevitável fim, dedicou o resto de sua vida a divulgar sua causa, a fim de conseguir recursos suficientes para a construção de um hospital especializado em João Pessoa.

Sobre essa sua luta, com aparente tranquilidade em face à morte certa, ele confessou à repórter Eva Ban:

“[...] Aí consegui me convencer da inevitabilidade da morte. Então para que revolta inútil? Não seria melhor aproveitar-me do meu fim, para ajudar os outros? Não havia probabilidade de salvação para mim, a não ser a salvação da minha alma. Repentinamente passei a acreditar no céu. Tão certamente este existia como eu sentia que meu corpo não poderia morrer tão moço, cheio de forças, se não fosse com alguma finalidade secreta para o bem dos outros... Daí em diante, tudo foi fácil. Meus amigos, meus queridos amigos, juntaram em vinte e quatro horas dinheiro suficiente para

eu ir à América do Norte, tentar, mais uma vez, a cura. Voltei desenganado e estou usando meus últimos dias, últimas semanas, no máximo, com a ajuda dos meus colegas que estão empregando todos os recursos médicos para deixar atrás de mim um trilho seguro por onde poderão andar os outros, para não morrerem como eu [...]” (A Noite Ilustrada, edição 1152).

Sobre esta viagem à América do Norte que o Dr. Napoleão Laureano se refere, foi uma ação conjunta de vários amigos e instituições, que reunindo dinheiro, custearam sua viagem aos Estados Unidos como último recurso para tentar salvar sua vida, como ele conta numa entrevista concedida ao Diário de Pernambuco:<sup>9</sup>

“Médicos, amigos e desconhecidos, sem que eu participasse em nada, haviam angariado meios para que eu pudesse ter uma esperança maior de cura. O movimento partiu da minha classe e atingiu o povo da terra em que nasci. Os paraibanos me ofereceram a última oportunidade que me poderia ser dada naquele momento. E graças a esse povo, com o apoio do governador José Américo, do prefeito Osvaldo Pessoa e dos meus colegas vereadores da Capital, pude embarcar para os Estados Unidos”.



O Dr. Napoleão Laureano e sua esposa Marcina, durante sua viagem aos Estados Unidos. Foto: INP.

**“Vou buscar um remédio que ainda não existe!”**. Assim exclamou o Dr. Napoleão Laureano sobre sua ida ao estrangeiro. Sabia ele que as chances eram poucas, quase nulas, pois sua enfermidade já estava muito avançada. O jornal Diário Carioca de 9 de março traz os momentos que

---

<sup>9</sup> Diário de Pernambuco é um jornal publicado no Recife, capital do estado de Pernambuco. É o mais antigo periódico em circulação da América Latina, fundado em 1825.



antecederam a viagem ao estrangeiro: “‘Vou aos Estados Unidos buscar um remédio que ainda não existe’ – disse o dr. Napoleão Laureano, nas vésperas do seu embarque para Nova York, ao lado do dr. Celso Mariz, secretário do governo da Paraíba. Médico dos mais competentes, com uma vasta clientela em João Pessoa, o dr. Laureano não tinha ilusões sobre a gravidade do seu caso. Ao viajar para os Estados Unidos, à procura de um medicamento que sabia não existir, é provável que o guiasse uma vaga esperança de cura; mas, conforme o depoimento de pessoas a ele ligadas, com as quais este repórter teve oportunidade de conversar, fê-lo mais para entender a instâncias de amigos, que não hesitaram em se cotizar para proporcionar-lhe uma oportunidade de salvação. Até mesmo o governo do estado, reconhecendo os seus méritos, contribuiu com vinte mil cruzeiros, afora os donativos de particulares que de toda parte acorreram” (Diario Carioca, 9 mar. 1951, edição 6.961).

Embarcando no Recife na companhia da sempre presente Marcina, dos amigos Dércio Ferreira Mattos, Constantino Ferreira Pinto e Maria de B. Pinto Oliveira, chegou à cidade de Nova Iorque em janeiro de 1951, tendo como destino final o Memorial Hospital, um dos melhores hospitais não só da América, mas do mundo.

PASSENGER MANIFEST LISTA DE PASAJEROS		
OWNER OR OPERATOR <b>PAN AMERICAN WORLD AIRWAYS, INC.</b>		
FLIGHT NO. <b>N-88.912</b>	FLIGHT NO. <b>20812</b>	DATE <b>JANUARY 13 1951</b>
POINT OF EMBARKATION: <b>BRIS-PAR-BRASIL</b>		
POINT OF DISSEMBARKATION: <b>SEE BELOW, Various</b>		
SURNAME AND INITIALS <i>Apellido e iniciales</i>	FOR USE BY OWNER OR OPERATOR ONLY <i>Solo para uso del propietario o administrador</i>	FOR OFFICIAL USE ONLY <i>Para uso oficial solamente</i>
<b>U.S.A. 75</b>		
1. LAUREANO, Napoleão Rodrigues	BRAZILIAN V-1050465	HEAD TAX DUE
2. LAUREANO, Marcina S. de Melo	BRAZILIAN V-1050466	HEAD TAX DUE
3. MATTOS, Dércio Ferreira	BRAZILIAN 257A-V-641365	HEAD TAX DUE
4. PINTO, Constantino Ferreira	BRAZILIAN V-641366	HEAD TAX DUE
5. OLIVEIRA, Maria de B. Pinto	BRAZILIAN 257A-V-641364	HEAD TAX DUE

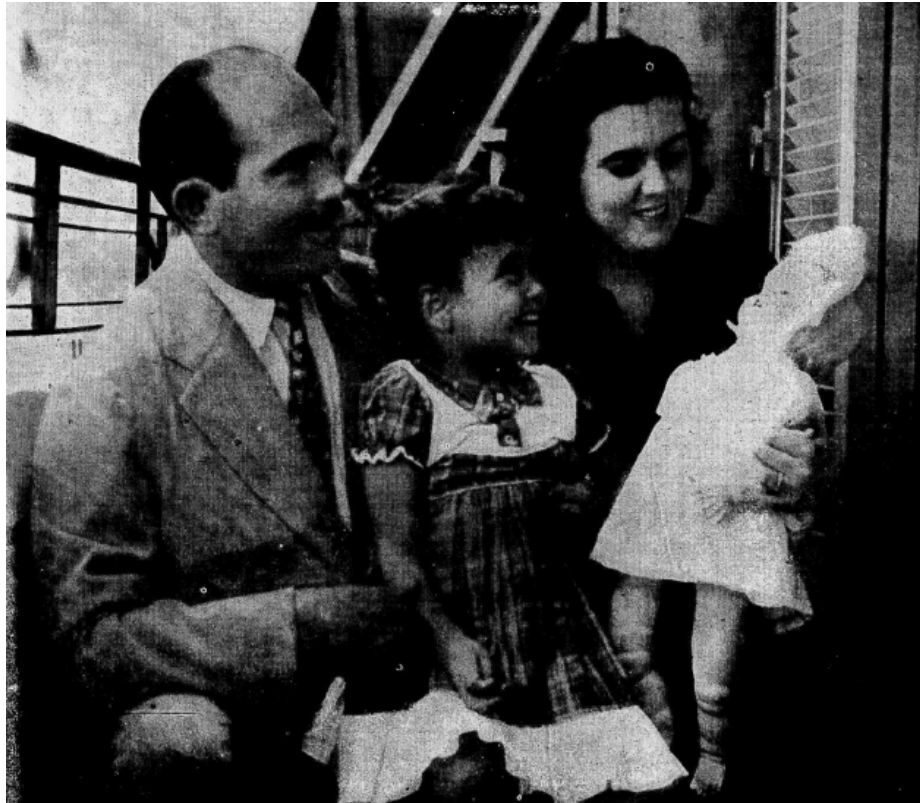
*Lines 4-5 - J.B. ...  
Lines 1-2 - A.C. ...*

Passagem do Dr. Napoleão Laureano para New York - Passenger lists, 13-17 Jan 1951 (NARA T715, roll 7936).

Voando pela companhia aérea Pan American World Airways, Napoleão Laureano foi realizar os exames necessários. Infelizmente, o veredicto médico foi que não havia mais nada que a medicina da época pudesse fazer. Os médicos norte-americanos calcularam o seu período de sobrevida para apenas mais 3 ou 4 semanas, no máximo.

Era, de fato, uma sentença de morte. Desenganado pela medicina, Napoleão regressa ao Brasil, não mais com esperanças de se curar, mas tendo em mente um propósito maior: evitar que outros passassem pelo que passou. A angústia e a certeza da morte sentidas do imo peito só não foram maiores do que a sua vontade e amor pelo seu povo. Voltava ao Brasil não curado do corpo, mas renovado em seu propósito.

De volta da sua viagem ao estrangeiro, Napoleão não se esqueceu que era pai, apressando-se a comprar uma linda boneca de pano, a fim de presentear a pequena Maria do Socorro, que o esperava ansiosa em casa. De volta ao lar, entrega a boneca à menina, que rapidamente lhe diz: “Não queria essa boneca papaizinho. Eu queria era que o senhor viesse bom lá da América. Todos nós queríamos isso, papaizinho [...]” (Revista da Semana, número 48).



Isaac Laureano traz no colo a pequena Maria do Socorro. Ela se alegra com a boneca. Foto: Revista da Semana.

**CAPÍTULO VI:  
INAUGURADA A FUNDAÇÃO NAPOLEÃO  
LAUREANO**



## A FUNDAÇÃO NAPOLEÃO LAUREANO

De volta ao Brasil e já desiludido de sua cura, Napoleão Laureano começa uma campanha nacional em prol da construção de um hospital especializado, no estado da Paraíba, além de um movimento mais amplo, que visava minorar o sofrimento de todos os cancerosos do Brasil. Dirigindo-se a políticos, artistas, empresários, fazendeiros e pessoas comuns, Napoleão não mede esforços para realizar esse seu último desejo e, a fim de levantar fundos, é criada a Fundação Napoleão Laureano, como noticia o jornal *Diario de Notícias*<sup>10</sup> de 23 de março 1951, informando a abertura do livro de contribuições:

“Com a presença de numerosas pessoas, inclusive os representantes do ministro da Educação e do presidente da Legião Brasileira de Assistência, médicos e diretores dos órgãos subordinados ao Serviço Nacional do Câncer, inaugurou-se, ontem, cerca das 11 horas, a Fundação Laureano, entidade que se destina, como se sabe, à aquisição de fundos para a campanha que vem de ser iniciada em favor dos cancerosos. A solenidade realizou-se na sede da Fundação, à avenida Erasmo Braga, 20-A, e a fita simbólica foi cortada pelo sr. Pompeu de Sousa, presidente da novel entidade”.

Na altura da inauguração da Fundação Napoleão Laureano, Napoleão já se encontrava bastante debilitado. Dali a poucos meses se encontraria com a morte, mas não sem antes deixar um legado. Talvez soubesse que não veria o hospital construído, mas em nada isso o desmotivou. Sabia que seu maior legado seria a mudança de chave em relação à saúde pública no Brasil, especialmente na sua amada Paraíba. Reuniu suas últimas forças para se dedicar ao bem-estar dos seus conterrâneos paraibanos, para que estes tivessem melhor sorte do que ele. Com uma vida de exemplo até seu último suspiro, certamente desejava cortar ele próprio o laço na inauguração. Não podendo fazê-lo, foi representado pelo importante político Pompeu de Sousa, nascido no Ceará em 1914, um dos personagens mais interessantes de sua época, que ajudou a transformar o jornalismo brasileiro. Dizia ele: “sem paixão não se faz nada”. Certamente, não havia pessoa melhor para dar início à campanha que em pouco tempo correria o Brasil inteiro.

Após Pompeu de Sousa ter cortado o laço e dado início de forma oficial à Fundação Napoleão Laureano, Napoleão, com dificuldade, proferiu o seguinte discurso: “Vivo hoje mais um dos grandes dias de minha vida. Confiava na generosidade de meus compatriotas, sentia quão sensíveis eram seus corações às grandes causas, mas nunca pensei que o meu apelo fosse ouvido por tantas almas samaritanas. Homens de todas as classes, políticos, adeptos de várias seitas, estudantes de todos os cursos, colegas, senhoras, crianças, brasileiros do campo e das cidades, todos me

---

<sup>10</sup> *Diario de Notícias* foi um importante periódico fundado pelo potiguar Orlando Vilar Ribeiro Dantas em 12 de junho de 1930. O jornal circulou até meados da década de 1970.

ouviram, e aqui temos o resultado palpável dessa arregimentação de forças sadias, que vossa bondade batizou com o meu nome. Grande homenagem para um médico até então anônimo, dedicado inteiramente às suas atividades profissionais. Mas as homenagens não mais me sensibilizam; somente o desejo de realizar velha aspiração de minha existência ainda vive e palpita no organismo que o câncer devora, em sua marcha traiçoeira e pertinaz. Hoje, mais um passo foi dado contra esse terrível mal. Por isto me sinto feliz” (Diário de Notícias, edição 8.715).

Isso dito, assentou-se. Levantou logo do seu posto o Dr. Mário Kroeff<sup>11</sup>, amigo íntimo e médico pessoal de Napoleão Laureano. Informou que o desejo de seu paciente e patrono da Fundação seria que a senhora Darcy Vargas, primeira-dama e esposa do então presidente Getúlio Vargas, fosse nomeada como presidente de honra da Fundação Napoleão Laureano. Foi uma ideia muito bem concebida, apesar de Napoleão, desde o tempo da faculdade, ter lutado contra a ditadura de Getúlio e, por anos, junto dos seus colegas da UDN, ter sido oposição ao governo Vargas. Ele sabia que não poderia abrir mão da ajuda do Presidente da República. Napoleão Laureano, em pessoa, se encontraria com Getúlio, a fim dele próprio lhe convencer de incentivar o povo brasileiro a se compadecer pela causa e ajudar com recursos financeiros a organização. Nesse momento, Napoleão mostrava todo seu lado político, sabendo costurar caminhos que levariam ao bem de seu povo.



Napoleão Laureano, ao lado de Marcina, concede uma entrevista. Foto: Revista Life (USA).

<sup>11</sup> O Dr. Mário Kroeff nasceu há 13 de outubro de 1891, na cidade de São Francisco de Paula, e foi um dos maiores médicos de sua geração. 12 anos antes da morte de Napoleão Laureano, Kroeff fundou o Serviço Nacional do Câncer, que foi, importante destacar, o primeiro núcleo organizado de combate ao câncer. Assim como o médico paraibano, um hospital foi dedicado à memória do grande Dr. Mário Kroeff.



O Dr. Napoleão Laureano em audiência com o presidente Getúlio Vargas. Foto: Reprodução.

Ainda sobre sua relação com a Presidência da República, Napoleão encontrou na figura da primeira-dama, Darcy Vargas, um apoio incontestável. Comovida com a situação do médico e impressionada pela sua profunda serenidade frente à morte, foi uma importante porta-voz da campanha em prol das doações. Ela disse aos dois diretores da Fundação Napoleão Laureano, que recebeu em seu gabinete de presidente da L.B.A.: “o que não compreendo é que haja quem possa deixar de compreender a grandeza que se encerra neste incomparável dr. Napoleão Laureano”. Na ocasião, ainda teria manifestado grande admiração pelo médico. O considerava um mártir, mais que isso, um ser que transcendia a humanidade, que conformado de seu fim, agora transformava o sofrimento em esperança. Ainda, chegou a confessar que por duas vezes tentou encontrar-se com o Dr. Napoleão Laureano: a primeira, no Serviço do Câncer e a segunda, no apartamento onde ele se hospedara, não obtendo êxito em ambas, mas esperava encontrá-lo naquela mesma noite na inauguração da Fundação.



Retrato de Darcy Vargas, uma das maiores porta-vozes da Fundação Napoleão Laureano. Foto: Diário Carioca.

Após devidamente instalada a Fundação, se deu a abertura do livro de doações para a campanha, a qual rapidamente atraiu dezenas de pessoas: homens e mulheres de todas as classes sociais, comovidos e decididos a ajudar aquela nobre causa. As doações daquele dia alternavam-se entre 100,00 e 1000,00 cruzeiros. Há registros de objetos de valor e até de joias que foram doadas.



Um dos presentes à inauguração da Fundação Napoleão Laureano assinando o livro de doações. Foto: Diário Carioca.

## **O GOVERNADOR DA PARAÍBA**

O sentimento de solidariedade rapidamente chegou à sua terra natal, o querido estado da Paraíba. Sem demora, as principais lideranças paraibanas se articularam em ajudar o seu ilustre filho em sua campanha. O governador do estado, o senhor José Américo, felicitou a Fundação Napoleão Laureano e, em entrevista telefônica, proferiu as seguintes palavras: “Toda a Paraíba vem acompanhando com profunda emoção a campanha inspirada pelo dr. Napoleão Laureano, que consagra suas preciosas reservas de vida a uma humanitária iniciativa que significa, ao mesmo tempo, uma grande conquista para o nosso Estado”. Após parabenizar a ação louvável do médico Napoleão Laureano, o governador continua a proferir palavras em honra ao seu conterrâneo: “Autorizo o Diário Carioca a interpretar o pensamento do meu governo, que é de máximo empenho para o êxito daquele movimento, o que representa homenagem altamente merecida ao grande médico nosso conterrâneo, cuja heroica decisão comove o país inteiro. Quero registrar, de maneira muito especial, o louvor de todos os paraibanos à iniciativa do Diário Carioca, fazendo realizar no Rio a



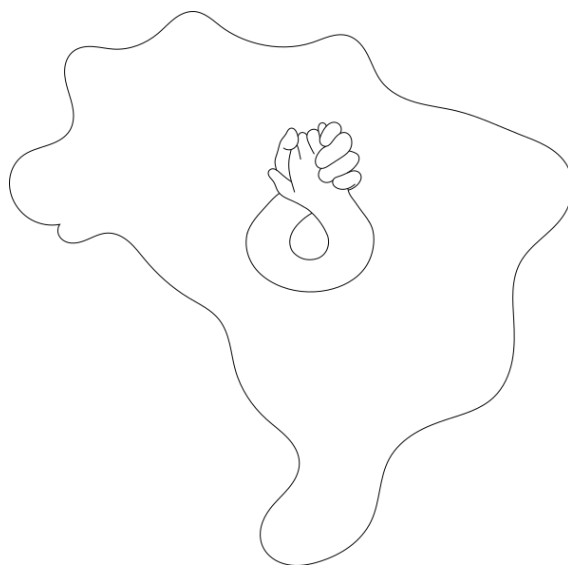
Mesa-Redonda para o debate do problema da assistência aos cancerosos, numa oportunidade sobremodo feliz, abrindo de maneira condigna a campanha do dr. Napoleão Laureano na Capital da República. Essa reunião se completou de forma esplêndida ao se transformar em assembleia de criação da Fundação dr. Napoleão Laureano, uma instituição que, estou certo, saberá conservar para sempre a bandeira que o seu patrono desfraldou”.



O excelentíssimo senhor José Américo, governador do estado da Paraíba. Foto: Reprodução.

Termina sua entrevista prometendo que o governo estadual não pouparia esforços junto ao governo federal na adoção do terreno onde seria construído o tão sonhado hospital especializado. Informa que já teria pronta a mensagem que encaminharia à Assembleia Legislativa, solicitando a doação dos terrenos.

**CAPÍTULO VII:  
O BRASIL UNIDO PELA FUNDAÇÃO  
NAPOLEÃO LAUREANO**



## **AS DOAÇÕES INICIAIS**

Antes mesmo do início dos trabalhos, dezenas de organizações e instituições se uniram à causa, sendo, portanto, os primeiros doadores. Estes eram empresários, organizações filantrópicas, como as augustas lojas maçônicas brasileiras, clubes esportivos, como o Jockey Club, artistas dos mais variados segmentos, que realizaram diversos shows pelo Brasil afora, clubes de futebol, que realizaram partidas beneficentes e destinaram parte ou total da renda para a Fundação Napoleão Laureano, festas e bailes no estrangeiro e, claro, a imensa quantidade de doações anônimas que chegavam a todo momento de todas as partes da nação. Pessoas pobres e ricas encontravam na luta do médico paraibano o caminho de se reconectar não só com o povo brasileiro, mas com a própria definição de humanidade. Enxergavam em Napoleão Laureano e na sua luta um homem que não só desafiava a morte diariamente, mas enfrentava a angústia, a desesperança e o medo, tendo sempre em mente não apenas a sua luta, mas a de outros que ainda estariam por vir.

E foi nesse contexto de rara união nacional que milhares de brasileiros e brasileiras se mobilizaram em prol de uma causa única. O jornal Diário Carioca, que cobrira a inauguração da Fundação em março de 1951, informou que o Jockey Club doou 500 mil cruzeiros ao grupo e que as Organizações Sul América doaram 60 mil cruzeiros. Informou, também, que dezenas de doações não especificadas não cessavam de chegar. A lista incluía diversos banqueiros, industriais e comerciantes.

Como se pode imaginar, a lista de doações é extensa e uma árdua missão de descrever todas as contribuições está além da capacidade desse livro, não sendo nossa intenção fazê-lo. A campanha encabeçada pelo médico Napoleão Laureano atingiu todas as regiões do Brasil e do estrangeiro. Portanto, neste capítulo nos propomos a apresentar algumas dessas ações individuais e coletivas, a fim de demonstrar que a mensagem propagada por Laureano alcançou todos os níveis sociais. Uma mensagem simples e universal: o amor ao próximo.

## **UNIVERSITÁRIOS DO BRASIL SE UNEM À CAUSA**

Nada melhor do que começar com a classe que Napoleão Laureano conhecia bem, isto é, os universitários. Centenas de estudantes por todo o Brasil também aderiram e compraram a luta de Napoleão Laureano. Enxergavam nele quase um irmão mais velho, que já tinha, assim como eles, passado pela academia e se envolvido em movimentos políticos estudantis. Era o exemplo a ser seguido. Iniciado no Rio de Janeiro, rapidamente chegou aos principais centros do Brasil. O jornal

Diário Carioca de 3 de abril de 1951 anuncia que os universitários cariocas aderem ao combate ao câncer. Os estudantes da F.D.R.J., junto ao movimento Estudantil Pró-Fundação Dr. Napoleão Laureano, iniciam os trabalhos:

“O Diretório Acadêmico da Faculdade de Direito do Rio de Janeiro (Centro Acadêmico Luiz Carpenter) iniciou no meio universitário a campanha de apoio à Fundação Dr. Napoleão Laureano, designando uma comissão para coordenar as atividades dos alunos da referida Faculdade e buscar apoio em todos os demais estabelecimentos universitários, de modo que os estudantes possam realizar um movimento de grande vulto em prol do combate ao câncer” (Diário Carioca, 3 abr. 1951).

A primeira contribuição dos alunos da Faculdade de Direito do Rio de Janeiro veio através de uma lista de donativos, que foi aberta por um veterano chamado Ury Szwerberg, um personagem tradicional dos meios universitários. Ury doou a quantia de 500 cruzeiros, fazendo o pagamento imediatamente.

O Instituto de História da Medicina também não perdeu a oportunidade de contribuir com a valorosa causa. Uma comissão de membros do grupo, tendo à frente o seu presidente, o Sr. Ivolino de Vasconcelos, concedeu ao médico Napoleão Laureano o título de Membro Honorário da entidade. Isso certamente serviu não apenas como reconhecimento dos méritos de Napoleão, mas incentivou mais ainda o corpo médico a se comprometer na ajuda da arrecadação de mantimentos. Era mais que um auxílio a um colega de profissão, era agora um dos seus, médico como eles.

### **3 EMISSORAS PARAIBANAS SE JUNTAM EM FAVOR DA CAMPANHA**

Mobilizando rádios e jornais por todo o território brasileiro, incluindo os principais jornais e emissoras radiofônicas do Rio de Janeiro e São Paulo, foi chegada a vez da imprensa do seu estado natal, a Paraíba, se organizar e agregar à campanha da Fundação Napoleão Laureano. O jornal A Noite (RJ) escreveu no sábado, 24 de março de 1951: “JOÃO PESSOA, 24, (Serviço especial de A NOITE) – O Sr. Eduardo Bergalo, superintendente das emissoras paraibanas rádios Arapuã, Caturité e Espinheiros, colocou os respectivos microfones à inteira disposição da classe médica da Paraíba para prosseguimento da campanha pró-Hospital Napoleão Laureano, bem como para a realização de palestras e conferências visando a divulgação das medidas de profilaxia para a obtenção de melhores condições de vida dos paraibanos” (A NOITE, 1951, edição 13.746).

## UMA AJUDA IMPROVÁVEL

Sabe-se que a comoção gerada pelo diagnóstico do médico Napoleão Laureano e seu inevitável fim foi imensa, alçando todas as camadas sociais do Brasil e mobilizando todos os estados da Federação. Busca-se desesperadamente alguma saída para o inevitável, algum remédio que o salve ou, ao menos, que estenda seus dias mais um pouco. Sabe-se que um cidadão de nome desconhecido, mas que assinou como “Fraternidade” apresentou à Fundação Napoleão Laureano um jornal suíço, no qual alegava ter encontrado um outro tipo de tratamento, ou quiçá, uma cura. A matéria foi escrita no jornal A Noite, de 27 de março de 1951: “De um leitor que se assina ‘Fraternidade’ recebemos um exemplar do jornal suíço ‘Die Wochen Zeitung’, datado de 1 de fevereiro do corrente ano, que publicou reportagem sobre o tratamento do câncer pelo método naturalista. O trabalho do referido jornal é conduzido de forma discreta, acentuando, todavia, a probidade e a seriedade com que foi conduzido. Afirma o referido jornal que um médico inglês, através dos seus estudos sobre a cura do câncer, chegou a quebrar a invulgar severidade do periódico britânico ‘Picture Post’, levando-o a publicar na sua capa, ao invés da clássica fotografia, a sensacional notícia dos seus estudos em grandes letras brancas em fundo negro. A reportagem do jornal suíço prossegue transcrevendo alguns tópicos da notícia publicada pelo ‘Picture Post’ e, em seguida, história os fatos para concluir que o referido médico, Dr. Rees Evans, chegara mesmo a uma conclusão acertada sobre o tratamento da terrível moléstia, recolhendo magníficos resultados entre os doentes submetidos aos seus cuidados. O leitor que nos enviou o exemplar do referido jornal solicitou-nos que o entregássemos ao Dr. Napoleão Laureano para o devido conhecimento. Além de nos enviar a interessante reportagem o referido leitor enviou-nos também a quantia de 150 cruzeiros para a campanha da Fundação Laureano contra o câncer” (A Noite, 1951, edição 13.748).

## UM DIA DE TRABALHO PARA LAUREANO

A ajuda não só vinha de todos os lugares, mas de todas as maneiras possíveis. O Diário Carioca trouxe “toma vulto cada vez maior a campanha de ‘um dia de trabalho para Laureano’”, sendo inúmeras as adesões. A Assembleia Legislativa do estado do Rio incluiu-se entre os aderentes do movimento, conferindo um “dia de jeton” para a Fundação Dr. Napoleão Laureano.” Esse movimento, poucas vezes visto, partiu por iniciativa dos próprios funcionários, primeiro, com o jornal Diário Carioca e a revista ‘Sombra’. Instituições, como o Banco do Brasil, também aderiram à campanha, que logo alcançou também a Caixa Econômica Federal do Rio de Janeiro. A ajuda se

dava em forma de desconto de dia de trabalho, em prestação de serviços e até mesmo em bens e mercadorias. O Diário Carioca noticia que um senhor chamado Luiz Palermo, sócio da empresa Palermo Irmão, S.A. (rádios, discos, geladeiras, etc.), foi até a redação do jornal doar 30% das vendas de um dia de sua loja, dia este que foi escolhido pelo jornal.

A firma Irmãos Alexandre, em um movimento parecido, comunicou ao presidente da Fundação que destinaria 10% da venda bruta do próximo dia 5 à Fundação Napoleão Laureano. Certamente, estas doações tinham um propósito por trás. Possivelmente, era sabido que isso atrairia um maior número de pessoas e, com isto, mais lucro. Podemos fazer paralelos com o mercado consumidor contemporâneo e as artimanhas dos empresários para alcançarem um maior número de vendas, usando, muitas vezes, nem sempre de maneira louvável, campanhas sociais em prol de um maior lucro, pouco se importando com o real sentido da campanha.

Entretanto, numa sociedade cada vez mais individualista e materialista, como é o Brasil de 2022, é interessante refletirmos: quantas empresas multimilionárias estariam dispostas a fazer uma campanha como essa? Vivemos numa época em que não se pode perder 1 minuto do seu dia, que tudo é cronometrado, que os ganhos são estritamente calculados e planejados. Em um mundo desse, parece-nos impossível conceber a ideia de déficit voluntário. Perder um pouco para ajudar em muito uma causa, não só uma ideia, mas realmente ajudar a salvar vidas, não apenas a do médico Napoleão Laureano – se é que, a essa altura, havia esperança – mas para salvar outros tantos desconhecidos, que jamais viriam a público, que morreriam no anonimato, que nunca teriam suas histórias iluminadas ao público... É para estas pessoas que a Fundação Napoleão Laureano foi criada, como um amparo àqueles cujo choro ninguém escuta, cujo sangue rapidamente seca ao sol escaldante dos sertões nordestinos. A Fundação é um patrimônio do povo brasileiro e, em especial, daqueles mais humildes.

## **LIVROS PARA NAPOLEÃO LAUREANO**

Uma grande quantidade de exemplares dos livros “Solução para o problema do trafego”, do autor Sr. Ademar Bittencourt da Silveira, e o famoso livro “Partilha da Palestina”, importante fonte de informação sobre a questão no Oriente Próximo e as dificuldades de um convívio pacífico na Palestina, de autoria do Jorge Camasmie, foi ofertada à Fundação para venda em benefício da nobre campanha de combate ao câncer.

## A ATRIZ DERCY GONÇALVES EM PROL DA FUNDAÇÃO NAPOLEÃO LAUREANO

O Diário Carioca de 29 de março de 1951 anuncia que a classe teatral se integra à campanha da Fundação Napoleão Laureano, tendo à frente a excêntrica atriz e empresária Dercy Gonçalves. Acompanhada pelos atores Antônio Mestre e Ankito, visitou o presidente da Fundação para comunicar-lhe que todos os artistas de sua companhia também adeririam ao “um dia de trabalho para Laureano”, e que a empresa designaria à Fundação a renda dos espetáculos nas duas sessões que ocorreriam na quinta-feira. O preço dos ingressos era geralmente de 36,50 cruzeiros, mas Dercy Gonçalves adverte que o público não precisa limitar-se a esse valor, podendo doar mais, cada um com suas possibilidades. Ela também apela aos demais artistas e empresários, envolvidos ou não com o meio teatral, que também contribuam para a Fundação Napoleão Laureano.



A atriz Dercy Gonçalves em 1951. Foto: Cabaré Incoerente.

Sem demora, vários artistas se prontificam. São os seguintes membros da Cia. Dercy Gonçalves que ofereceram seus serviços: Sarita Antunes, Neli Faria, Norberto Nardoni, Carla Guimarães, Ofélia Domingues, Ivone Nasser, Heitor Pastorini, Oto Jordan e Durval Nascimento.

Luz Del Fuego, uma das atrizes e bailarinas mais badaladas da época, procurou pessoalmente o médico Napoleão Laureano, oferecendo-se para promover um espetáculo em prol da Fundação. Napoleão aceitou a proposta, respondendo de forma bem-humorada que possuía apenas uma exigência: que o espetáculo fosse montado o mais rápido possível, a fim de que ele tivesse tempo de sentar na plateia.

## UMA VALSA PARA NAPOLEÃO LAUREANO

O notório compositor de valsas, o Sr. Edgard Cardoso, ofereceu à Fundação Napoleão Laureano os direitos autorais de uma canção que compôs, da qual ele próprio foi intérprete, intitulada “Laureano”, cuja letra é a seguinte:

*“É bem triste chorar, cantando.  
implorar ao mundo inteiro,  
um pouquinho de atenção!  
É que estamos ajudando  
um herói bem brasileiro,  
que orgulha a Nação.  
LAUREANO, LAUREANO,  
tenha muita fé em Deus.  
que o povo brasileiro  
vai cumprir os sonhos seus!  
LAUREANO, LAUREANO,  
todos nós vamos rezar,  
e o seu desejo ardente  
muito em breve realizar”.*

O compositor Edgard Cardoso ainda colocou à disposição da Fundação Napoleão Laureano os serviços de alto-falantes, localizados em Duque de Caxias. Juntou-se também o Sr. Alberto Deiró Teixeira, representante da empresa Alto-Falante de Mesquita, pondo à disposição da campanha contra o câncer as suas mídias de comunicação, encarregando o senhor Dario Pereira Filho de estabelecer a articulação junto aos diretores da Fundação.

## A COMUNIDADE SÍRIO-LIBANESA ADERE À CAMPANHA

O Diário Carioca de março de 1951 traz: “Uma comissão de diretores do Clube Sírio Libanês, composta do presidente, o sr. Maurício Chame, do vice-presidente, o sr. Mansur Mattar e do tesoureiro, o sr. Adib Abi-Rihan, procurou o presidente da Fundação para lhe comunicar que foi dirigida uma proclamação a todos os associados, solicitando a doação de pelo menos importância



igual ao valor de uma mensalidade. Asseguram os diretores do Clube Sírio Libanês uma contribuição mínima de Cr\$ 50.000,00, podendo elevar-se até mais de Cr\$ 100.00,00 de vez que esperam que o apoio da colônia sírio-libanesa não faltará a uma campanha tão generosa”.

## **PROCLAMAÇÃO À COMUNIDADE**

“RIO, março de 1951. – Senhor associado. – Um impulso de solidariedade humana e de generosa compreensão percorre o Brasil. Em todos os quadrantes como se o gigante adormecido despertando do seu ‘eterno berço esplêndido’, ao brado de um forte cerrasse fileiras em torno da mais sublime das bandeiras: a guerra sem quartel ao mais terrível dos flagelos da humanidade – O CÂNCER! Milhares de semelhantes são destruídos pela mais odiosa e implacável das moléstias, e muito de nós mesmos, já sofremos a cruciante dor de perder entes queridos que não voltam mais, ceifados pelo mal que de todos tem zombado, e cuja exterminação tem constituído um grande pesadelo para os cientistas e pesquisadores de laboratórios. Foi preciso que um modesto, humilde e desconhecido médico do sertão brasileiro, também atingido pelo mal, desse o grito de alerta para que a letargia que hipnotizava os corações fosse transformada num fogo sagrado, a fim de que o calor de seu entusiasmo a todos contaminasse na mais nobre, sublime e compreensível das campanhas de humanitarismo a que todos temos assistido! Tornou-se necessário que irrevogável sentença de morte fosse ditada contra o abnegado e heróico mártir Napoleão Laureano, para que cinquenta e três milhões de brasileiros compreendessem a necessidade de se aparelharem com os meios adequados ao combate a esse flagelo traiçoeiro e maligno.

Ecoando por todos os quadrantes da Pátria Brasileira, o grito de guerra ao câncer está operando esse estupendo milagre de mobilizar todos os corações, todas as consciências e todas as forças da solidariedade humana, numa cruzada que se anuncia vitoriosa. E porque esta luta pertence a todos por isso que o triunfo será também de todos. Cumpre-nos instalar no nosso glorioso Clube Sírio e Libanês do Rio de Janeiro, uma trincheira para este bom combate. Neste sentido, fazemos um veemente apelo a todos os nossos associados para que se mobilizem nesta luta em si mesmo gloriosa, contribuindo de todos os modos para a campanha da Fundação Laureano.

Abram-se listas de donativos, sejam solicitados todos os parentes e amigos do nosso quadro social, façamos todos os sacrifícios possíveis para que no balanço deste trabalho humanitário em que se empenha o Brasil inteiro, possa nosso Clube se surgir na vanguarda dos maiores lutadores nesta ‘GUERRA CONTRA O CÂNCER NO BRASIL!’. Como prêmio ao nosso esforço colheremos a

certeza de que não só teremos revelado mais uma vez a nossa alta compreensão da solidariedade humana e reafirmado as profundas e sinceras manifestações da nossa consciência cívica.

À Secretaria de nosso Clube, deverão ser enviadas as contribuições, devendo o doador identificar-se, a fim de que possamos lançar nos assentamentos de sua ficha, o gesto altruístico e nobre. Vamos, pois, queridos associados do SÍRIO E LIBANÊS, amenizar um pouco a dor dos que só conhecem o sofrimento!” (Diario Carioca, 1951, edição 6.977).

Deixamos aqui todo o nosso respeito à comunidade sírio-libanesa e aos numerosos descendentes que ajudam a fazer do Brasil um país multiétnico e aberto a todos de bom coração.

### **OS SALÕES DO “HIGH LIFE CLUB”**

O representante legal e proprietário do clube, o Sr. Pascoal Segreto, colocou os salões do clube “High Life Club” à disposição da Fundação Napoleão Laureano para serem realizadas festas em benefício da campanha contra o câncer. Também se comprometeu a colocar postos de arrecadação em todos os cinemas e teatros de sua empresa. O clube foi inaugurado em 28 de julho de 1895 no Méier e reinaugurado em 1908 na Rua Santo Amaro, no largo da Glória, em um local que havia pertencido ao Barão do Rio Negro. O clube veio a fechar em 1957, 6 anos após a morte do Dr. Napoleão Laureano. Hoje, sua antiga sede é tombada.

### **LOJA MAÇÔNICA RESPLENDOR UNIÃO**

A augusta Loja Maçônica Resplendor União, localizada em Minas Gerais, doou a quantia de 500 cruzeiros diretamente ao médico Napoleão Laureano, dinheiro este que foi adicionado à campanha de sua Fundação. O fato desta loja maçônica ter aderido à campanha foi um passo decisivo para que outras lojas maçônicas ao redor do Brasil também fizessem parte da campanha. Outras sociedades discretas, como a Rotary Club e AMORC (Antiga e Mística Ordem da Rosa Cruz), também aderiram às doações.

### **DA SOCIEDADE DE ALERGIA**

Curiosamente, as doações vinham de todos os lugares. Qualquer pessoa ou organização podia colaborar com qualquer quantia. Sendo assim, a Sociedade Brasileira de Alergia remeteu à Fundação

Napoleão Laureano o valor de 1000 cruzeiros. Esse exemplo serve para nos lembrar o alcance que a mensagem do Dr. Napoleão Laureano conseguiu.

## **UM COMÍCIO EM VITÓRIA**

A Câmara Municipal de Vitória, além das contribuições já ofertadas à Fundação Napoleão Laureano, promoveu na sexta-feira, dia 6 de abril de 1951, um comício na Praça Oito de Setembro, na capital espírito-santense, a fim de conclamar o povo capixaba a também contribuir para a campanha inaugurada por Napoleão Laureano. Na oportunidade, foi solenemente aberta a urna principal com a doação inicial de 1500 cruzeiros, oferecidos pelos representantes do Poder Legislativo Municipal.

## **PINTORES EM PROL DE LAUREANO**

Dezenas de artistas plásticos, como pintores e ilustradores, se juntaram à campanha. O Diário Carioca de 5 de abril traz uma lista detalhada de artistas que enviaram trabalhos para o evento, que contou com a contribuição de obras do famoso e renomado artista Acquarone, entre outros: “Também nos meios artísticos repercutiu a campanha humanitária que está sendo feita em torno da pessoa do Dr. Napoleão Laureano. O Serviço Nacional do Câncer resolveu fazer uma exposição de pintura, cujas vendas revertessem em favor dos cancerosos. O Departamento de Difusão Cultural da Prefeitura (do Rio de Janeiro) patrocina a iniciativa que está sendo realizada no Salão Assírio, térreo do Teatro Municipal.

Enviaram desde logo trabalhos algumas dezenas de pintores, entre os quais Georgina de Albuquerque, Cavalheiro, Edson Motta, Regina Veiga, Osvaldo Teixeira, Marques Junior, Ismailovitch, Margarida Soutelo, Carlos Oswald, Galvão, Raimundo Cela, Franck Schaeffer, Odete Barcelos, Porciuncula, Ivone, Sinhá d’Amora, Santiago, Madruga, Faria Machado Portela, Constantino, Lully de Carvalho, Darkir, Formenti, Sigaud, Louise Visconti e outros. Além de concorrer com um quadro, Acquarone também custeou as despesas feitas com o catálogo. A família de Visconti doou um trabalho desse mestre da pintura brasileira, que assim se associa à campanha. Aliás, o grande colorista era igualmente uma pessoa boníssima. Se estivesse vivo, Visconti seria por certo o primeiro artista a mandar uma de suas telas” (Diário Carioca, 1951, edição 6.983).

Em destaque, uma das pinturas do renomado Eliseu Visconti, em sua única pintura a óleo conhecida. Não se trata de uma das obras que foram doadas, mas apenas uma amostra de seu enorme talento artístico.



VISCONTI, Eliseu. [Novilho] 1889, Pintura a óleo, 65 x 85 cm.

Ainda sobre a participação de pintores e artistas plásticos na campanha em prol da Fundação Napoleão Laureano, foi organizada uma exposição de pintura no antigo Assírio, como descreve o jornal *A Noite*, de 1951, edição 13.752: “Organizada pelo escritor e pintor Jader de Lima, inaugurou-se ontem, com a presença de figuras de todos os círculos sociais, uma exposição de pintura de alto fim filantrópico em benefício da campanha nacional contra o câncer. Todos os artistas plásticos brasileiros e estrangeiros residentes no país ofereceram trabalhos de sua autoria, devendo a renda total dessa mostra de arte reverter em favor dos cancerosos. Trata-se, pois, de uma iniciativa que merece, portanto, completo apoio das pessoas de coração bem formado. Adquirindo um dos quadros os nossos concidadãos estarão prestigiando o salutar movimento, bem como contribuindo financeiramente para o pleno êxito da humanitária e patriótica ideia que tem sido a razão de ser da própria vida desse mártir da ciência que é o doutor Napoleão Laureano”.

## UM POEMA SINFÔNICO PARA LAUREANO

No dia 26 de maio de 1951, o jovem pintor e compositor Don Deudedith, que também estava condenado à morte a qualquer instante, acometido de uma grave lesão cardíaca, visitou o moribundo médico paraibano, que já não tinha mais forças. O jovem então dedicou uma sinfonia intitulada “Angústia”, cuja gravação e possíveis lucros seriam destinados à Fundação Napoleão Laureano. Após a morte de Laureano em 31 de maio de 1951, no dia 27 de junho daquele mesmo ano a orquestra sinfônica foi apresentada no Teatro Municipal, sob a regência do ilustre maestro H.

Niremberg. A “Angústia” foi gravada pelos estúdios da Agência Nacional, por concessão do diretor, o Sr. Caio Miranda.

### **O BASQUETE SE UNE POR LAUREANO**

Não apenas atores e artistas participaram dessa louvável ação em prol da Fundação Napoleão Laureano, mas atletas e esportistas também se juntaram à causa da campanha contra o câncer. O Diário de Notícias do Rio de Janeiro de 29 de março de 1951 torna público os jogos envolvendo os times da Atlético do Grajaú, do Clube de Regatas do Flamengo, do Vasco da Gama e do Mackenzie. O jornal traz: “Sob o patrocínio da Federação Metropolitana e promovida pelos nossos colegas da Emissora Continental, teremos brevemente uma grande noitada de basquetebol, em benefício da Campanha da Fundação Napoleão Laureano. A ideia recebeu logo o apoio de pessoas ligadas ao esporte da cesta e ontem já pode ser anunciado o programa. Na preliminar jogarão os quadros do Vasco e do Mackenzie e no encontro principal teremos a Atlético do Grajaú, campeã da Cidade, contra o Flamengo, vice-campeão. Em princípio está escolhida a data de 7 de abril para a noitada, dependendo da confirmação. O local será o estádio da Atlético do Grajaú, já cedido. Ofereceram seus serviços profissionais, os juízes Afonso Lefever e Ivo Cinti e os oficiais de mesa, Sérgio Rosa, Inaia Miranda e Geraldo Lima Rosa. A casa ‘Superball’ ofereceu um troféu para ser disputado no prédio entre Flamengo e Atlético do Grajaú” (Diário de Notícias, 1951, edição 8.717).

Não temos informações sobre o placar dos jogos, nem números acerca de quanto foi arrecadado nesta noite. Entretanto, é louvável pensar que um esporte que tinha pouca aceitação e ainda galgava seus primeiros passos no Brasil conseguiu realizar um evento que atraiu centenas de espectadores à arena de jogos.

### **TORNEIO DE FUTEBOL NO URUGUAI**

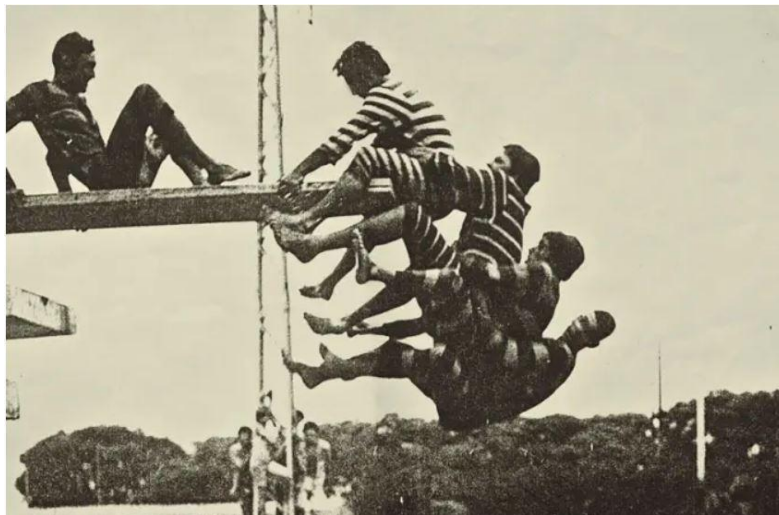
Se os atletas de basquete aderiram à campanha, aqueles do esporte mais popular do mundo não poderiam ficar de fora. O Sr. José Roberto de Macedo Soares, na altura embaixador do Brasil na capital do Uruguai, Montevideú, enviou uma mensagem ao presidente da Fundação Napoleão Laureano, na qual dizia: “Em ofício dirigido ao embaixador do Brasil no Uruguai, a ‘Liga de Futebol Bairro Guruyu’ desta capital, comunicou ter resolvido dar o nome do Dr. Napoleão Rodrigues Laureano ao seu campeonato oficial do corrente ano, em homenagem àquele médico brasileiro por seu sacrifício pessoal em bem da humanidade” (Diário Carioca, 30 mai. 1951, edição 7.029).

## SHOW RÁDIO-TEATRAL

O Diário Carioca destacou que “o sr. João Bueno Caldas comunicou ao presidente da Fundação que está organizando um ‘show’ com participação de artistas do Rádio e do Teatro, com a renda integral para a Fundação. Informou o sr. Bueno Caldas que já manifestaram sua adesão à iniciativa os srs. Teófilo de Vasconcelos, a Rádio Jornal do Brasil, o sr. Lamartine Babo, o empresário Hélio Ribeiro, a atriz Mara Rúbia, os comêcos Silva Filho e Luiz Cataldo, o cantor e bailarino Carlos Tovar e outros” (Diário Carioca, Rio de Janeiro, 3 abr. 1951).

## SHOW DOS “AQUALOUÇOS”

O grupo de espetáculo chamado Aqualoucos, criado no fim da década de 40 por Oswaldo Lopes, fazia bastante sucesso na época. Alguns homens vestidos com trajes de banho listrados faziam diversas estripulias no trampolim do Clube de Regatas Tietê. Foi uma sensação nos anos 1950, se apresentando na inauguração do Parque Ibirapuera em 1954. Três anos antes, em 1951, o grupo anunciou que faria no domingo, 1º de abril, mais uma de suas sensacionais exibições na piscina do Fluminense, anunciando que a renda da noite seria em benefício da Fundação Napoleão Laureano.



O grupo Aqualoucos em 1959. Divulgação/Paris Filmes/Veja SP.

O Diário Carioca de 3 de abril de 1951 registrou como foi a apresentação do grupo de espetáculo Aqualoucos, estampando “Êxito do ‘show’ dos aquáticos em benefício da Fundação Laureano”. O jornal escreve: “Obteve o mais completo êxito o ‘show’ dos Aquáticos, promovido pelos Aqualoucos Cariocas, em benefício da *Fundação Napoleão Laureano*, realizado na noite de

domingo último na piscina do Fluminense, constituindo uma noite sem par no cenário social do Rio, noite de gala, de graça e encantamento, onde as mais lindas ‘aquáticas’ brindaram a enorme assistência com as suas coreografias no ‘ballet’. [...] Deram à festa a indispensável nota cômica, conquistando os mais calorosos aplausos pelos seus números extravagantes” (Diario Carioca, 1951, edição 6.981).

A matéria ainda informa sobre um jogo de water-polo que também fez parte do espetáculo da noite: “No jogo de water-polo travado entre o Vasco e o Fluminense, que fazia parte do programa do ‘show’ terminou com a contagem de dois tentos para cada bando. Nos saltos ornamentais, vimos as campeãs Dilia Acosta e Nora Jauz em magníficas exibições. Na parte natatória, vimos o concurso das mais altas expressões do passado, do presente, tais como Maria Lenk, Cecília Heilborn, Carlos Vasconcelos e outros [...]”.

Com o objetivo de relembrar esse cômico grupo aquático, o cineasta Victor Ribeiro, filho de um dos integrantes da trupe, reuniu uma série de imagens para ilustrar o documentário “Aqualoucos”.

## **O ATOR CANTINFLAS EM PROL DE LAUREANO**

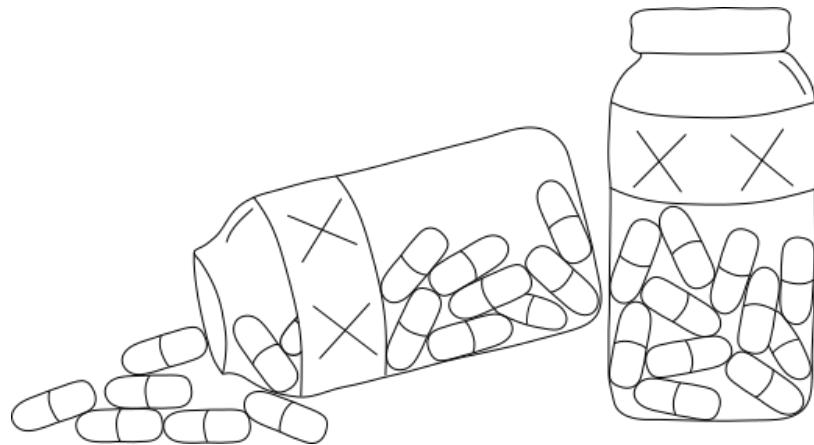
O ator Fortino Mario Alfonso Moreno Reyes, conhecido mundialmente como Cantinflas, nascido no México em 12 de agosto de 1911 e falecido em 20 de abril de 1993, protagonizou o filme “O Mago”, e foi justamente neste filme que ele dedicou a renda da estreia para a Fundação Napoleão Laureano. O jornal Diario Carioca, edição 6.978, anunciava a presença de Cantinflas em pessoa em Brasília: “Cantinflas oferecerá ao público do Distrito Federal uma apresentação pessoal, amanhã, à meia noite, no Cinema S. Luiz, por ocasião do lançamento do seu filme ‘O Mago’, revertendo a renda do espetáculo para a Fundação Napoleão Laureano. O universalmente celebrado ator mexicano fará um breve ‘speech’ sobre a campanha contra o câncer e sobre a figura do médico brasileiro, cujo sacrifício o comoveu fortemente. Patrocina o espetáculo a sra. Darcy Vargas, presidente de honra da Fundação.”



Marionetes representando CANTINFLAS, personagem de Mario Moreno. México, Anos 1960.



## **CAPÍTULO VIII: KREBIOZEN, A ÚLTIMA ESPERANÇA**



## O REMÉDIO MILAGROSO?

Napoleão Laureano, após viajar aos Estados Unidos e de lá voltar desiludido, intensificou sua campanha em prol dos cancerosos brasileiros e da criação de um hospital que fosse o amparo daqueles mais necessitados. Dedicou o resto dos seus poucos e contados dias a essa nobre causa, não para ter seu nome eternizado, mas para amenizar a dor daqueles que ainda estavam por vir, como ele próprio disse: “[...] portanto se minha vida for necessária para que os cancerosos tenham melhor sorte, que Deus disponha dela”. Entretanto, um certo e ainda desconhecido remédio viria a trazer esperança ao enfermo Napoleão. Seu nome era Krebiozen. O criador do medicamento, Dr. Stevan Durovic, médico iugoslavo, afirmava que a substância vinha de soro de cavalo inoculado com *Actinomyces bovis*. O Dr. Durovic alegava ter testado a droga em animais, principalmente cães e gatos, e podia atestar que ela surtia efeito positivo. Suas declarações foram apoiadas em experimentos de um importante fisiologista à época, o Dr. Andrew Conway Ivy, que rapidamente se convenceu de sua eficácia, alegando ter ministrado doses em si próprio e em amigos, em seguida, em um cachorro e, finalmente, certo dos efeitos anticâncer da Krebiozen, passou a utilizar em seus pacientes.

No início do ano de 1951, o Dr. Andrew Conway Ivy convocou uma coletiva de imprensa, na qual anunciou à plateia, que contava com médicos, cientistas, jornalistas e políticos, a surpreendente eficácia do medicamento. Segundo ele, para 22 pacientes, foram prescritas doses da droga, dos quais 14 ainda viviam e nenhum teria falecido devido ao câncer. O entusiasmo tomou conta da população norte-americana. À época, o câncer era uma doença praticamente incurável e contraí-la era uma sentença de morte. A notícia da droga rapidamente chegou ao Brasil e a imprensa noticiava acerca disso e de como ela poderia salvar o médico Napoleão Laureano de seu aparente fim iminente.

O Diário Carioca de 30 de março de 1951 anunciava que “o cientista iugoslavo, que produziu a primeira quantidade de seu soro em Buenos Aires, disse aos jornalistas que começará a fabricar novas quantidades de Krebiozen logo que a administração de Alimentos e Remédios lhe permitir. Imediatamente depois de ter autorização do governo, começará a produzir esse soro em grandes quantidades” (Diário Carioca, edição 6.978).

Em seguida, a matéria traz uma rápida biografia e a história da descoberta: “O Dr. Durovic é solteiro, tem 46 anos de idade e é muito bem parecido. Disse ele que não partilhou do segredo de sua fórmula com ninguém, porém, que depositou uma cópia dessa fórmula num Banco de Chicago para que seu irmão Marko possa continuar produzindo-a no caso de sua morte. Explicou que uma das razões do segredo é que não deseja que a fórmula caia em mãos dos governos comunistas” (Diário Carioca, edição 6.978). Um ponto que nos chama atenção nesse depoimento é o evidente medo do

comunismo. É bom que lembremos que estamos falando de 1951. Apenas 6 anos haviam se passado desde o fim da Segunda Guerra Mundial e o mundo pós-conflito observava duas superpotências emergirem do conflito global: os Estados Unidos da América e a União das Repúblicas Socialistas Soviéticas. Era o início do que, posteriormente, seria chamado de Guerra Fria.

O clima neste momento histórico era de tensão e profunda desconfiança. Vizinhos denunciavam vizinhos por suposta ligação ao partido comunista e essa preocupação também chegaria ao Brasil. Anos mais tarde, essa seria a principal justificativa para o golpe militar que pôs fim à democracia brasileira por longos anos.

Fazer juízo de moral não é nosso objetivo neste livro e é sabido que todo sujeito é histórico, é fruto do seu tempo. Entretanto, podemos refletir e nos perguntar “e se o Napoleão Laureano fosse russo? Teria acesso a esse remédio?” O Dr. Durovic ficaria satisfeito em saber que seu medicamento foi utilizado para salvar uma pessoa “indesejada”? Disso nunca saberemos. A verdade é que ele se utilizou dessa desculpa para justificar o segredo em volta da droga. Talvez, não para preservar a fórmula do conhecimento dos russos, mas porque ele imaginava que o remédio não era o que ele próprio prometia. Podia tratar-se de uma falácia.

Sobre isso, vários hospitais norte-americanos e centros de pesquisas, intrigados com tais promessas de eficácia, puseram a Krebiozen à prova, prescrevendo a droga para uma série de pacientes e acompanhando sua evolução. Após meses de pesquisas veio o veredicto: nenhum pesquisador encontrou qualquer efeito positivo da Krebiozen nos pacientes cancerosos. Um dossiê de dados compilados dessas instituições foi veiculado, ainda em 1951, pelo importante *Journal of the American Medical Association*.

No Brasil, entretanto, a notícia da Krebiozen animou aqueles já sem esperança. O Dr. Napoleão Laureano podia sobreviver! Ainda na mesma edição, a matéria apresenta a história da descoberta: “O Dr. Durovic formulou a teoria biológica em que se baseia seu descobrimento há 20 anos, depois de terminar seus estudos na Universidade de Belgrado. Disse: *‘Quando eu era muito jovem comecei a perguntar a mim mesmo porque as criaturas nascem com dois braços exatamente iguais, com duas pernas e duas orelhas iguais e pensei por que uma não é maior que a outra? Então, imaginei que tinha de haver algo nas células do corpo que regula o crescimento e efetua a formação do corpo humano’*. O Dr. Durovic presumiu que as células que não crescem uniformemente com as demais, carecem desse elemento misterioso. Ele deu então a este elemento o nome de KREBIOZEN, combinação de três palavras gregas que significa ‘Criador de uma força biológica’. 17 anos mais tarde, e há 3 anos apenas, ele conseguiu finalmente achar o KREBIOZEN, estando em Buenos Aires, onde se refugiou depois de ter sido preso num acampamento italiano. Nas

experiências em seu laboratório de Buenos Aires comprovou que podiam ser encontradas grandes quantidades de KREBIOZEN em células que ficam junto de certos vasos sanguíneos dos cavalos. Com estas células, ele produziu uma quantidade de seu soro e trouxe-a a Chicago para experimentar seus efeitos cancerosos” (Diario Carioca, edição 6.978).

A Argentina, pela própria constituição, é e sempre foi um país aberto a todos, especialmente àqueles desalojados. Sabe-se que desde o fim da Segunda Guerra Mundial muitos altos oficiais nazistas procuraram refúgio no país americano, mas nem só de gente “indesejada” vivia a Argentina, recebendo milhares de imigrantes de outros países da Europa, especialmente da Itália, além de outros grupos étnicos, como judeus e eslavos, os quais foram bem recebidos. Não é de se surpreender que as experiências realizadas pelo Dr. Durovic foram feitas na Argentina, pois pessoas como ele, isto é, de países do Leste Europeu, eram vistas com indiferença. A ligação com a ideologia soviética era quase inevitável. Talvez, foi pensando em desvincular essa imagem “negativa” que o Dr. Durovic tentou mostrar seu aparente repúdio aos países ditos comunistas.

Das experiências e resultados a matéria traz: “O Dr. Andrew C. Ivy, vice-presidente da Universidade de Illinois e diretor do Conselho Nacional Assessor do Câncer, informou 2ª feira que as experiências tinham tido resultados assombrosos. Em alguns casos desapareceram os crescimentos cancerosos e as dores e em muitos casos a moléstia cedeu e a dor minorou. O Dr. Durovic declara que seu soro ‘é um pó mais fino que a farinha de trigo mais fina’. O tratamento consiste em duas doses, isto é, um grão de um centímetro de miligramo. Segundo o Dr. Durovic, nada mais do que um ponto feito pela ponte de um lápis” (Diario Carioca, edição 6.978).

Como percebemos, não há resultados científicos claros acerca da eficácia da droga, porém o otimismo tomou conta daqueles que cercavam o Dr. Napoleão Laureano, em especial, o Sr. Pompeu de Sousa, diretor da Fundação Napoleão Laureano, o qual pediu à embaixada norte-americana no Rio de Janeiro que procurasse obter o medicamento, a fim de salvar a vida de Napoleão. Do mesmo modo, o Sr. Pompeu de Sousa solicitou ao presidente Getúlio Vargas que fizesse a mesma recomendação à embaixada brasileira em Washington, capital dos Estados Unidos da América. Este apelo rapidamente chegou ao conhecimento do criador da Krebiozen, o supracitado Dr. Durovic, que declarou: “Eu ficaria muito satisfeito em ajudar meu estimado colega que tanto fez por seu país” (Diario Carioca, edição 6.978).

Certamente, a declaração do médico Durovic teve algo de boa vontade e solidariedade, mas sem dúvida, representou também a oportunidade de popularizar o seu medicamento na América Latina, em especial, no Brasil e na Argentina. É importante lembrar que Napoleão Laureano estudou e morou em Buenos Aires, sendo uma figura relevante também no país argentino. Qualquer que

tenha sido sua motivação, a verdade é que o governo americano atendeu à solicitação brasileira de envio da droga para o Napoleão Laureano. O jornal *Diario Carioca* de 30 de março de 1951 informa a boa notícia, com um adendo: não seria permitido a utilização para fins comerciais: “Um porta-voz daquela administração declarou que não se permite que saia dos Estados Unidos, com fins comerciais, nenhum remédio cuja eficácia não tenha sido comprovada primeira, porém que a autorização deste embarque tem finalidade experimental e que, portanto, o dr. Durovic, que se diz poder curar o câncer, pode enviar alguma quantidade de remédio para a Fundação Laureano, do Rio de Janeiro, cumprindo entretanto certos requisitos técnicos. [...] O Departamento de Estado diz não ter recebido pedido nenhum de licença para este embarque, mas que não se oporia objeção alguma no caso de não existir impedimento legal ao embarque” (*Diario Carioca*, edição 6.978).

O Brasil nesse momento enxergava, ainda que de modo incerto, uma esperança de cura para o Dr. Napoleão Laureano. Se não uma recuperação, ao menos, um adiamento do seu fim trágico. O jornal *A Noite*, de 30 de março 1951, também informa sobre o esforço por parte do governo brasileiro para envio da droga, assim como também detalha como deverá ser o procedimento: “[...] A embaixada do Brasil já conta com a plena cooperação da Administração de Alimentos e Remédio. O Sr. Arnaldo de Vasconcelos, secretário da Embaixada brasileira, foi encarregado de tomar todas as providências necessárias e já conversou pelo telefone com o Sr. Meira de Vasconcelos, cônsul do Brasil em Chicago. O Sr. Meira de Vasconcelos informou que o Dr. Andrew C. Ivy não estava em Chicago e por isso entrara em contato direto com o cientista iugoslavo Stevan Durovic, descobridor da droga *Krebiozen*, que à noite passada colocara à disposição do Dr. Napoleão Laureano” (*A Noite*, 1951, edição 13.751). Acerca do modo de envio e quem o faria, a matéria detalha: “O cônsul Meira de Vasconcelos recebeu instruções para entregar o remédio à Braniff, cujo portador será o próprio comandante da aeronave que sair de Chicago com a encomenda. O cônsul Meira de Vasconcelos disse ainda que havia recebido idêntica solicitação do Itamaraty. Novos detalhes serão transmitidos diretamente a Washington, onde a missão diplomática brasileira teve a primeira notícia do caso através da U.P. Acredita-se que o cônsul Meira de Vasconcelos conseguirá abreviar as negociações, preenchendo todas as formalidades legais para enviar o remédio do Dr. Durovic para o Rio” (*A Noite*, 1951, edição 13.751).

A notícia parece ter agradado e alegrado enormemente ao Napoleão Laureano, que na altura se encontrava na cidade do Rio de Janeiro, na companhia da sua sempre leal esposa Marcina. No dia seguinte à publicação, isto é, dia 31 de março de 1951, o médico paraibano apresentou uma melhora considerável. Dizia ele acreditar e confiar no médico e cientista Stevan Durovic. A boa notícia parece tê-lo reanimado de tal forma que se pôs a degustar um bom champagne, como conta o jornal

A Noite de 31 de março de 1951, edição 13.752: “O fato é que, depois que surgiu essa nova possibilidade de salvação, reanimou-se bastante o estado geral do ilustre enfermo. Passou bem a última noite e autorizado pelos seus médicos assistentes, bebeu mesmo uma taça de champagne que lhe foi oferecida pela Sra. João Neves da Fortuna”.

Para além de experimentar um bom champagne, Napoleão mostrou-se disposto até mesmo a ir assistir a um jogo de futebol. Pretendia ele, no dia seguinte, ir ao Estádio Maracanã para assistir ao jogo entre as agremiações do Vasco e Palmeiras.

## **A PRIMEIRA DOSE DA KREBIOZEN É APLICADA NO DR. NAPOLEÃO LAUREANO**

Foi em meio a um contagiante entusiasmo e visível apreensão que as primeiras doses chegaram ao Brasil transportadas de avião, que chegou ao seu destino quase uma hora antes do previsto. O piloto responsável por essa importante missão foi o já experiente capitão Richard L. Lowry, que as entregou pessoalmente às mãos do Sr. Pompeu de Sousa, presidente da Fundação Napoleão Laureano. Em posse do medicamento, partiu sem demora ao encontro do enfermo Napoleão Laureano, que se encontrava em sua residência, na praia do Flamengo, onde rapidamente foi convocada uma reunião dos médicos que assistiam ao médico mártir. O horário definido foi às 19:00 daquele mesmo dia.

No início da breve reunião, foi passada a conferência do material enviado, assim como foi consultada a monografia que acompanhava o produto. Observando que tudo estava como planejado, foi chegada a hora da primeira aplicação no Dr. Napoleão Laureano. Esta foi feita em um ambiente de intensa emoção. Estavam presentes membros da sua família, amigos próximos e os médicos que o assistiam. Napoleão parecia o mais tranquilo, sempre com aspecto sereno e, embora já muito debilitado, mantinha o sorriso em meio ao nervosismo geral. Ainda que parecesse bem e despreocupado, no íntimo, guardava sua angústia e medo. Sua sempre presente esposa, Marcina, não se encontrava junto a ele. Achava-se na companhia da sra. João Neves da Fontoura, numa novena que há mais de seis dias vinham a fazer juntas, num convento de freiras, onde jejuavam e rezavam pela misericórdia divina.

De volta ao apartamento na praia do Flamengo, tudo estava pronto: o Dr. Benjamim Viveiros tomou-lhe o pulso e conferiu a pressão arterial e a temperatura, passando as informações colhidas ao Dr. Mario Kroeff. O jornal Diario Carioca de 3 de abril de 1951 traz o boletim médico: “Dia 2 de abril - O doente amanheceu sem febre, tendo passado a noite relativamente bem. Ao meio-dia fez

nova transfusão de sangue. Às 19:30 horas foi aplicada a primeira dose do “Krebiozen” segundo as prescrições da monografia original do dr. Stevan Durovic, a qual foi apresentada à publicidade pelo dr. Andrew. A segunda dose será aplicada 72 horas após, completando, assim, a primeira série deste tratamento” (Diario Carioca, 1951, edição 6.981).



Rara foto da primeira injeção de Krebiozen, aplicada pelo Dr. Alberto Coutinho no braço esquerdo do médico Napoleão Laureano. Foto: A Noite.

## **SEGUNDO DIA: AGORA TENHO ESPERANÇA**

Um dia após a primeira dose da droga anticâncer, o Dr. Napoleão Rodrigues Laureano apresentou uma melhora considerável, talvez não em função do medicamento em si, mas, quem sabe, pela esperança de cura. Alegrou-se de tal modo que chegou a declarar ter esperança em ver a inauguração do hospital na Paraíba. Este era o seu maior sonho e o seu maior legado. Quer fosse o medicamento, quer fosse qualquer outra coisa, a verdade é que no dia 3 de abril, Napoleão apresentou uma relativa melhora em seu quadro de saúde, que ele próprio, inclusive, percebeu, como relata o jornal Diario Carioca, 04 de abril de 1951: “O primeiro a perceber tal redução dos tumores foi o próprio enfermo, que teve consciência do fato às primeiras horas da manhã, poucas horas depois, portanto, da aplicação da primeira injeção de Krebiozen, que se havia feito apenas às sete e

meia da noite. O dr. Laureano, ansioso por aferir os possíveis efeitos do novo soro, examinou-se, ao acordar, com sua dupla experiência de enfermo e médico que se especializou na sua própria enfermidade” (Edição 6.982).

As notícias eram as melhores, porém, ainda desconfiado do efeito tão rápido, o médico paraibano informou contidamente apenas aos seus familiares mais próximos, talvez incrédulo do que tinha lhe acontecido. O alívio e a esperança vieram após alguns exames. Não só Napoleão tinha percebido uma melhora de saúde, mas em um exame detalhado realizado pelos seus médicos constava a mesma coisa. Os tumores malignos diminuíram, como trouxe o mesmo jornal supracitado, na página 5: “ Foi o que se verificou por ocasião da visita matinal do dr. Mário Kroeff, que constatou a referida retração do tecido canceroso, notadamente no gânglio da axila direita, onde a redução diminuiu o tumor para metade do volume anterior. Não pôde o dr. Kroeff certificar que tal redução se houvesse verificado em relação ao estado dos tumores na noite anterior, pois antes só os havia examinado nos primeiros dias de sua chegada a esta capital” (Diario Carioca, edição 6.982).

Como visto, apesar da aparente retroação dos tumores, não se podia confirmar que esta se deu graças à Krebiozen. Muito provavelmente, sua melhora nada tinha a ver com a droga tomada na noite anterior, porém nada parecia estragar o sentimento de esperança. Quer fosse o medicamento, quer fossem as rezas de Marcina, quer fosse coisa alguma, o importante no momento era que o médico paraibano estava melhorando. Naquela mesma noite, durante o jantar, Napoleão Laureano se alimentou bem, comendo arroz, bife e presunto. Como sobremesa, foram servidos doce de leite e pudim. Foi durante este momento que, numa conversa com o Dr. Kroeff, Napoleão Laureano teria demonstrado otimismo ao dizer “agora, tenho esperança de ainda assistir à inauguração do hospital de câncer na Paraíba”.

## **SEGUNDA DOSE: O ESTADO DE SAÚDE CONTINUA A MELHORAR**

Na quinta-feira, 5 de abril 1951, o jornal A Noite publicava que o estado de saúde do médico paraibano continuava a melhorar e sua equipe médica concluía os preparativos para a aplicação da segunda dose da droga. Traz a matéria as seguintes informações: “Acentuaram-se, ontem, as melhoras do dr. Napoleão Laureano, que hoje deverá tomar sua segunda e última injeção do primeiro tratamento de Krebiozen. Além de se confirmar a redução de volume de alguns gânglios afetados, notadamente o da axila direita e, ontem, o do joelho direito - observou-se uma apreciável melhora no seu estado sanguíneo. O hemograma do paciente revelou que os glóbulos brancos (hemácias) - que haviam caído a três mil, em consequência da terapêutica pela mostarda e rádio - elevaram-se para



3.800 assinalando-se igualmente outras melhoras que deverão ser reveladas no boletim médico a expedir-se hoje. Aguarda-se, assim, com particular interesse, a aplicação da segunda injeção de Krebiozen, a verificar-se logo mais às 19:30 completando o tratamento pelo novo produto, ainda mais porque, de acordo com as observações feitas pelos seus descobridores, os efeitos do Krebiozen se fazem sentir mais nitidamente a partir do terceiro dia de aplicação. O doente, que passou grande parte do dia febril, recuperou à noite boa disposição geral e, como lhe arranjassem uma rede para variar da cama, mostrava-se bastante satisfeito” (A Noite, 3 abr. 1951, edição 6.983).

### **DIA 16 DE ABRIL: DA BEIRA DO COLAPSO A UMA SURPREENDENTE MELHORA**

O boletim médico divulgado no dia 17 de abril de 1951 informa uma melhora acentuada no estado geral do médico Napoleão Laureano. Novos exames apontavam que tinham subido para 5.600 seus leucócitos, isto é, chegado à contagem quase normal. Napoleão apresentava-se disposto, contente e alegre, ainda que viesse a sofrer as consequências do tratamento da radioterapia em dias alternados. Sobre o risco de um infarto até sua melhora, o jornal *Diario Carioca*, edição 6.993, escreve: “Significa isso uma recuperação muito profunda de seu estado geral, a qual se vem processando desde a aplicação do Krebiozen. Encontrava-se, então o médico mártir com três mil glóbulos brancos do sangue - o que equivalia quase à bancarrota e determinou mesmo, certa vez um estado vertiginoso no enfermo que o manteve sob síncope constantes durante um dia inteiro e sob ameaça permanente de um colapso cardíaco. Evitou-se, então, o colapso à custa de medicações muito enérgicas, mas a taxa leucocitária do dr. Laureano manteve-se no mesmo nível ultradeficitário”.

O seu estado de saúde precário é atribuído às aplicações de mostarda nitrogenada, às quais o Dr. Napoleão Laureano foi submetido durante sua permanência nos Estados Unidos e, em decorrência dessa viagem, à impossibilidade de realização das sessões de radioterapia que o tratamento exigia. Por essa razão, chegou àquele estado de penúria sanguínea que quase o vitimou, e expô-lo à nova baixa seria, de certo, fatal.

Entretanto, a melhora veio, e Napoleão Laureano rapidamente pôs a atribuição de sua recuperação à Krebiozen, justificando que o fenômeno se verificou desde a aplicação da droga e que, antes disso, as transfusões de sangue não tinham produzido tal resultado. O que se sabe é que a ação destas sobre os glóbulos brancos não é de transfundi-los, e sim estimulá-los.

## **TRANSFERÊNCIA PARA O HOSPITAL GAFFRÉE E GUINLE**

Debilitado, mas com seu espírito renovado graças às doses da Krebiozen, o Dr. Napoleão Rodrigues Laureano foi transferido da residência do tio de Marcina, na praia do Flamengo, em direção ao importante hospital Gaffrée e Guinle, transportado numa ambulância do serviço na companhia de sua esposa, da cunhada e do presidente da Fundação Napoleão Laureano, o já citado Sr. Pompeu de Sousa. Chegando ao hospital, após fazer aplicações radioterápicas na articulação coxofemoral direita e no olho, o paciente foi transferido para a sala ortopédica, onde trocou o aparelho de gesso que isolava sua perna enferma. Após três horas de uma minuciosa cirurgia, foi feita a substituição. Não foi necessário o emprego de anestesia, pois se fez sem dores, apesar de passar muito tempo na mesma posição que o impedia de deitar-se naquele domingo: o decúbito dorsal.

Sobre sua estadia no hospital, se sabe que recolheu-se ao apartamento 1-A do terceiro andar. Finalmente livre do desconforto que o aparelho lhe impunha, pôde, na companhia da sempre presente Marcina, repousar a noite toda. Ao despertar, informou aos presentes, mais uma vez, que pretendia ir pessoalmente testemunhar a inauguração do hospital na Paraíba.

O Jornal Diario Carioca, edição 6.990, traz o boletim médico, publicado no dia 13 de abril de 1951: “Dia 11, passou relativamente calmo, com temperatura máxima de 38,2, pulso 110, pressão arterial 12x6 à noite. Amanheceu dia 12 com temperatura 37,4, o pulso 108. Sua fórmula sanguínea melhorou estando hoje 12, com 5.200 leucócitos, quando antes tinha apenas 3.000. Hoje pela manhã fez novas aplicações da radioterapia, no Serviço Nacional do Câncer, uma na região coxofemoral e outra na região orbitária esquerda. O aparelho provisório de gesso foi substituído por outro feito em mesa ortopédica, em melhores condições. Novos exames radiológicos foram feitos para verificar o estado das lesões ósseas que apresentam a bacia [e] o fêmur direito [...]”.

Ainda no dia 17 de abril de 1951, o jornal Diario Carioca, edição 6.993, traz um boletim médico: “Passou os dias 13, 14 e 15 relativamente bem, sem dores, tendo tido a temperatura máxima de 38 graus, no dia 13, às 19 horas, com 108 de pulso e tensão arterial de 130x75. Sábado, 14, recebeu mais duas aplicações de Radioterapia, sendo visados os dois focos principais: olho esquerdo e articulação coxofemoral direita. Amanheceu sem febre, no dia 16 com pulso 108 e pressão de 115x70. Na parte da manhã recebeu novas aplicações radioterápicas nas regiões afetadas. Tanto o sono como a apetite melhoraram sensivelmente depois da internação no Hospital Gaffrée-Guinle. Revelou o hemograma do dia 14, um acréscimo de leucócitos, de 5.200 para 5.600 [...]”.



Hospital Universitário Gaffrée e Guinle, onde o Dr. Napoleão Laureano ficou internado durante esse período. Fonte: [http://www.unirio.br/hugg\\_geral/imagens/hospital-universitario-gaffree-e-guinle/view](http://www.unirio.br/hugg_geral/imagens/hospital-universitario-gaffree-e-guinle/view).

## **SE NÃO FOSSE O GESSO, HOJE SAIRIA ANDANDO**

“Se não fosse este aparelho de gesso, eu hoje sairia daqui andando e iria estender a minha campanha por São Paulo, Minas, etc.” Foram essas as palavras entusiasmadas que o médico Napoleão Laureano proclamou na noite de 23 de abril de 1951. Agora sem o desconforto que o gesso na perna lhe causava, aparentava maior disposição e até se alimentava melhor. Ainda internado no Hospital Gaffrée Guinle, aguardava as instruções do Dr. Stevan Durovic que viriam de Chicago. A família, os amigos, a equipe médica e toda a população carioca aguardavam, com ansiedade, as orientações sobre a aplicação de um segundo tratamento pelo soro Krebiozen.

Questionada sobre sua estadia no hospital, dona Marcina respondeu: “[...] temos aqui um tratamento que nem casa teríamos igual. Não só pela assistência técnica, que fora daqui não seria possível, como igualmente pelo elemento humano, que é o melhor possível. Digo mesmo que uma das razões para apreciar ainda mais nossa permanência aqui é a presença mais frequente do dr. Benjamim Viveiros, cuja dedicação a Napoleão é alguma coisa de muito excepcional, acompanhada de perto pela de seus colegas Antonia Pinto Vieira, Gil Moreira e Emanuel Campos. Mas não apenas os médicos. Também o pessoal da copa e da cozinha. É essa gente, toda ela, incedível de dedicação. Somos muito gratos a ela e nos sentimos muito bem na sua companhia” (Diário Carioca, 24 abr. 1951, edição 6.999).

Por que o Dr. Napoleão Laureano precisou fazer uma cirurgia na perna? E ainda, por que ele estava com a perna engessada? Essa profunda se deu, ao que parece, graças ao efeito da Krebiozen, que destruiu seu tecido, como o próprio Napoleão declara: “Logo após a segunda, sobreveio intensa crise álgica, notadamente na articulação coxofemoral direita, a qual em seguida se verificou, viera a sofrer fratura espontânea, que obrigou a imobilização do membro respectivo. Suponho que se possa atribuir tal fratura a destruição do tecido ósseo canceroso neste ponto, em consequência da ação do KREBIOZEN, conforme a própria monografia previa” (Diario Carioca, 28 abr. 1951, edição 7.003). Nesse mesmo depoimento, o médico Laureano fala sobre o seu estado após a segunda dose da droga: “Dez dias depois da segunda injeção, como a elevação do número de leucócitos (que me parece poder-se atribuir ao produto) - o permitisse e os intensos padecimentos que haviam retornado o exigissem - voltei às aplicações radioterápicas, ainda mais porque o volume dos gânglios afetados tornava então a desenvolver-se, assim como assinalava o aparecimento de novos focos a atacar, tudo indicando, portanto, que a evolução da moléstia, detida por um breve hábito, voltava à sua marcha inexorável” (Edição 7.003).

Visivelmente desapontado e preocupado com sua situação, Napoleão Laureano não deixou de apoiar a continuação do seu tratamento com a Krebiozen. Entretanto, era perceptível a sua completa desesperança, esperando que Deus alongasse sua estadia mais um pouco para que ele pudesse usar seus últimos momentos no combate ao câncer. No depoimento supracitado, ele ainda diz: “Mantendo e reafirmando toda a minha confiança no saber e dedicação de ilustres colegas que me assistem, assim como na assistência de toda ordem que venho recebendo da parte dos que cuidam do meu tratamento como da minha campanha - pretendo, nos próximos dias, receber a segunda aplicação de duas doses de ‘KREBIOZEN’, de acordo como que preceitua a monografia do professor IVY e conto, mercê de Deus, prolongar os meus dias, com o único propósito de ainda mais me dedicar ao trabalho a que votei tudo quanto de vida me resta: o combate ao câncer no meu Estado e em todo o país” (Edição 7.003).

### **IMINENTE RISCO DE AMPUTAÇÃO DA PERNA**

O mês de abril trouxe notícias boas e rápidas melhoras. Entretanto, o mês de maio foi terrível para o médico Napoleão e seus familiares. A lesão em sua perna havia piorado, sua saúde como um todo havia declinado. Ele sentia que estava vivendo seus últimos momentos. O jornal Diario Carioca de 08 de maio de 1951 traz o triste relato: “[...] O aparelho de gesso foi tirado da perna fraturada, porque não era possível ao enfermo suportá-la por mais tempo. Em substituição ao aparelho colocaram um peso para manter imóvel a região da fratura. Como já noticiamos, há uma

acentuada inclinação por parte do Dr. Napoleão Laureano, para a amputação da perna atingida, operação esta que os médicos assistentes tudo estão fazendo para evitar. D. Marcina, dedicada esposa do médico mártir paraibano, que não abandona a cabeceira do marido enfermo, informou à nossa reportagem, hoje, pela manhã, que o estado geral do esposo, apesar das ligeiras melhoras registradas agora, é bastante grave, pois nos últimos dias, novos gânglios cancerosos apareceram, acentuando o insucesso da luta que se vem travando para evitar a progressão da moléstia. O próprio enfermo, manifestando o seu desânimo à esposa, teria declarado: *‘Marcina, eu acho que estamos perdendo tempo’* (Diário Carioca, edição 13.783). Desse momento em diante, sua situação iria apenas piorar até, finalmente, se encerrar na sua morte.

### **MARIA DO SOCORRO: A INOCÊNCIA EM MEIO À TRISTEZA**

Em meio ao caos e à crescente preocupação com o estado de saúde do Dr. Napoleão Laureano, surge a figura de sua filha, a adorável Maria do Socorro Sampaio de Melo Laureano. Adotada ainda muito nova pelo casal, Maria tornou-se a alegria da casa e o conforto aos olhos de seu pai. Acompanhando a evolução da enfermidade de Napoleão, a pequena menina nem imaginava o que estava a passar e limitava-se a perguntar ao pai o porquê dele usar gesso em sua perna. Ela perguntava: “Paizinho pra que é esse cano branco que puseram na sua perna, hein?”. Incomodava-se com o desconforto que seu pai sentia, recomendando-o a retirar: “Manda tirar esse negócio, paizinho. Isso tá muito feio aí...”.

Os mais próximos contavam se divertindo que a menina era esperta e desembaraçada. A garotinha é um rebuliço e já procura ajudar a sua tia, dona Márcia, e a própria mãe, dona Marcina, e decorava as respostas quando tocava o telefone, exclamando: “Pai tá melhor, obrigado...”.

### **A RÁDIO NACIONAL CUSTEARÁ A EDUCAÇÃO DE MARIA DO SOCORRO**

A doçura da menina conquistou os colaboradores da Rádio Nacional. O Jornal A Noite (RJ), edição 13.761, traz em sua matéria: “A graciosa filhinha do casal Marcina-Laureano, como se sabe, terá, num gesto nobilitante da Rádio Nacional, que resolveu ampará-la, a garantia do seu futuro e da sua educação. Esse propósito da nossa emissora foi anunciado pelo Sr. Victor Costa, seu diretor-geral, no dia do empolgante programa de Paulo Roberto, ‘Honra ao Mérito’, no qual, perante

enorme assistência, foi focalizada a figura e os grandes exemplos de amor ao próximo do Dr. Napoleão Laureano. O oferecimento da Rádio Nacional encontrou pronta ressonância na satisfação de todos que ali trabalham, onde, desde então, Maria do Socorro passou a ocupar o lugar de honra de caçulinha benquista no seio da grande família da PRE-S”.

## **NAPOLEÃO ESCREVE UMA CARTA AGRADECENDO À RÁDIO NACIONAL**

A iniciativa nobilíssima da Rádio Nacional, como não podia ser de outro modo, foi bem recebida pelos pais da meiga Maria do Socorro. A fim de manifestar seu agradecimento e de sua esposa, Napoleão Laureano escreveu uma mensagem no dia 7 de abril de 1951 destinada à organização da rádio. Escreveu o seguinte: “Prezado Sr. Victor Costa. - Acusamos o recebimento do gentil oferecimento da Rádio Nacional, de promover todos os meios necessários à educação de Maria do Socorro, como demonstração de um profundo sentimento de solidariedade que muito nos comoveu em uma hora de dúvidas e incertezas, em que o futuro de nossa filhinha era para nós motivo de muito maiores preocupações que a própria provação, que Deus, com sua infinita sabedoria, nos reservou. Assim, pois, é nosso propósito aceitar esse generoso amparo da Rádio Nacional, que tanta tranquilidade nos traz com relação ao futuro de nossa filha Maria do Socorro, objeto constante dos nossos maiores desvelos, e que atualmente se acha internada no Colégio Jesus Crucificado, na Estrada do Belém, 1.164, no Recife. Quanto à maneira pela qual se tornará efetivo o generoso oferecimento da Rádio Nacional, rogamos a V.S. fixar a melhor forma para sua execução, colocando-nos à sua disposição para prestarmos pessoalmente quaisquer esclarecimentos. Profundamente sensibilizados com as diversas provas de estima e solidariedade com que fomos distinguidos não só por V. S., como também pelos que consigo colaboram na Rádio Nacional, a todos deixamos aqui o nosso mais comovente agradecimento. - (assinado) Napoleão Laureano” (A Noite, 11 abr. 1951, edição 13.761).

Nesse momento, o médico mártir já estava a experimentar os seus últimos momentos e, ainda assim, com a morte a bater à porta, se preocupava com o futuro de sua filhinha. O médico estoico, como passou a ser chamado, percebia a vida e sua situação como uma experiência necessária, algo que tinha por finalidade um bem secreto. Certamente, na altura, já não tinha esperança em se recuperar. O remédio Krebiozen nada pôde fazer para salvá-lo. Não havia mais um “remédio milacuroso”.

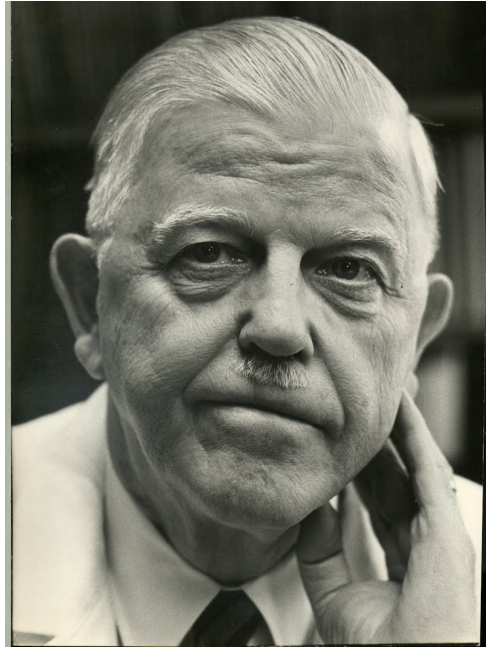
## A KREBIOZEN PROVA-SE SER INEFICIENTE



“Krebiozen: a cura do câncer que foi uma fraude”  
Foto: <https://www.tribpub.com/gdpr/chicagotribune.com/>

O sentimento inicial de esperança logo foi tomado por uma dolorosa angústia e decepção. O remédio não entregou o que prometeu, pelo contrário, talvez tenha piorado a situação clínica de Napoleão Laureano, especialmente sua perna, que acelerou seu declínio. No fundo, o próprio Napoleão não acreditava na eficácia do remédio. Quando viajou aos Estados Unidos em busca de algo, anunciou que “estava indo em busca de um remédio que ainda não existia”. A viagem ao estrangeiro, assim como o tratamento com a Krebiozen, foi apenas para “descarrego de consciência”, pois ele sabia que estava condenado. Não só ele não acreditava no remédio, mas os médicos que o assistiam também, especialmente o Dr. Kroeff, que no jantar de 3 abril declarou sua opinião sobre a droga. A princípio, recebeu com bastante ceticismo as notícias telegráficas que fizeram a Fundação Napoleão Laureano. Confessou que opinou por sua vida mais por motivos psicológicos do que clínicos. (Diário Carioca, 4 abr. 1951, edição 6.982).

Em 28 de abril do ano de 1964, isto é, 13 anos após a morte trágica do Dr. Napoleão Laureano, o Dr. Durovic, o Dr. Andrew Conway Ivy e a Fundação de Pesquisa Krebiozen foram indiciados por introduzir drogas rotuladas de forma errônea e criminosa. Após 9 meses de júri, o processo terminou empatado e eles foram absolvidos. Em seguida, o Dr. Durovic foi indiciado novamente, mas desta vez pelo crime de sonegação de impostos, fugindo para sempre dos Estados Unidos.

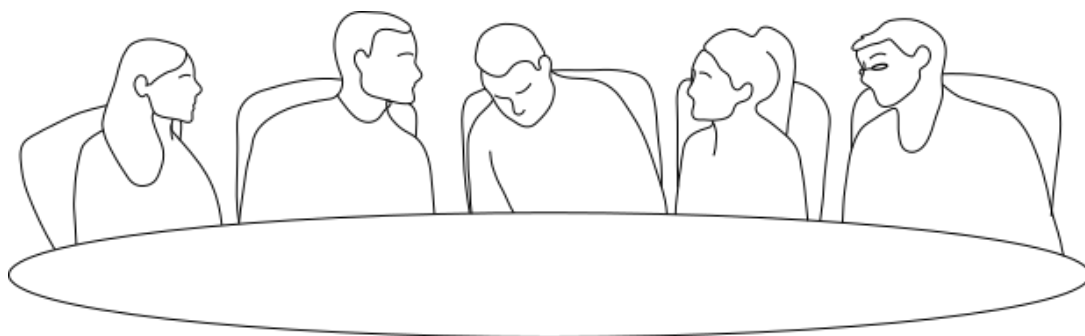


O Dr. Andrew Conway Ivy. Foto: Alfred Eisenstaedt. Créditos: Life Magazine.

O uso de um remédio sem comprovação científica não ajudou o médico Napoleão Rodrigues Laureano em seu tratamento. Pelo contrário, possivelmente agravou sua situação clínica e abreviou seus dias. Esse pode ser um objeto de análise e reflexão de nossa parte sobre o quão perigoso pode ser o uso de remédios não aprovados por um órgão de saúde, especialmente agora, quando vivemos a pandemia da Covid-19, na qual vemos o uso equivocado de medicamentos sem comprovação científica, que além de não ajudarem em nada, provocam um outro grave problema sanitário aos que deles fazem uso.



**CAPÍTULO IX:**  
**MESA-REDONDA E AS BASES DA**  
**FUNDAÇÃO NAPOLEÃO LAUREANO**



## MESA-REDONDA

Na segunda metade do mês de abril, Napoleão Laureano colocou-se a divulgar mais a sua luta contra o câncer, cedendo entrevistas e participando de debates nos quais discutiam as questões que cercavam o tratamento de câncer no Brasil. Uma das maiores contribuições de Napoleão Laureano nesse sentido foi sua participação em uma mesa-redonda promovida no auditório do jornal *Diário Carioca*, onde além da presença do ilustre médico paraibano, também se fizeram presentes grandes cientistas e autoridades políticas, os quais se propuseram a discutir medidas públicas de saúde, a fim de diminuir o sofrimento daqueles que eram vítimas da terrível moléstia.

O evento aconteceu na noite de sábado do dia 17 de março de 1951 e teve uma duração total de 3 horas. Contou com a presença do próprio Dr. Napoleão Laureano e de sua esposa, Marcina Laureano. Foi presidida pelo então Ministro da Educação, Sr. Simões Filho, e ainda teve a participação dos senhores Dr. Mário Kroeff, diretor do Serviço Nacional do Câncer; Dr. Sérgio de Azevedo, vice-diretor do então Serviço Nacional do Câncer; Dr. Alberto Coutinho, presidente da Associação Brasileira de Assistência aos Cancerosos e chefe do Serviço Clínico Nacional do Câncer; Dr. Jorge Marsillac, cirurgião do Serviço Nacional do Câncer; Drs. Ozolando Machado e Antônio Pinto Vieira; e, por último, mas não menos importantes, os Drs. Adair Eiras de Araújo, Turibio Braz e Fernando Gentil.

Foi lançada, portanto, a base do que viria a ser a Fundação Napoleão Laureano, a qual dedicava-se a aplicar fundos adquiridos por doações, numa campanha que visava a construção de um hospital especializado em tratamento contra o câncer na capital paraibana. De imediato, foram oferecidos centenas de milhares de cruzeiros à recém-nascida Fundação. Na ocasião, foram postos em pauta os mais diversos assuntos que envolviam o tratamento do câncer no Brasil e no mundo. A abertura se deu quando o Sr. Danton Jobim<sup>12</sup>, redator chefe do jornal *Diário Carioca*, saudou a todos os presentes na figura do Napoleão Laureano. Em seguida, foi passada a palavra ao ilustríssimo Ministro da Educação e Saúde, Sr. Simões Filho, o qual também ocupou a presidência da mesa. Deu início dizendo: “SRS. - O governo da República, que tenho a honra de representar aqui, participa da emoção pública provocada pelo heroísmo do dr. Napoleão Laureano. Devo acrescentar que ele considera do seu estrito dever oferecer a sua cooperação, em todos os sentidos, para dar ao heroico médico paraibano todo o seu amparo”. Em seguida, deixando as suas atribuições de lado, demonstrou sua vontade própria de fazer parte daquele movimento único, concluindo: “Se não fosse

---

<sup>12</sup> Danton Pinheiro Jobim foi um importante jornalista, escritor, advogado e político. Nascido em Avaré, interior de São Paulo, mudou-se para o Rio de Janeiro em 1923. Ingressou no jornalismo, trabalhando para os jornais *A Noite* (RJ), *Correio da Manhã* e *O Globo*. Mais tarde trabalhou no *Diário de Notícias*, passando também pelo *Diários Associados*, até chegar ao *Diário Carioca*.

ministro, nesta oportunidade, estaria entre os assistentes desta mesa redonda, como velho jornalista interessado em todos os grandes problemas do país” (Diário Carioca, 18 mar. 1951, edição 6.969).

## **NAPOLEÃO LAUREANO DISCURSA**

Após a fala do ministro Simões Filho, o Sr. Pompeu de Sousa tomou as rédeas da reunião, sendo o mediador do debate e passando a palavra ao Dr. Napoleão Laureano, que fez uma rápida, mas também detalhada descrição dos objetivos da Fundação. Laureano confessou aos presentes que, durante os meses em que a moléstia se abateu sobre ele, se pôs a refletir sobre como poderia fazer dessa maldição pessoal uma benção coletiva. A resposta lhe veio: a construção de um hospital especializado no tratamento dos cancerosos.

Havia pensado que este poderia ser construído na Paraíba, um lugar que, na altura, era totalmente desprovido de quaisquer recursos no combate ao câncer. Convencido de que era um sonho passível de ser realizado, o pôs a cabo. O plano inicial era conseguir o equipamento médico necessário, a assistência de especialistas e um centro de pesquisa.

Sobre a aplicação do dinheiro e recursos adquiridos, Napoleão sabia que ele próprio não poderia dirigir, pois tempo para isso não tinha. Sábio seria entregar essa missão a alguém mais preparado, e não pensou em mais ninguém além do Dr. Mário Kroeff.

Pensando na cidade que o acolheu tão bem, Napoleão Laureano insistiu que os recursos fossem destinados à organização de um hospital no seu estado natal, em preferência na capital, João Pessoa, indicando, inclusive, o hospital São Cristóvão, aquele mesmo que havia trabalhado, como o mais capaz de criar um serviço especializado.

## **CONSTITUÍDA A FUNDAÇÃO NAPOLEÃO LAUREANO**

Na mesma ocasião, foram lançadas as bases da Fundação Napoleão Laureano, cujo objetivo principal era recolher fundos para a obra de combate ao câncer em todo território nacional. Talvez essa tenha sido a primeira vez que uma instituição não pública observou com mais atenção as necessidades de outras regiões do Brasil, especialmente os estados do Norte e Nordeste.

Foi escolhido como presidente da Fundação o jornalista Pompeu de Sousa, e a primeira-dama, a sra. Darcy Vargas, como presidente de honra. Ela seria uma peça muito valiosa no governo e uma ponte entre Laureano e o presidente Getúlio Vargas.

A ideia da criação da Fundação Napoleão Laureano, tudo indica, não partiu do médico paraibano, mas sim como fruto da discussão de três participantes da mesa-redonda: Dr. Mário Kroeff, Dr. Sérgio de Azevedo e o ilustre jornalista, o Sr. Pompeu de Sousa. Entretanto, fontes dizem que a sugestão veio primeiro do Dr. Osolando Machado, que sabiamente observou que a maior dificuldade enfrentada pelo médico Laureano era a falta de uma sistemática rede de distribuição de recursos e auxílios de todas as naturezas, capazes de ajudá-lo em seu objetivo.

## **DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA**

Após o início dos trabalhos e o fim das exposições orais das autoridades presentes, e após o lançamento dos alicerces da Fundação Napoleão Laureano, tendo, inclusive, sua diretoria empossada, chegou a hora dos especialistas fazerem um trabalho de divulgação científica, ajudando a conscientizar a população em geral sobre os riscos da doença e, especialmente, as formas de tratamento do câncer, levantando pontos importantes, como a não hereditariedade da moléstia e não transmissibilidade. Temos que lembrar o contexto da época, isto é, em 1951. Pouco - ou quase nada - se sabia acerca do câncer, uma doença misteriosa com uma alta taxa de letalidade. Tudo isso servia para distanciar o enfermo acometido pelo mal da vida em sociedade.

Foi explicado ao grande público que, através do diagnóstico precoce, todo e qualquer tipo de câncer era curável. Do mesmo modo, foram apresentados os métodos de tratamento cientificamente comprovados, como a radioterapia, que era uma novidade para a época. Uma discussão das possíveis causas também foi levantada, assim como dados estatísticos sobre maior ou menor risco de desenvolvimento da doença; informações, como a frequência de casos ser mais comum em mulheres do que em homens; e aqueles com mais de 35 anos estarem mais vulneráveis a desenvolver os casos mais graves da doença.

Dessa forma, Napoleão Laureano e aqueles que compunham a mesa-redonda estabeleceram não somente o início da campanha e objetivos da Fundação a curto e longo prazo, mas, percebendo a altíssima popularidade do médico paraibano, aproveitaram para fazer uma importante contribuição para a conscientização da população brasileira a respeito do câncer, das suas possíveis causas e, principalmente, dos seus tratamentos, usando o Dr. Napoleão Laureano como um transmissor de informações de grande importância para as políticas de saúde pública. Mas do que nunca, Laureano tornou-se o médico do povo, que compartilhava das mesmas dificuldades e que seria o modelo a ser seguido.

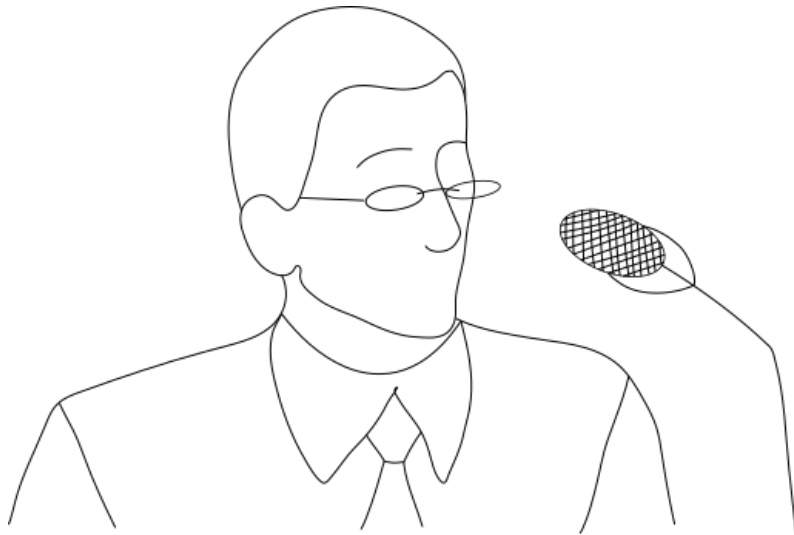
## O PRESIDENTE GETÚLIO VARGAS RECEBE O MÉDICO PARAIBANO

Após o término da mesa-redonda promovida pelo jornal Diário Carioca, o médico Napoleão Laureano, junto de sua sempre presente esposa Marcina, de sua cunhada e na companhia do ministro da educação e saúde, entrou num carro em direção ao Palácio Rio Negro, em Petrópolis. Lá haveria uma audiência com o presidente da república, Getúlio Vargas. O excelentíssimo presidente ficou bastante impressionado com a perseverança demonstrada por Laureano, e sua admiração se estendia à sua esposa, a primeira-dama, sra. Darcy Vargas, empossada vice-presidente de honra da Fundação Napoleão Laureano.

A audiência durou 20 minutos. Em seu decorrer, o presidente Getúlio Vargas se pôs a indagar o médico sobre seus meios de subsistência, preocupando-se com seu estado clínico. Utilizando-se de um microfone que registrava sua fala, Vargas confessou a uma emissora de rádio que o Governo Federal estava comprometido com a causa da Fundação Napoleão Laureano, passando a responsabilidade da tarefa para o ministro Simões Filho, o qual prometeu cumprir as determinações do presidente da república, se comprometendo no empenho máximo com os ideais do médico paraibano. Ainda, na oportunidade, o presidente Vargas nomeou Napoleão Laureano e sua esposa para o alto cargo no Serviço Nacional do Câncer.

Profundamente emocionado com o que ouviu, Napoleão Laureano, com o rosto envolto em lágrimas contidas, conseguiu apenas pronunciar as palavras: “muito obrigado”. Concluída a audiência, Laureano embarcou em um carro que lhe aguardava para trazê-lo de volta ao Rio de Janeiro. Olhando para sua amada companheira, confessou: “Marcina, é o maior dia de toda minha vida”. Daquele dia em diante, ele não lutaria mais sozinho, pois o Brasil estava ao seu lado. Porém, passado algum tempo, a situação clínica de Laureano se deteriorou, voltando a fazer uso do microfone de uma grande emissora, desta vez, para dar o último adeus.

## **CAPÍTULO X: ADEUS, BRASILEIROS**



## O ADEUS

Talvez esse seja o menor capítulo deste livro, mas ele é um dos mais emocionantes, sem dúvida. Em março de 1951, a situação desesperadora do Dr. Napoleão Laureano já era evidente a todos, inclusive a ele próprio. Embora ainda alimentasse alguma esperança no tratamento com a Krebiozen, a própria equipe de médicos assistentes de Laureano sabia que mais nada podia ser feito. A droga serviu muito mais como tratamento psicológico, ajudando o médico paraibano a manter a calma e a esperança para que pudesse dar continuidade à campanha nacional. No final das contas, era apenas isso que importava, pois os dias de Laureano já estavam contados desde a viagem a Nova Iorque, e ele sabia disso.

Tendo em mente que seus últimos dias serviriam para conscientizar o povo brasileiro a respeito de políticas públicas e para arrecadação de donativos para a campanha, Laureano participou em 20 de março de 1951 de uma entrevista na rádio da Agência Nacional. Por volta das 19:30, Dr. Napoleão Laureano chegou ao estúdio, onde foi recebido pelo major Caio Miranda, na altura, diretor da Divisão de Informações, e de todos os chefes de serviços daquele órgão oficial.

Napoleão Laureano, acompanhado de sua sempre presente esposa, a senhora Marcina, e de sua cunhada, Márcia Sampaio Júnior, ao pegar o microfone, apresentou as emocionantes palavras:

“É um dever de gratidão que me leva a dirigir hoje, pelo microfone da Agência Nacional, a minha mensagem de fé a todos os corações brasileiros. E, se bem que lhes fale num momento derradeiro, minhas palavras vão cheias de entusiasmo pela nobre compreensão demonstrada ante o meu drama e pelo magnífico apoio que lhes mereceu o meu apêlo. Souberam todos, num comovente exemplo de civismo, ver no meu caso o símbolo doloroso de um mal que é preciso combater. E empenharam-se, comigo, nesta cruzada piedosa - em que perdem significação os meus sofrimentos, pesares e angústias, face ao aspecto geral do quadro de cancerosos do Brasil.

Estou certo de que o meu sacrifício não será em vão, porque tenho razões para confiar no êxito desta campanha: o belo espetáculo de solidariedade a que tenho assistido, dá-me a certeza de que o Brasil, em breve pelo esforço e boa vontade de seus filhos, há de contar com os indispensáveis recursos materiais, para a constituição de meios preventivos e de combate ao câncer. Dispomos, felizmente, de um quadro de especialistas que honram a ciência nacional; ajudemo-los, pois, a realizar a sua nobre missão, oferecendo-lhes os elementos de que necessitam.

Reitero, assim, o meu apêlo a todos os brasileiros, a fim de que participem deste movimento de caridade cristã, contribuindo, não importa com que parcela, para minorar os sofrimentos de seus irmãos cancerosos.

Não posso aqui deixar de registrar, também, o meu respeito e a minha admiração pelos poderes públicos do meu país, sempre vigilantes e empenhados em conquistar para o seu povo, uma situação que corresponda às suas aspirações.

Meu melhor pensamento, porém, quero dedicar ao nosso ilustre presidente, Sr. Getúlio Vargas. E, mais do que ao seguro condutor dos belos destinos da Nação, dirijo-me à sua inconfundível personalidade de homem público, ao seu generoso senso de solidariedade humana e à sua infinita compreensão ante os problemas dos seus semelhantes.

Levo comigo para sempre, a lembrança confortadora do afetuoso interesse com que S. Excia. me honrou e do apoio irrestrito que houve por bem dispensar à campanha que iniciei. O Brasil lhe está bem entregue; que Deus o ajude.

E agora, meus irmãos brasileiros, despeço-me de vós: recebu o meu mais comovido agradecimento, vós todos que participais desta cruzada de bondade e de fé; e que as minhas palavras possam, também, levar o meu sentimento de gratidão à imprensa, ao rádio e a todos os setores de que, pela carinhosa acolhida, me fiz eterno devedor.

Adeus, brasileiros. Deixo convosco a minha bandeira e levo comigo a certeza de que ela há de tremular sempre nos céus da Pátria, como símbolo de um dever cumprido e de melhores dias para os cancerosos” (A Noite, 20 mar. 1951, edição 13.744).

Desta maneira dramática e completamente consciente, o Dr. Napoleão Laureano se despede pela última vez do povo brasileiro, que o acompanhou em toda sua jornada no combate ao câncer.

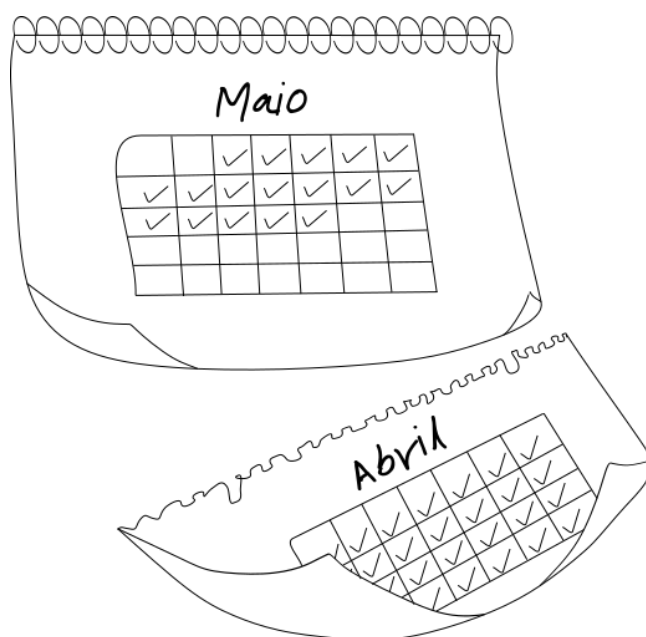
Uma das coisas que mais nos chama atenção nesse discurso do Dr. Napoleão Laureano na Agência Nacional é o fato dele dedicar boa parte de sua fala ao presidente da república, o Sr. Getúlio Vargas. Anos antes, ainda aluno do curso de medicina na Universidade Federal de Pernambuco, o jovem Napoleão Laureano participara de movimentos estudantis que lutavam contra a ditadura do Estado Novo de Vargas. Após formado, filiou-se à UDN, partido que liderou os movimentos contra Getúlio Vargas. Politicamente ativo, se engajou na redemocratização do Brasil, onde poucos anos depois, Getúlio Vargas voltaria ao poder, dessa vez, democraticamente. Vargas seria então, ironicamente, um dos mais ilustres aliados de Napoleão Laureano em sua luta contra a doença que o vitimou.





Registro do momento em que o Dr. Napoleão Laureano falava ao povo brasileiro usando o microfone da Agência Nacional. Foto: A Noite.

## CAPÍTULO XI: OS ÚLTIMOS DIAS



## PRENÚNCIO DO FIM

Durante todo o mês de seu falecimento, isto é, maio de 1951, o Dr. Napoleão Laureano não se deixou perder a esperança. Sempre que era questionado sobre seu estado de saúde e seu evidente e inevitável fim, dizia que se sentia melhor, que aguardava melhoras com a medicação e que Deus lhe agraciaria com mais alguns dias de vida. Entretanto, é possível perceber em seus últimos dias um desânimo (absolutamente normal, dada sua condição). Neste capítulo, nos propomos a analisar os seus últimos dias de vida e a evolução do seu quadro médico até, finalmente, o seu trágico óbito, em 31 de maio de 1951.

### 14 DE MARÇO DE 1951

Na metade do mês de março do fatídico ano de 1951, Napoleão Laureano concedeu uma entrevista ao jornal *Diario Carioca*, edição 6.965, na qual tristemente confessava não acreditar em tratamento milagroso. Na altura da entrevista, já sofria dos males finais de sua doença. Visivelmente abalado, o heroico médico não deixava de estampar o sempre sereno sorriso.



Napoleão Laureano e sua esposa Marcina posam para foto. Foto: *Diario Carioca*.

### 18 DE MARÇO DE 1951

Já em meados do mês de março de 1951, as informações circuladas na imprensa da época eram de que não havia mais esperança para o Dr. Napoleão Laureano, e o seu fim era certo. Mais do que isso, os jornais cravavam “viverá algumas semanas”, como foi o caso do jornal *Diario de Notícias* (RJ) do dia 18 de março de 1951. Em sua capa trazia a triste informação: “O dr. Napoleão Laureano, que conta 36 anos de idade, e que, segundo opinião de especialistas, viverá apenas mais

algumas semanas, já se encontra no Recife, a caminho desta capital, onde desejou passar os seus últimos dias de vida” (edição 8706).

### **23 DE MARÇO DE 1951**

Traçando seu estado clínico desde a inauguração da Fundação Napoleão Laureano, no dia 23 de março de 1951 o jornal Diário de Notícias informa no seu boletim médico que o Dr. Napoleão Laureano iniciou uma série de exames clínicos, entre radiológicos e hematológicos, a fim de confirmar o diagnóstico que recebeu quando esteve no Memorial Hospital de Nova York, Estados Unidos. Na oportunidade, os médicos identificaram um linfossarcoma em estado muito avançado, tendo se espalhado em lesões generalizadas em torno do maxilar superior, gânglios e várias cadeias, além de rarefações ósseas. O hemograma também revelou uma queda significativa nas séries branca e vermelha: seus glóbulos brancos chegaram a 3 mil; as hemácias, três milhões e seiscentos mil. Um outro exame acusou hipoplasia, isto é, deficiência de células responsáveis por regenerar o sangue. Foi preciso, portanto, uma pequena transfusão de sangue, a primeira de uma série programada para garantir a continuação da irradiação necessária, atacando-se ainda o foco orbitário, o qual seguia inchado e saliente, o que lhe comprimia o olho, causando uma diplopia, isto é, uma visão duplicada dos objetos.

Os exames foram assistidos pelos seguintes médicos: Drs. Mário Kroeff, Alberto Coutinho e L. Benjamim de Viveiros, encarregados dos exames gerais; Dr. Evaristo Machado Neto, responsável pelos exames radiológicos; e Dr. Emanuel Rabêlo, em competência dos exames laboratoriais. A radioterapia foi realizada pelos médicos Osolando Machado e Antônio Pinto Vieira. As transfusões sanguíneas, pelo Dr. Gil Moreira Filho (Diário de Notícias, edição 8.715).

### **27 DE MARÇO DE 1951**

Em 26 de março de 1951, isto é, no dia anterior ao boletim médico, o Dr. Napoleão Laureano foi visitado às 16 horas pelo então prefeito do Rio de Janeiro, o senhor Gal. Ângelo Mendes de Moraes. O político adentrou o apartamento 205 da residência de Laureano, no Rio de Janeiro. Não há muitas informações sobre o teor da conversa, mas sabe-se que o médico se encontrava razoavelmente bem, tão bem que, mesmo enfermo, era regularmente solicitado a diagnosticar. O jornal A Noite (RJ) traz uma informação curiosa: “Um fato que bem evidencia o grau de confiança que os antigos clientes do Dr. Napoleão Laureano depositam nas suas qualidades de médico, é ter um seu antigo assistido, de nome Severino Alves Moreira, residente na cidade de Sapé, no interior da Paraíba, lhe haver enviado quatro radiografias para serem examinadas, em vista de

terem os facultativos do interior paraibano suspeitado da existência de um tumor em um de seus rins” (A Noite, 27 mar. 1951, edição 13.748).

Sobre seu quadro médico: se sabe que as melhoras vividas na noite anterior, 26 de março, pelo Dr. Napoleão Laureano, em companhia do prefeito da cidade do Rio de Janeiro, rapidamente se desfizeram. Seu quadro havia piorado consideravelmente, encontrando-se em uma situação muito delicada.

### **30 DE MARÇO DE 1951**

Passados alguns dias, os movimentos que arrecadavam fundos e donativos para a Fundação Napoleão Laureano se intensificaram. Não apenas empresas e governos se dispunham a ajudar, mas pessoas comuns, que pouco tinham a oferecer, puseram-se ao auxílio, como é o caso do senhor Abelardo Agrigio Tenório, parente do deputado Tenório Cavalcanti, residente na rua Ourique, número 1206, em Braz de Pina, o qual ofereceu o seu próprio sangue para as transfusões de que necessitaria o Dr. Napoleão Laureano (Diário Carioca, edição 6.978).

Sobre seu quadro médico: Laureano sofreu sucessivas e terríveis síncope, apresentando real ameaça de sofrer um colapso cardíaco. O motivo? Excesso de analgésicos. Na noite anterior, isto é, 29 de março de 1951, Napoleão Laureano foi acometido de uma grave crise, pois sua temperatura elevou-se a níveis alarmantes. O estado precário que se manifestou ainda nas primeiras horas da manhã prolongou-se até a tarde, continuando bastante abatido e debilitado ao entrar da noite, sendo rapidamente socorrido por seus médicos assistentes do Serviço Nacional do Câncer. Napoleão Laureano superou mais este desafio à custa de novas transfusões de sangue, assim como de medicação prescrita (Diário Carioca, edição 6.978).

### **6 DE ABRIL DE 1951**

Desanimado e triste, assim descrevem a situação atual os redatores do jornal A Noite (RJ). Poucos dias haviam se passado desde a segunda dose da Krebiozen e o término do tratamento. As melhoras observadas no início rapidamente se desfizeram. A imprensa anunciava o pior: ele estava vivendo seus últimos meses. Ao informar sobre a segunda aplicação da droga, o jornal se questiona se ele ainda terá tempo de repetir o procedimento. A matéria traz: “[...] As outras duas, relativas ao segundo tratamento, só daqui a 30 dias. Chegará a tomá-las? Quem sabe? Pelo menos é um triste e insofismável vaticínio em contrário o seu estado hoje pela manhã [...]” Em seguida, há um relato de uma visita feita ao médico, no qual é constatado seu atual estado físico e mental: “[...] Quando estivemos no apartamento da praia do Flamengo sentimos que lhe pesava no ambiente o amargor do

desespero. Qualquer pergunta sobre a saúde do estoico e nobre médico paraibano, encontrava pronta resposta no mudo sofrimento de D. Marcina Laureano. Seus olhos marejados de lágrimas e vermelhos de chorar, diziam tudo. A fisionomia triste e combalida de velhos amigos dos bons tempos da Paraíba, testemunhos da bondade, da resignação e do sofrimento de Napoleão Laureano, também falavam em silêncio das esperanças que pareciam fugir” (A Noite, edição 13.757).

Este foi o início do difícil mês de abril para o Dr. Laureano. Os dias dos homens são contados, e daqui em diante, Napoleão Rodrigues Laureano teria apenas 55 dias de vida. Porém, mesmo nesse estado, Laureano planejava uma viagem a São Paulo, que estava marcada para o dia seguinte, isto é, 7 de abril. Contudo, ninguém esperava que ele conseguiria ir. Seu desejo no momento era regressar à sua amada Paraíba e ao seu povo. Declarou ele ao seu irmão Isaac Laureano, dizendo: “Qual Isaac... Creio que não há mais remédio. Se de todo sentir que tudo está perdido, o que eu quero, antes de mais nada, é voltar para a Paraíba, para minha casa” (A Noite, edição 13.757).

## **7 DE ABRIL DE 1951: DESEJA VOLTAR À PARAÍBA**

Após confessar aos seus parentes e amigos próximos, o Dr. Napoleão Laureano torna público o seu desejo de voltar imediatamente à Paraíba, para junto de sua família, para junto dos seus. Seu estado clínico havia piorado bastante e não havia expectativa de melhora. Rapidamente, um avião da FAB - Força Aérea Brasileira foi colocado à sua disposição, a fim de levá-lo à Paraíba. Enquanto se preparava para regressar ao Nordeste, recebeu uma homenagem do Instituto Brasileiro de História da Medicina, na qual a instituição elegeu o Dr. Napoleão Rodrigues Laureano como membro de honra. O projeto foi unanimemente aprovado e o médico mártir foi indicado para a maior distinção que o instituto podia outorgar, valorizando assim suas notáveis virtudes. O grupo ainda incentivou fortemente que seus confrades colaborassem, na medida do possível, para com a cruzada que o médico Napoleão Laureano estava a participar.

O jornal Diário Carioca, edição 6.986, informa que a viagem que o médico paraibano faria a São Paulo foi cancelada devido a uma reação da Krebiozen. Escreve também: “Agravou-se ontem, subitamente, o estado geral do dr. Napoleão Laureano, que passou um dos piores dias de toda a doença, agravado por dores lancinantes ao mínimo movimento de articulação coxofemoral direita. O fato forçou o adiamento da viagem que insistia em fazer hoje a São Paulo”. Em seguida, a matéria apresenta uma hipótese para a reação: “Embora sem afastar a hipótese de se tratar de fenômeno evolutivo natural na marcha da moléstia, os médicos assistentes do enfermo admitem, entretanto, que se trata de uma reação em consequência da segunda injeção de Krebiozen, feita na noite da véspera.

Reação, aliás, prevista pela monografia dos descobridores do remédio. Nesta, observa o dr. Andrew C. Ivy que o produto provoca uma absorção do tecido canceroso, cujos resíduos vão sobrecarregar o aparelho circulatório, assim como o renal”.

A partir desse trecho, podemos concluir que o remédio Krebiozen, além de não salvar o médico Napoleão Laureano, certamente e comprovadamente, piorou, e muito, o seu estado geral, prejudicando outros órgãos que, até então, se mantinham em bom estado de funcionamento. Em outras palavras, a Krebiozen encurtou os escassos dias de vida do médico paraibano.

### **8 DE ABRIL DE 1951**

No sábado, dia 8 de abril, o médico mártir acordou melhor após ter sofrido de fortes dores e febre alta. O que mais impressionava aqueles que o assistiam era sua doçura e calma. Mesmo padecendo de dores terríveis que dilaceravam seu corpo, sua alma mantinha-se intacta, sem nunca se queixar ou praguejar algum mal, apenas aceitando aquilo que acontecia consigo. Mantinha sempre um aspecto sereno, talvez na esperança de acalmar ou trazer conforto para os presentes que o acompanhavam.

Como já era esperado, após uma reunião entre seus médicos, o Dr. Mário Kroeff e o Dr. Benjamin de Viveiros, e o presidente da Fundação Napoleão Laureano, o ilustre Sr. Pompeu de Sousa, foi decidido que a viagem que Laureano pretendia fazer às 14h a São Paulo não podia acontecer, visto o seu estado de saúde. Impedido do seu compromisso, Napoleão Laureano enviou uma saudação aos seus irmãos paulistas por intermédio das “Folhas”.

### **11, 12 E 13 DE ABRIL DE 1951**

Sentindo-se um pouco melhor, o médico estoico anunciou com entusiasmo que voltava a ter esperança de aplicar sua campanha de combate ao câncer, pelo menos no seu estado natal, isto é, na Paraíba.

O boletim médico daquela quarta-feira ensolarada foi esse que o Diário Carioca trouxe na sua quinta página: “Dia 11, passou relativamente calmo, com temperatura máxima de 38,2, pulso 110, pressão arterial 12x6 à noite. Amanheceu dia 12 com temperatura 37,4, o pulso 108. Sua fórmula sanguínea melhorou estando hoje 12, com 5.200 leucócitos, quando antes tinha apenas 3.000. Hoje pela manhã (13 de abril) fez novas aplicações de radioterapia no Serviço Nacional do Câncer, uma na região coxofemoral e outra na região orbitária esquerda. [...]” (Diário Carioca, edição 6.990).

Como já dito em capítulo anterior, nessa mesma semana o médico Napoleão Laureano teve seu aparelho de gesso que envolvia sua perna substituído por outro feito em mesa ortopédica, o qual fora concebido em melhores condições, diminuindo bastante as dores e desconfortos causados no paraibano. Foram realizados outros exames radiológicos, os quais apontavam uma série de lesões ósseas na bacia e no seu fêmur direito.

## **21 DE ABRIL DE 1951: OUTROS FOCOS DE CÂNCER**

De regresso à capital do Brasil, que na altura ainda era o Rio de Janeiro, Napoleão Laureano teve seu estado deteriorado. O jornal *A Noite*, edição 13.700, traz na sua capa: “Tornou-se a agravar-se o estado do médico e mártir paraibano, Dr. Napoleão Laureano. Voltaram as febres altas e acentuaram-se os seus padecimentos, motivados, principalmente, pelo tumor das acilas (sic). Além disso, surgiu um novo foco canceroso, e este localizado no estômago, e, também, o desenvolvimento de outros que pareciam ter regredido. Diante disso a situação tornou-se novamente desalentadora para os que vêm acompanhando a marcha acidentada do seu mal, reforçando-se as incertezas que voltam a pairar sobre as melhoras do ilustre enfermo”.

O editor, ao escrever “incertezas”, foi otimista, pois na altura já era de conhecimento de todos que o fim se aproximava a passos largos. A vida de Napoleão Laureano estava agora nas mãos de Deus. A pergunta que todos se faziam era “quanto tempo mais irá aguentar?”.

## **22 DE ABRIL DE 1951: A ESPOSA INCANSÁVEL**

Entre as expectativas acerca da Krebiozen e da vinda dos doutores Durovic e Iwy, o médico estoico Napoleão Laureano parecia melhorar. Embora muito debilitado, seu sorriso continuava como uma estrela que ilumina a noite escura. A esperança dava sinais de que podia ressurgir. Entretanto, todos enxergavam o inevitável, inclusive dona Marcina, que apesar de ter acompanhado a lenta degradação do estado médico de seu esposo, nunca deixou de acompanhá-lo, nem de estar junto a ele.

Dessa forma Marcina é descrita pelo jornal *A Noite*, de 22 de abril de 1951: “Criatura incansável, digna de admiração pelos cuidados que dispensa ao esposo enfermo, D. Marcina Laureano não oculta suas preocupações. Noite e dia, sem tempo para repouso, ela mantém-se desveladamente à cabeceira do doente, esquecida de si mesma. A fisionomia cansada denuncia o seu completo esgotamento [...] confessou seu receio em torno de um próximo desenlace, pensando na



situação futura. Não sabe se deve ficar no Rio ou se deve regressar à Paraíba, pois, todas essas decisões dependem de outra criatura que merece também os seus cuidados: sua filhinha, Maria do Socorro [...]”.

O boletim médico deste dia nos informa que Napoleão Laureano se encontrava no Hospital Gaffrée e Guinle, sob os cuidados de seu médico pessoal e amigo, o Dr. Mário Kroeff. Seu estado era muito grave. Sentindo muitas e intensas dores, Napoleão Laureano precisava ser constantemente sedado com fortes medicações. Como já vimos, essas doses causaram muitos problemas, chegando até a um risco iminente de ataque cardíaco.

### **24 DE ABRIL DE 1951: ESTACIONÁRIO ESTADO DE SAÚDE**

No final do mês de abril o estado de saúde do médico Napoleão Laureano manteve-se estável, apresentando ligeiras melhoras. O próprio enfermo disse estar se sentindo mais disposto, que suas dores finalmente tinham dado uma trégua e que estava sem febre. Disse ainda que teve um aumento em seu apetite, com a volta do paladar e do olfato, que haviam lhe faltado.

O jornal A Noite do dia 25 de abril traz o boletim médico assinado pelo Dr. Mário Kroeff, dizendo: “Hoje, dia 24, o estado geral do doente mantinha-se estacionário, estando porém melhor o seu apetite. Desapareceram com a radioterapia as dores que apresentava ao nível dos gânglios aumentados da axila direita, face lateral esquerda do pescoço e abdômen. A temperatura máxima tem sido desde sexta-feira passada até ontem, dia 24, de 37,5, 37,8, 37,9, 36,3 e 36,9” (A Noite, 25 abr. 1951, edição 13.773).

### **25 E 26 DE ABRIL DE 1951: CONTINUA PASSANDO BEM**

Nesses dias de 25 e 26 de abril de 1951 não ocorreram grandes mudanças no estado clínico do médico paraibano. Os jornais da capital carioca anunciavam apenas que as dores haviam diminuído, que ele estava sem febre e com bom apetite. A única coisa que ainda incomodava era a sua perna engessada. A grande notícia do dia foi a doação do recém-criado município de Barra de São Francisco, no estado do Espírito Santo, que, encabeçada pelo seu prefeito, Sr. Manoel Gonçalves, arrecadou a quantia de 3.200 cruzeiros, dinheiro este que foi destinado à Fundação Napoleão Laureano.

## **27 E 28 DE ABRIL DE 1951: AINDA ACREDITA NA KREBIOZEN**

De modo parecido ao visto acima, o quadro médico do Napoleão Laureano manteve-se estável. Porém, um certo mal-estar levantou-se. Quando confrontado se ainda faria uso da Krebiozen, respondeu de pronto que sim, ainda guardava esperança na droga. Sobre isso, o jornal A Noite, edição 13.776, escreve nas páginas 1 e 10: “[...] Em torno do seu caso tem havido alguma agitação e, embora não o confesse, isso tem lhe dado motivos para aborrecimentos [...] Um deles: a publicação, que considerou precipitada, do relatório dos seus médicos assistentes ao Dr. Stevan Durovic, descobridor do ‘Krebiozen’. Outro: a conclusão, um tanto precipitada também, sobre os efeitos do novo soro. Os médicos concordaram pela ineficácia do remédio, enquanto o enfermo atribui ao mesmo boa parte das suas melhoras [...]”. É possível ver aqui uma discordância entre Napoleão e os médicos que o assistiam. Quase uma teimosia cega, uma esperança vazia em um medicamento que não apresentava qualquer comprovação. Podemos nos perguntar “por que Laureano apostou tanto na droga?”. Não é fácil dizer o porquê de tamanha teimosia, mas uma resposta poderia ser: medo de morrer, ou, no caso do nosso médico, uma fagulha de esperança para que, gozando de mais alguns dias, pudesse dar sequência à sua campanha.

A matéria continua: “O Dr. Napoleão Laureano tornou pública uma declaração em que contesta um propalado desacerto entre a aplicação do ‘Krebiozen’ e as condições recomendadas para o seu emprego. Acentua nessa declaração que, de acordo com a monografia da medicação, não há a menor incompatibilidade entre o uso do ‘Krebiozen’ e a aplicação simultânea dos Raios X. Num sentido geral, o Dr. Laureano atribui igualmente, embora sem o afirmar, concretamente, a destruição do tecido ósseo canceroso e conseqüente fratura do fêmur direito no seu ponto de articulação coxofemoral. Terminando sua declaração, reitera sua inteira confiança nos médicos assistentes e afirma o seu propósito de se submeter à segunda fase do seu tratamento ‘krebiozênico’” (A Noite, 28 abr. 1951, edição 13.776).



Os médicos que assistiam Napoleão, examinando um resultado de raio x e preparando novas doses de Krebiozen. Foto: Revista Life (USA).

Como dito, nunca saberemos o motivo de sua insistência na Krebiozen. Na verdade, a partir daquela noite, contavam-se 34 dias até a sua morte.

### **30 DE ABRIL DE 1951: À ESPERA DAS NOVAS DOSES DA DROGA**

O mês de abril, como já visto, foi relativamente calmo para o Dr. Napoleão Laureano, pois poucas coisas aconteceram até o começo do mês de maio, o fatídico mês em que o médico paraibano desencarnou. O boletim médico do dia 30 de abril apontava o mesmo: estabilidade no seu estado clínico e pequenas melhoras no quadro geral. As notícias mais importantes publicadas nesta data foram que, em poucos dias, chegaria a segunda remessa da Krebiozen, e que um relatório médico detalhado do seu caso chegara via telegrama ao Dr. Stevan Durovic, o qual, em breve, poderia enviar instruções de como continuar o tratamento.

### **3 DE MAIO DE 1951: LAUREANO VOLTA A PIORAR**

O mês derradeiro começou com dores e angústia por parte do valoroso médico paraibano, depois de uma rápida e ilusória melhora em seu quadro geral, assim como retornaram as noites maldormidas. Do dia 2 para o 3, Laureano voltou a piorar, desfazendo por completo a falsa sensação favorável que havia acerca da nova aplicação de Krebiozen, a qual havia tomado há menos de 24 horas. Nos últimos dias, Napoleão Laureano vinha se mantendo continuamente sob efeito de anestésicos, suspendendo-os por completo às 22 horas do domingo, retornando apenas às 13 horas da quarta-feira, na altura que as enormes dores dilaceravam seu corpo.

O boletim médico deste dia foi preservado pelo jornal Diário Carioca de 3 de maio de 1951: “O dr. Napoleão Laureano passou com fortes dores no hipocôndrio esquerdo desde a véspera, até às 22 horas do dia 1º de Maio. Daí, até a manhã do dia 2, passou sem crises dolorosas, com pulso 92, temperatura 36,8 e pressão arterial 120 x 75. A cifra dos leucócitos, que havia caído bruscamente nestes últimos dias, voltou a subir, registrando-se um aumento de 2.000 para 3.600, nas últimas 48 horas”.

### **7 DE MAIO DE 1951: A ÚLTIMA BÊNÇÃO DE SUA MÃE**

No início de março de 1951, já era evidente a todos que o médico Napoleão Laureano estava em seus últimos dias de vida. A medicação não fazia mais efeito, as dores eram enormes, o cansaço físico e o mental destruíram o sempre constante sorriso de Napolêao, que já não tinha mais forças, já não tinha mais esperança. O que sobrou foi saudade. Totalmente consciente de que o fim chegaria em breve, apelou àqueles que o ouviam que trouxessem sua mãe para o último adeus. Não gostaria de passar para o próximo plano sem a última bênção daquela que sempre o amou, que sempre o apoiou, que sempre esteve ao seu lado. Sua mãe foi ao Rio de Janeiro em sua primeira viagem de avião.

O jornal A Noite, do Rio de Janeiro, descreve esse emocionante encontro: “Está no Rio, desde ontem à noite, a Sra. Teófila Laureano, veneranda mãe do Dr. Napoleão Laureano. Essa viagem, para visitar seu filho, estava resolvida há tempo. Só ontem, porém, ela se realizou. A Sra. Teófila Laureano veio num “Bandeirante” da Panair, procedente do Norte. Na capital paraibana tomou-a aquela senhora. Na estação do Aeroporto aguardavam a sua chegada várias pessoas da família e amigos. O avião aterrissou às 7:20 horas, um pouco atrasado. Ao pôr pé em terra, a Sra. foi abraçada por sua nora, Sra. Marcina Laureano. Foi um abraço demorado, e, nos olhos das duas senhoras brocaram lágrimas. Depois outro abraço, o do irmão do médico, Sr. Isaac Rodrigues

Laureano. Outro momento de funda emoção. Cercada de todo o carinho, mesmo dos funcionários da Panair, do próprio diretor da Empresa, Sr. Paulo Sampaio, concunhado do Dr. Napoleão Laureano e também passageiro do ‘Bandeirantes’, a Sra. Teófila Laureano deixou o Aeroporto, rumando ao automóvel para o Hospital Gafree Guinle. Não queria a senhora retardar a visita ao seu querido filho” (A Noite, edição 13.782).



Uma raríssima foto do momento do desembarque da Sra. Teófila Laureano sendo recebida de forma carinhosa pela sua nora, que a beija na mão. Foto: A Noite.

A chegada de sua mãe ao Rio de Janeiro foi, sem dúvidas, uma grande alegria para o já condenado médico paraibano. Quase sem conseguir falar, acamado e profundamente debilitado, Napoleão Laureano recebe sua mãe. Mesmo que essas palavras não fossem ditas, era uma última despedida, a última bênção de sua mãe religiosa, um último adeus...

Na altura que Teófila Laureano chegara ao hospital, o Dr. Laureano, que naquela hora era apenas um pequeno Napoleão, aguardava sua mãe como quem relembra da sua infância, quando esperava ansiosamente a volta de sua mãe da feira. Nem ele e nem ela ousou pronunciar qualquer palavra. Mais fortes foram, porém, as lágrimas que desciam do rosto envelhecido e da face agonizante do enfermo. Sua mãe lhe fixou os belos olhos azuis durante longos minutos, observando o aspecto cansado de seu filho, que também tinha no olhar um brilho como se quisesse chorar, mas sabia que era melhor conter a emoção no nobre coração. Após o emocionante encontro e a singela bênção, a idosa, ainda que disposta após a longa viagem, retirou-se em direção ao quarto ao lado para o merecido repouso.



A envelhecida Teófila Bezerra Laureano dando a última bênção ao seu amado filho, que sem pronunciar palavra alguma, leva a mão de sua mãe aos delicados lábios. Foto: A Noite.

### **8 DE MAIO DE 1951: ABREVIANDO O FIM**

Do dia 7 para 8 do mês de maio, Napoleão Laureano se encontrava em estado gravíssimo. A moléstia tomava conta de seu corpo, as dores eram intensas e inesgotáveis. Porém, o pior estava por vir: a constatação de que o câncer não havia recuado, pelo contrário, espalhou-se por todo o corpo, como nos conta o jornal Diário Carioca de 8 de maio de 1951, edição 7.010: “Agravou-se muito o estado do dr. Laureano. Novos gânglios afetados foram revelados pela remoção do aparelho de gesso que lhe imobilizava a perna direita, recobrando-lhe grande parte do abdome. E o desenvolvimento de outros tantos no mediastino está provocando compressão pulmonar e determinando crises graves de dispnéia”.

Em seguida a matéria sugere que essa má descoberta pode diminuir seus dias: “Este agravamento pode abreviar consideravelmente os dias do enfermo, se não for detida, ou pelo menos, retardada a marcha da moléstia. Mesmo as melhoras no estado geral, obtidas nos dias imediatos à terceira aplicação de Krebiozen decaem sensivelmente. E a proibição - determinada pelo dr. Durovic e comprida à risca pelos médicos assistentes - de aplicar no médico mártir qualquer outra terapêutica, mesmo a meramente estimulante, como vitaminas e cálcio, está permitindo que as condições físicas

do enfermo se depauperem cada vez mais precipitadamente”. A única notícia boa desse boletim médico são as melhoras ortopédicas que experimentou após a retirada do gesso de sua perna direita, o qual lhe causava extremo desconforto, especialmente na hora de dormir.

## **9 DE MAIO DE 1951: INFORMAÇÕES DESENCONTRADAS**

No nono dia do mês de maio de 1951, era de total conhecimento da imprensa e de boa parte da população em geral que o fim de Napoleão Laureano caminhava a passos largos. Entretanto, notícias divergentes eram veiculadas em dois dos mais importantes jornais da capital brasileira. O jornal *Diário Carioca* de 9 de maio, edição 7.011, traz na sua primeira página que o estado clínico do médico Napoleão Laureano havia melhorado. O boletim enviado ao Dr. Durovic, o cientista iugoslavo que descobriu a *Krebiozen*, dizia que Napoleão Laureano havia passado bem os dias 8 e 9 daquele mês, que não tivera dores durante o dia e que seu apetite estava melhor. Napoleão amanheceu animado: sua temperatura máxima não passava de 38 graus, com o pulso 112 e pressão arterial 125x75. Nada mal para quem estava vivendo seus últimos dias.

Porém, o jornal *A Noite* do mesmo 9 de maio de 1951 informa que o estado do médico paraibano não é dos melhores. A animação descrita pelo jornal anterior é contrariada pela frase “[...] mas vários focos dolorosos lhe deprimem o ânimo [...]”. A matéria continua a falar sobre seu delicado estado clínico, assim como informa a continuidade do tratamento da droga: Laureano se preparava para a quarta dose.

## **17 DE MAIO DE 1951: NÃO ESTÁ PASSANDO BEM**

Na metade do seu último mês de vida, Napoleão Laureano experimentou um período de enorme fraqueza. Sua condição era tão delicada que uma ligação internacional foi feita ao Dr. Durovic para que este pudesse passar orientações. Num ato quase desesperado, a vinda do médico iugoslavo ao Rio de Janeiro foi uma possibilidade levantada.

No dia 16 de maio de 1951, numa quarta-feira como qualquer outra, às 21 horas, o Dr. Napoleão Laureano tomou a quarta e última dose da droga *Krebiozen*. Tendo o seu estado clínico piorado e se agravado muito da madrugada de quarta para quinta, ele exigiu que uma ligação fosse feita ao Dr. Durovic, este que, cuidadosamente, ouviu Marcina expor a situação de Laureano. Após escutar acerca da situação de seu paciente mais ilustre, o médico iugoslavo passou as instruções da quarta dose de injeção da *Krebiozen*.

Dada a delicada situação em que se encontrava o médico mártir, a família e as autoridades estudavam trazer o Dr. Durovic pessoalmente ao Rio de Janeiro, a fim de que ele próprio pudesse dar continuidade ao tratamento. Na figura do ministro Simões Filho, tal missão contava com o apoio do governo. O convite então foi feito ao médico iugoslavo, enquanto todos esperavam ansiosamente sua resposta, especialmente sua velha mãe, Teófila Laureano, e sua incansável esposa, D. Marcina Laureano.

## **24 DE MAIO DE 1951: ESTADO PRÉ-AGÔNICO**

O jornal Diário Carioca apresenta o que, segundo eles, são os últimos momentos de Laureano. As informações, como se pode imaginar, não são as melhores. O Dr. Napoleão Laureano tem seu estado clínico agravado a cada hora que passa, e seu estado é considerado pré-agônico. Apesar de ter voltado a ser submetido à transfusão de sangue, a qual foi suspensa por recomendação do Dr. Durovic, o seu estado era tão desesperador que a sua sogra, dona Maria Sampaio de Melo, viajou ao Rio de Janeiro, tendo chegado no dia 24 de maio. Veio juntar-se à sua filha, Marcina Laureano, para dar o último adeus ao seu querido genro. Com certeza, sua sogra não se esqueceu do apoio que Napoleão deu ao seu finado marido, assistido por Laureano em seus últimos instantes, atestando seu óbito.



No dia 29 de maio, 3 dias antes de sua morte, Napoleão passou por uma cirurgia no olho esquerdo. Sua esposa e mãe ao seu lado. Foto: A União.



### **30 DE MAIO DE 1951: A VÉSPERA DA MORTE**

Um dia antes de sua trágica morte, Laureano apresentava um estado grave, porém estável. Entretanto, era público o seu desânimo. Já não alimentava esperança alguma de se recuperar. Não havia mais nada que a medicina ou a ciência em geral pudessem fazer pelo médico mártir. Decidiu então, alegando não haver mais propósito de estar na capital carioca, regressar à Paraíba. Estava decidido a fazer a viagem de volta ao seu estado natal antes de partir para o grande oriente eterno. Infelizmente, não havia mais tempo.

Para piorar a situação, a quarta dose da Krebiozen, a qual foi enviada dos Estados Unidos para o tratamento do médico Napoleão Laureano, desapareceu repentinamente. Esperava-se que a droga chegasse ao Rio de Janeiro no dia 26 de maio, trazida por um grande avião da Braniff. Acreditou-se na época que a carga teria sido enviada por engano à capital argentina, Buenos Aires, por ocasião de uma escala feita em Lima, Chile, onde a linha da companhia aérea se dividia em duas. Buscas foram feitas em Buenos Aires, mas ao que tudo indica, a carga jamais foi encontrada, tornando o seu paradeiro um mistério até os dias atuais.

Verdade é que, com ou sem a Krebiozen, a morte batia os umbrais do médico Napoleão Laureano. Ele não passaria da próxima noite.

### **31 DE MAIO DE 1951: MORTE E ÚLTIMOS INSTANTES**

O dia 30 e o começo do dia de 31 de maio foram de total desolação e desesperança. No quarto onde o médico estoico agonizava, médicos e enfermeiras cercavam a cama, numa medida que parecia inútil: prolongar por mais algumas horas a vida de Napoleão Laureano. Marcina encontrava-se em completa desanimação observando os espasmos de seu amado marido. Mandou chamar às pressas sua filhinha, a adorável Maria do Socorro, a fim de que ela pudesse se despedir de seu pai.

O médico paraibano agonizou por mais de 8 horas, e o seu estado pré-agônico foi longo e doloroso. Tinha começado antes mesmo das 10 horas da manhã. Na altura que chegou a equipe de reportagem que acompanhava o seu estado clínico, Dona Marcina os recebeu dizendo que Napoleão estava a morrer e que nada mais poderia ser feito. Sua fisionomia era como a de um guerreiro medieval, que após uma longa e exaustiva batalha, perdera as esperanças. Era realmente o fim. Toda a família reuniu-se em volta da cama para a última despedida, o último beijo no rosto, o último adeus... todos, com exceção da pequena Maria do Socorro. Acharam por bem afastá-la daquele

momento derradeiro, pois aquilo não era apropriado para uma menininha de 6 anos de idade, que não sabia distinguir a vida da morte e presenciaria um fim tão doloroso. Porém, em meio à agonia, Napoleão Laureano exigiu que trouxessem sua amada filha, que foi trazida pela Sra. Nair Pavoia, a qual detinha os seus cuidados. Marcina pegou-a nos braços e a suspendeu até a cabeceira da cama, de modo que Napoleão pudesse olhá-la pela última vez. Laureano podia apenas perceber sua presença. Sua visão quase desaparecera e o que restou foi a faculdade da audição, ainda que em más condições. Totalmente imóvel e com os belos olhos vidrados na menina, não conseguiu nem virar o rosto para vê-la. Fazendo um esforço descomunal, mexeu os lábios como quem lhe quisesse dizer algo. O que se pôde ouvir foi um fraco e quase indistinguível: “Como vai, Socorrinha?”.

A doce inocência de Maria do Socorro não deixou-a perceber a tragédia que estava a presenciar. Com seus delicados dedos, brincava nos cabelos castanhos de sua mãe. Seus olhos negros passeavam por toda a cama e passavam em revista todos os presentes no quarto. Fez isso por várias vezes, sem palavra alguma pronunciar. Foi então que finalmente colocou sua delicada mão na testa de seu pai, e, olhando seriamente, perguntou: “Papai, o senhor não está bom, não?”, e virando-se para sua mãe, inocentemente observou: “Mamãe, a senhora está chorando!”.

Finalmente sozinha, Maria sentou no sofá confortável do quarto. Quietinha e em total silêncio, observou as pessoas que iam e vinham. Nenhuma palavra mais pronunciou, como se adivinhasse que algo terrível estava por vir.

E assim foi por todo o restante daquele fatídico dia: Napoleão Laureano gemendo e sofrendo, sem reconhecer ninguém, sem mais palavra alguma pronunciar, para, finalmente, morrer às 20:20h daquela medonha quinta-feira. O seu valente coração descansou. Os dias dos homens são contados, e os do Dr. Napoleão Rodrigues Laureano foram 36 anos e 282 dias.

Sua frágil mãe, ao ver seu filho desfalecido, precisou ser amparada. Foi rapidamente transferida de quarto, onde recebeu o consolo do seu filho, Isaac Rodrigues Laureano, e de uma mulher religiosa que a assistia.

A notícia da morte do Dr. Napoleão Rodrigues Laureano teve enorme repercussão nacional e até internacional. Jornais norte-americanos, como o New Orleans States, o Trenton Evening Times, de Nova Jersey, o jornal Charleston News and Courier, da Carolina do Sul, e o Daily Nonpareil, de Iowa, anunciavam com tristeza o falecimento.

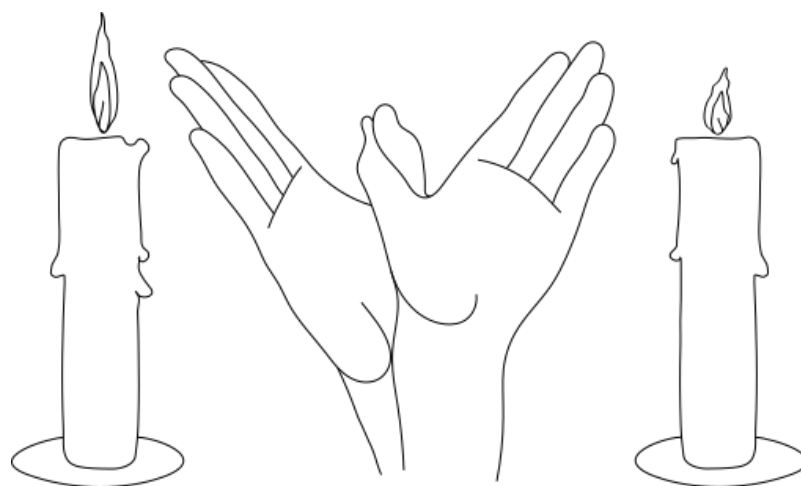
## **Rio Cancer Specialist Dies of Cancer Himself**

RIO DE JANEIRO (AP) — Dr. Napoleao Laureano, one of Brazil's leading cancer specialists and himself a victim of the disease, died Thursday night.

Laureano's case attracted wide attention when he returned to Brazil after a visit to the United States to study the latest techniques in treatment of cancer, only to learn that he himself was doomed to die of it within a few months.

Anúncio do falecimento do Dr. Napoleão Laureano. (Daily Iowanm, 1 de jun. de 1951. Vol. 85, No. 20).

## **CAPÍTULO XII: VELÓRIO E SEPULTAMENTO**



## **A PIEDOSA MARCINA**

Na madrugada do dia 1 de abril de 1951, o Dr. Napoleão Rodrigues Laureano estava morto. Seu corpo inanimado é envolto num abraço demorado. Marcina, sua leal esposa, não sai do lado da cama. Em um gesto de profunda piedade, ela própria cruza as mãos do defunto, sob o olhar espantado do Dr. Mário Kroeff.

Um pouco mais cedo, às 17:25, o Dr. Napoleão Laureano começou a perecer, seu pulso havia caído, a equipe médica se apressou a providenciar uma injeção reanimadora, em vão... então, a gentil Marcina pegou o livro religioso das mãos do padre que acabara de absolver os pecados do falecido Napoleão, e com a voz firme e determinada, começou ela própria a entoar as preces fúnebres.

Às 20:20, quando Napoleão deu o seu profundo e último suspiro, quando o seu corajoso coração finalmente cessou os batimentos, a voz melancólica de Marcina tornou-se o mais profundo pranto, deitando a cabeça no peito do falecido, recusando-se a abandoná-lo, quando, num momento de profunda empatia, dirigiu a palavra ao Sr. Pompeu, diretor da Fundação Napoleão Laureano, lhe sacando a inesperada pergunta: “Dr. Pompeu, o Krebsiozen já chegou?”. Quando o doutor respondeu que deveria estar chegando no Aeroporto do Galeão naquele exato momento, ela teria respondido: “Então, o senhor me faz favor, entregue no quarto 11 (No quarto 11 está o padre Luiz Alves Siqueira Castro, a quem o câncer tirou a perna e o braço direitos e ameaça tirar a vida)”. (Diário Carioca, 1 jun.1951, edição 7.031). Tendo isto feito, virou-se em direção ao cadáver e repousou sua delicada cabeça outra vez no coração, que já não batia.

## **EMBALSAMENTO E DEVOÇÃO**

Confirmado o seu óbito, o corpo de Napoleão Laureano foi embalsamado naquele mesmo dia. Seu corpo foi então levado à Igreja da Candelária, onde ficaria exposto por todo o dia, a fim de que aqueles que acompanharam desde o início sua batalha contra o câncer pudessem se despedir do médico paraibano. No local também foi celebrada a missa de corpo presente. De lá, o corpo sairia por vias aéreas ao estado da Paraíba para lá ser sepultado, de acordo com o desejo professado por Napoleão.



Marcina Laureano e sua irmã, Márcia, carregam o corpo do Dr. Napoleão Laureano. Foto: Diário Carioca.

## **NAPOLEÃO LAUREANO QUASE UM SANTO**

A população do Rio de Janeiro, após saber da morte do querido médico paraibano, se amontoou em frente à Candelária, onde milhares de pessoas rezavam e choravam dia e noite. Sem trégua, a noite fria tinha o silêncio interrompido pelo choro e pela dor. Pessoas de todos os lugares da cidade passavam em frente ao caixão exposto à visitação, e assim sendo por todo o dia, desde às 6 horas da manhã do 1 de junho até o meio dia do dia seguinte. A quantidade de pessoas que vieram se despedir de Napoleão Laureano era tanta que a fila dava duas voltas na antiga catedral.

Um fenômeno generalizado bastante incomum noticiado pela mídia foi o tratamento que a população teve pelo corpo do médico paraibano, semelhante a um santo: muitos que passavam frente ao corpo de Napoleão recitavam trechos da bíblia, faziam o sinal da cruz e beijavam os dedos da mão do finado médico, e o faziam com extrema-unção. O corpo estava numa espécie de caixa de vidro, através da qual era possível testemunhar seu rosto sereno, quase sorrindo, da mesma maneira que passou os últimos meses de sua vida: alegre e esperançoso na bondade do seu povo.

Este tipo de tratamento era reservado aos santos beatos canonizados pela igreja católica. Isso não escandalizou os padres que estavam presentes, pelo contrário, eles aprovavam e reconheciam algo quase sobrenatural naquele pequeno homem vindo dos confins da Paraíba, que tão naturalmente enfrentou as mais diversas dificuldades, encontrando a morte de forma serena.

O fato encontrou aprovação também pelo padre Góis, vigário da matriz de São Judas Tadeu, que também percebeu as demonstrações de fé daqueles que se benziavam e se colocavam a prosternar o corpo do médico como se estivessem na imagem de algum santo.

## **TRASLADO À PARAÍBA**

A remoção do corpo da Igreja da Candelária ocorreu às 6:20, em cortejo fúnebre até o Aeroporto Santos Dumont, e de lá rumou em direção a João Pessoa, Paraíba. No momento do embarque, estiveram o ministro Simões Filho, representando o presidente da república; junto a ele, o major Caio Miranda, diretor da Agência Nacional; o senador da república, o Sr. Rui Carneiro; o deputado Jandui Carneiro; e, por fim, o Dr. Mário Kroeff, diretor do Serviço Nacional de Câncer. Todos foram observados de perto por uma grande quantidade de pessoas, as quais vieram assistir à partida do médico paraibano.

## **CHEGADA DO CORPO A JOÃO PESSOA**

A bela capital paraibana, que acolheu Napoleão Laureano ainda muito jovem, agora o recebia sem vida. Trazido num avião da FAB (Força Aérea Brasileira), o corpo desfalecido do médico paraibano aterrissou no Aeroporto de Santa Rita às 18 horas, sendo de pronto recebido pelo governador José Américo e secretários representantes dos poderes legislativo e judiciário. O corpo saiu em cortejo, que contou com centenas de automóveis. Pelas ruas onde passava, o povo chorava e lamentava a morte de um dos seus filhos mais ilustres. O longo cortejo durou até chegarem no edifício da Câmara Municipal, onde Napoleão Laureano ocupava a presidência pela segunda vez consecutiva. Tomou a palavra o vereador Ranulfo Oliveira Lima, discursando em nome de seus colegas. O cadáver de Laureano ficou em exposição até às 20 horas daquele dia, quando foi transferido para a catedral metropolitana, local escolhido para o velório. Napoleão Laureano, apesar de ser médico e pertencer ao seio político, era uma pessoa muito amada pelo povo mais pobre. Desde seu mandato como vereador, sempre defendeu os interesses dos mais necessitados, e assim sendo, seu velório contou com a participação de toda população pessoense, com representantes de todas as classes sociais para lhe dar o último adeus. A Catedral também foi o local onde o arcebispo Dom Moisés conduziu as solenes exéquias.

O governo decretou luto oficial de 3 dias. O comércio fechou as portas, as casas de diversões não funcionaram, diversas festas que estavam programadas para aquele dia foram adiadas. O Rotary

Club de João Pessoa lhe prestou homenagens realizando uma reunião solene, na qual as virtudes e a inconfundível personalidade de Napoleão Laureano foram lembradas pelos mais célebres oradores. Mesmo as fortes chuvas que castigavam a capital paraibana não foram capazes de dispersar o público, que permanecia em torno da catedral na esperança de ver aquele bom homem pela última vez.

No dia 3 de junho de 1951, a Assembleia Legislativa se reuniu de maneira extraordinária em homenagem ao falecido médico, tendo comparecido todos os deputados. O prefeito Osvaldo Pessoa Cavalcanti de Albuquerque, irmão do também mártir João Pessoa (que dá nome à capital), assinou um decreto nomeando a recém-construída praça em frente à estação ferroviária de Praça Napoleão Laureano.



O corpo de Napoleão Laureano é velado na Catedral de João Pessoa. Foto: A União.

## **A INOCÊNCIA DE SUA FILHA NO VELÓRIO**

A doce inocência de Maria do Socorro contrastava com a terrível ocasião. Sem ainda ter a capacidade de discernir acerca da vida e da morte, a filha de Napoleão Laureano emocionava a todos que estavam presentes no velório do médico. Marcina estava sentada próximo ao esquife. Levando em sua mão um terço, chorava e rezava pela alma do seu marido. Sua irmã, Márcia, procurava lhe consolar, enquanto os outros familiares garantiam que a pequena Maria do Socorro estivesse próximo a ela.



Inocentemente, Maria do Socorro indagou sua mãe dizendo-lhe: “Por que está chorando, mamãe?”, uma pergunta que certamente encheu de lágrimas os olhos de quem a presenciou. Marcina não deu resposta alguma. Márcia, sua tia, levantou-se e pegou-a no colo, aproximando-se do caixão de Napoleão. A pequena e doce menina olhou para o corpo de seu amado pai, abriu um sorriso e observou: “Papai está todo bonito prá ver papai do céu... Amanhã nós vamos levar papai prá Paraíba, não é titia?”.

Maria do Socorro recebia e conversava com todos. Aproximando-se do músico pernambucano Luiz Gonzaga, amigo próximo da família, a menina lhe perguntou sobre seu braço, se este já estava melhor, dizendo: “Fui visitar você no hospital mas o médico não deixou entrar...” (Diário Carioca, 2 jun. 1951, edição 7.032).

## SEPULTADO

O corpo do valoroso médico ficou exposto em uma câmara-ardente na Catedral Metropolitana até as 15 horas do dia 4 de junho, quando saiu em cortejo fúnebre pelas ruas da cidade de João Pessoa, até finalmente alcançar o cemitério do Senhor da Boa Sentença, onde seu corpo descansou. No cortejo, acompanhado por autoridades civis e militares, Laureano foi homenageado pelas bandas de música do 15º R. I. e do efetivo da polícia militar. Em meio à tristeza geral, uma bela cena pôde ser vista e registrada: todos os carros da Praça Napoleão Laureano amanheceram com flâmulas de crepe, em demonstração à total consternação da população e, em especial, da classe dos motoristas, que adorava o médico Napoleão. Vários comércios seguiram o exemplo, pendurando flâmulas em sinal de luto.

## TESTAMENTO

No dia 3 de abril de 1951, a viúva Marcina entregou um documento assinado pelo Dr. Napoleão Laureano. Nele estavam seus últimos desejos expressos ao público, contendo orientações acerca do que fazer em relação ao dinheiro arrecadado, independente da quantia. Era, portanto, uma espécie de testamento, contendo as últimas vontades do médico moribundo.

O texto é o seguinte:

*“a) Se o patrimônio apurado atingir apenas três milhões de cruzeiros ou menos, será destinado à criação de um centro de diagnóstico e tratamento do câncer, anexo ao Hospital São Cristóvão, na*

*cidade de João Pessoa, na Paraíba;*

*b) Se o patrimônio atingir a soma de cinco milhões de cruzeiros será empregado na construção de um hospital de 50 leitos, mais ou menos, independente e especializado no diagnóstico e tratamento do câncer. Nesse caso a manutenção ficará a cargo do Governos Estadual e Federal e de algum auxílio de que possa dispor a Fundação Laureano. A Fundação Laureano envidará esforços junto ao Serviço Nacional do Câncer no sentido de ser facultado um auxílio anual sob a forma de convênio, como vem estabelecendo com outras entidades nos Estados da União;*

*c) Se o patrimônio exceder de cinco milhões, o restante, até 15 milhões, deverá constituir um fundo de reserva, cuja renda será empregada em auxílio e melhora na manutenção do pessoal e do material técnico do hospital;*

*d) Se o patrimônio for superior a 15 milhões e inferior a 20 milhões, o excedente será empregado na melhora das instalações técnicas do referido hospital;*

*e) Se o patrimônio for superior a 20 milhões, o excedente será empregado na aplicação de medidas relativas ao problema do câncer no país. Aí poder-se-á atender à questão da pesquisa em laboratórios apropriados, a critério da Fundação Laureano, e à distribuição de bolsas de estudos no país ou no estrangeiro, aos cursos de formação de técnicos em cancerologia, e contratos de especialistas estrangeiros para trabalhar no Brasil, onde for mais conveniente, campanha de educação popular no país e outras questões atinentes ao problema do câncer.*

*Rio de Janeiro, 3 de abril de 1951.*

*a) Napoleão Rodrigues Laureano*

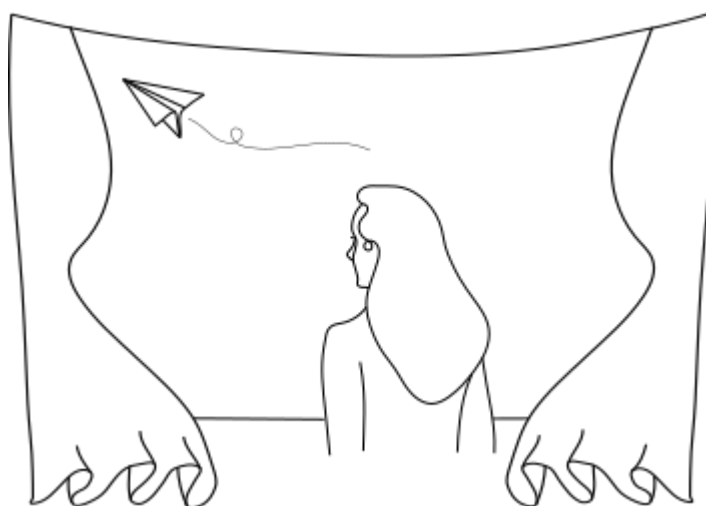
*a) Mário Kroeff*

*Testemunha: Antônio Gonçalves de Medeiros.*<sup>13</sup>

---

<sup>13</sup> O texto completo foi publicado no jornal A UNIÃO, dia 19 de junho de 1951, p.5.

## **CAPÍTULO XIII: TRÁGICO ACIDENTE AÉREO**



## TRÁGICO ACIDENTE VITIMA PARTE DA FAMÍLIA DE MARCINA LAUREANO

A tristeza e a dor não deixaram de visitar a família do falecido Dr. Napoleão Laureano. Não haviam passado nem 2 meses desde o seu trágico fim, quando um terrível e desastroso acidente aéreo ceifou a vida de três parentes próximos da já enlutada Marcina Laureano, viúva do médico paraibano.

Na quinta-feira, 12 de julho de 1951, um avião de fabricação norte-americana, *Douglas C-47, Skytrain*, prefixo PP-LPG, da empresa Linhas Aéreas Paulistas, fazia um voo de rotina em sua já conhecida rota Rio-Natal, com escalas nas cidades do Recife, Maceió e Aracaju. No comando estavam o experiente Aureo Miranda, o co-piloto José de Souza Neto, o operador de rádio Eurico e o comissário de voo Sérvulo Duarte Gonçalves. Entre os passageiros, destaca-se o ilustre governador do estado do Rio Grande do Norte, o Sr. Dix-Sept Rosado, que tinha pouco mais de 40 anos de idade e ainda estava nos primeiros meses de seu governo.



Governador Dix-Sept Rosado. Foto: reprodução.

O fatídico voo saiu de Natal com 32 ocupantes, sendo 28 passageiros e 4 tripulantes. O destino era a cidade de São Paulo. Na altura do acidente, o avião já tinha feito as programadas escalas em Recife e Maceió, e passaria ainda pela capital baiana, Salvador, antes de passar pelo Rio de Janeiro, de onde partiria ao seu destino final: Aeroporto de Congonhas.

Uma das versões da história diz que o avião teria voado em condições atmosféricas bastante desfavoráveis, com fortes chuvas e péssimas condições visuais. Numa época em que os aparelhos de navegação ainda estavam se aperfeiçoando, o contato visual era de suma importância para um voo tão longo como esse. O avião mantinha contínuo contato com a torre de comando de Aracaju, cidade

onde deveria fazer escala, quando um pavoroso silêncio tomou conta da comunicação. A torre o havia perdido. O que teria acontecido com aquele grande avião? A resposta veio pouco tempo depois: a aeronave havia caído no leito do Rio Sal, a mais ou menos três quilômetros do Aeroporto de Aracaju.

Pôde-se observar que o avião estava seriamente avariado e que sua descida não se deu em uma aterrissagem forçada nas águas. Ele havia despencado do céu de forma desgovernada, afundando no leito do rio. Uma baixa terrível, pois nenhum dos passageiros ou tripulantes sobreviveu, afundando nas geladas águas, junto aos destroços do avião.

Rapidamente, várias equipes de resgate foram deslocadas até o local da queda, entretanto, o avião havia caído numa área de difícil acesso, a cerca de 3 quilômetros de distância da pista de aterrissagem, de modo que as missões de resgate demoraram 11 horas para atingir o local do acidente.



Aeronave Douglas C-47, Skytrain, modelo similar ao do trágico acidente. Fonte: reprodução.

A Bordo do trágico voo, estavam os seguintes passageiros: Jerônimo Dix-Sept Rosado, José Borges Oliveira, Maria Nina Borges de Oliveira, José Roberto Oliveira (colo), Felipe Cortez Pegado, José Gonçalves Medeiros, Fernando Tavares, Celeste Tavares, Agenor Coelho Rodrigues, Jacob Wolfson, Pedro Santos, Sandoval Borges de Oliveira (presidente do Sindicato dos Bancários de Natal), Humberto Suassuna, Inácio do Carmo Silva, Osmarina Alves de Melo, Maria Sampaio de Melo, José Inácio de Moraes Coutinho, Arnaldo Alves Diniz, Anizia Maia Diniz (colo), Arnaldo Alves Diniz Júnior (colo), Marcílio Sampaio de Melo, Teresa Maria Sampaio, João da Silva Sardinha, Francisca Aurea de Melo Sardinha, Valter Alves do Nascimento, Raimundo Soares e José Bento Sobrinho, contando ao todo 28 passageiros na lista, na qual um dos nomes não foi registrado, além dos 4 tripulantes já citados.

Sem dúvida, este foi mais um severo golpe na vida da viúva Marcina, que há pouco tempo havia perdido o marido, o Dr. Napoleão Laureano, ceifado pelo terrível câncer. Agora se via mais uma vez em luto pelos familiares. Morreram no trágico acidente sua mãe, dona Maria Sampaio de Melo, seu irmão, Marcílio Sampaio de Melo, e a pequena Tereza Maria Sampaio, sua sobrinha de apenas 3 anos de idade.

Momentos após a tragédia, uma equipe de reportagem de um jornal carioca se dirigiu até a casa do tio de Marcina Laureano, o Sr. Paulo Sampaio, na praia do Flamengo. Como era de se esperar, ele estava profundamente nervoso, pedindo que se confirmasse por telefone que sua irmã e sobrinhos estavam naquele terrível voo. Contou que sua irmã estava a caminho do Rio de Janeiro para tratar de questões do seu genro, o Dr. Napoleão Laureano, que após sua morte deixou muitas coisas para resolver. Informou, ainda, que seu sobrinho, irmão de Marcina, Marcílio, viajava junto de sua pequena filha, Tereza Maria, e que ia se encontrar com sua esposa, a Sra. Suzana Sampaio de Melo, na cidade de São Paulo, onde residiam na rua Brigadeiro Gavião, na Lapa.

A notícia da morte também foi fortemente sentida no estado natal de Napoleão Laureano, a pequena Paraíba. O governador do estado, o Sr. José Américo, decretou luto oficial de 3 dias, tendo como motivo oficial a morte do governador do Rio Grande do Norte, Dix-Sept Rosado, e enviando, inclusive, o Sr. Osias Gomes, secretário do Interior, para representar a Paraíba nos ritos fúnebres do falecido governador. Apesar disso, o povo paraibano usou do luto para refletir sobre o destino trágico da família de seu amado médico mártir.

## **MARCINA FALA A RESPEITO DO ACIDENTE**

Dona Marcina, como já dito inúmeras vezes no decorrer desta obra, se manteve de maneira perpétua no cuidado para com seu finado marido, até o dia em que este deu seu último suspiro. Foram meses de noites maldormidas, estresse e preocupação. A tensão foi tanta que, após a morte de Napoleão, ela precisou ser internada no Recife, a fim de se recuperar dos meses de desgaste.

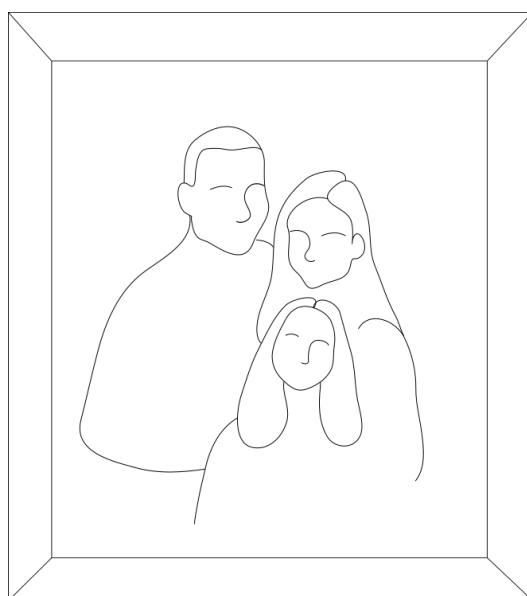
Quando mal havia se recuperado do trauma, um outro, talvez maior, se abateu da já enlutada Marcina: parte de sua família pereceu no terrível acidente aéreo. No dia 19 de julho de 1951, desembarcou às 21 horas no Aeroporto do Galeão, acompanhada da pequena Maria do Socorro. Foi recebida por um restrito grupo de amigos íntimos.

Quando perguntada sobre seu futuro, respondeu que esse era incerto. Não sabia se voltaria ao nordeste ou permaneceria no Rio de Janeiro: “Sinto-me incapaz de decidir por mim mesma”, teria dito ela. Acrescentando, prosseguiu: “Perder o meu esposo depois de sofrer tanto... E, agora, perco também mamãe, meu irmão.. Não é possível! É demais, tudo isso, para as minhas forças. Depois que

Laureano se foi, eu contava com mamãe. Sempre foi minha grande amiga e, agora, seria minha conselheira. Desapareceu quando eu mais precisava dela. Por isso, por enquanto, não sei mesmo o que fazer” (A Noite, 20 jul. 1951, edição 13.846).

Em seguida, falando do trauma que foi reconhecer o corpo de sua amada mãe, informou que a remoção foi feita sem documentação e que a certidão de óbito só poderia ser feita mediante o reconhecimento por algum parente. Ela não teve escolha...Precisou testemunhar com seus próprios olhos o corpo dilacerado de sua mãe. Confessou ela: “Não sei porque meu coração não parou naquele instante...”. A pequena Maria do Socorro, ao ver sua mãe derramar lágrimas, aproximou-se e sentou em seu colo, como se quisesse dizer: você não está sozinha, mamãe...

**CAPÍTULO XIV:  
A VIDA DE MARCINA NO PÓS-MORTE DE  
NAPOLEÃO**





## **FURTAM A BOLSA DE MARCINA E A CARTEIRA DO DR. MÁRIO KROEFF**

A vida de Marcina depois do falecimento do Dr. Napoleão Laureano foi conturbada, começando pelo dia que o povo carioca teve a chance de se despedir do médico paraibano. Enquanto velavam o corpo de Laureano, alguns malfeitores furtaram a sua bolsa. A polícia foi informada e fez uma varredura à procura do ladrão. Não encontrando o responsável pelo delito, um cidadão qualquer que escutou os lamentos da D. Marcina fez um apelo em voz alta ao público, fazendo o ladrão abandonar a bolsa no chão e desaparecer em meio a multidão.

Da mesma forma, o Dr. Mário Kroeff, diretor do Serviço Nacional do Câncer, teve sua carteira subtraída enquanto acompanhava o corpo de Laureano até o templo, situado na rua Primeiro de Março. Também foram furtados o Sr. José Pinto Duarte, responsável pela Irmandade da Candelária, que após um esbarro, perdeu 17 mil cruzeiros; e um dos proprietários da Farmácia Almeida Cardoso, lesado em uma quantia menor.

O Sr. José Pinto teve a “carteira isca” levada, isto é, ele carregava duas, sendo a mais vulnerável, na qual levava uma pequena quantia de dinheiro, a carteira subtraída. Após uma busca feita por toda a capela, foi encontrada a carteira jogada no chão, completamente vazia.

### **A LUTA CONTINUA**

Mesmo após a morte de seu querido esposo, D. Marcina Laureano continuou a campanha de combate ao câncer, não se limitando apenas à arrecadação de dinheiro, mas ela própria colocava seus serviços como enfermeira à disposição dos mais carentes, muitas vezes subindo os morros do Rio de Janeiro, a fim de ajudar os mais necessitados.



O Dr. Napoleão Laureano estava morto, mas a campanha contra a moléstia não podia parar. Foto: Revista da Semana.

## MARCINA ADOECE REPENTINAMENTE

No início do mês de junho de 1951, isto é, o mês seguinte à morte de Napoleão, Marcina começou a sentir-se mal. Uma doença misteriosa a acometeu. A princípio, pensava-se que a causa tinha sido o enorme desgaste, tanto emocional quanto físico, dos últimos meses. A morte de seu marido, a tragédia aérea que ceifou sua família...era demais para uma jovem que ainda não tinha saído da casa dos 20 anos.

Nos primeiros dias do mês, o gabinete do ministro da aeronáutica recebeu uma informação vinda de João Pessoa: Marcina Laureano, a viúva do médico paraibano, estava gravemente enferma. Imediatamente, o ministro Nero Moura ordenou que um avião da FAB levantasse voo em direção a João Pessoa, a fim de conduzir a doente Marcina à cidade do Recife para receber uma transfusão de sangue. Em seguida, Marcina voaria em direção ao Rio de Janeiro, onde completaria o seu tratamento.

## MARCINA DESCOBRE UM TUMOR BENIGNO

No Recife, Marcina foi submetida a uma pequena intervenção cirúrgica, a qual ocorreu na Casa de Saúde São João. O diagnóstico foi terrível: um pequeno tumor foi encontrado. A princípio, foi considerado benigno. Após o procedimento, regressou à cidade de João Pessoa, onde ficou até o dia 25, para depois voar, na companhia de sua filha Maria do Socorro e de sua mãe, até a cidade do Rio de Janeiro.

A viagem ao Rio de Janeiro, no entanto, precisou ser adiada. Marcina, que desejava participar da missa solene de trigésimo dia em memória ao seu amado marido, precisou desistir devido a complicações de saúde. A cerimônia ocorreu como programada, às 10:00 do dia 30 de junho de 1951.

Através de telegramas enviados ao Rio, Marcina comunicou ao Sr. Pompeu de Sousa, presidente da Fundação Napoleão Laureano, que, por recomendação de seus médicos, não poderia estar presente na missa. Um dos telegramas dizia: “*Viúva Laureano impossível Rio em tempo assistir missa trigésimo dia Dr. Napoleão devido ter sido submetida intervenção cirúrgica cuja alta ainda não foi por nós assinada. Prognosticamos seu estado saúde somente restabelecido próximo mês [...]*”.

Marcina escreveu em outro telegrama: “*Mesmo distante acompanharei espiritualmente exéquias Napoleão que viverá sempre meu pensamento. Tudo farei continuação nobre ideal ele dedicou existência. Espero confio compreensão nosso povo não deixará grande obra morrer como*

*morreu seu iniciador. Logo possível viajarei Rio. Atenciosas Saudações. - (a.) - Marcina Laureano”*  
(Diário Carioca, 22 jun. 1951, edição 7.049).

## **POSSIVELMENTE HEMOFILIA**

Já na capital brasileira, Rio de Janeiro, em novembro de 1953, Marcina Laureano tem seu estado agravado. Internada no Hospital Central do Exército em regime de total sigilo, os médicos que a assistem desconfiam que ela sofra de hemofilia. A notícia pegou a todos de surpresa. No mesmo ano que seu esposo havia perecido de câncer, agora era a vez dela passar por essa provação.

Durante sua estadia no hospital militar, devido ao estado gravíssimo que se encontrava, os médicos responsáveis proibiram as visitas, considerando que a tensão que poderiam causar pioraria ainda mais seu estado clínico. O diretor daquele hospital informou que Marcina estava sob cuidados dos olhos atentos do Dr. João Maia de Mendonça e que, apesar de grave, seu estado não era desesperador.

Sobre a natureza da doença, esta era um mistério, pois todos os sintomas eram da mais profunda estranheza. Todos que a observavam, perguntavam-se: “será um novo tipo de câncer?” ou “Terá o mesmo desgraçado destino que seu marido?”. O diretor responsável pelo Hospital Central do Exército informou à imprensa que os estudos estavam bem orientados em busca das possíveis causas e origens. Naquele momento, sabia-se apenas que o mal atingia o seu sangue.

## **A PREOCUPAÇÃO EM TORNO DA PEQUENA MARIA DO SOCORRO**

Com Marcina tendo seu estado médico deteriorando-se gradativamente, uma questão vinha a debate: o que será da inocente Maria do Socorro? Quem cuidará dela? Qual será sua sorte? Esse era o maior medo e preocupação de Napoleão Laureano: em seu leito de morte, sondava entre as dores do corpo e a aflição na alma de ser um pai moribundo, com a morte a tocar-lhe os cabelos; se questionava qual seria o destino de sua filhinha.

Quem garantiria a segurança de caminhos mais precisos? Temia muito mais a falta que iria fazer à sua filha do que seu próprio fim. Pelas inúmeras vezes que a morte rondou seu leito, Napoleão Laureano fez uma única e dolorosa pergunta à sua esposa: “Marcina, que será de Maria do Socorro?”.

Por sorte e por boa vontade das pessoas que acompanharam o caso e agora observavam o declínio de Marcina, e temendo testemunhar a tragédia de uma criança desprovida de seus pais e

jogada à sorte, apressando-se em garantir um futuro para a pequena menina, a Rádio Nacional tomou para si os custos de educá-la, matriculando Maria do Socorro em uma das melhores escolas do Rio de Janeiro e fazendo um seguro de 100 mil cruzeiros em seu nome.

Na altura de 1953, a menina já havia crescido e estava bonita e saudável. Galgando seus primeiros passos na escola, em breve teria que escolher a profissão a que se dedicaria. Seu futuro não estava tão incerto assim, porém a preocupação da mãe foi maior do que isso tudo. Enquanto Marcina Laureano estava a sucumbir na cama do hospital ignorando a incerteza da sua própria vida, a medonha questão retornava à sua mente: o que seria, sem ela, de Maria do Socorro?

## **O SANGUE NÃO COAGULA**

Após alguns dias internada no Hospital Central do Exército sob regime de total sigilo, finalmente o diagnóstico mais preciso parecia ter sido encontrado. O médico hematologista assistente da viúva do médico paraibano, Dr. João Maia de Mendonça, informa que Marcina “é portadora de uma doença hemorrágica consequente à diminuição, em seu sangue, de uma substância indispensável ao mecanismo da coagulação. O diagnóstico da doença foi firmado logo após a sua internação no H.C.E., o que se deu em começo do mês passado, e está baseado em segura documentação clínica e de laboratório. O tratamento que vem sendo ministrado, é colocado no justo conhecimento da patogenia da moléstia e consta sobretudo de transfusões de sangue e seus derivados, assim como, de preparados que possam reforçar o sistema vascular, dificultando as hemorragias” (Diário Carioca, 13 nov. 1953, edição 7.779). As últimas notícias daquele dia apontavam que Marcina estava se recuperando e seu estado geral estava próximo de um total restabelecimento.

## **MARCINA VIAJA AOS ESTADOS UNIDOS DA AMÉRICA**

Em janeiro de 1954 a situação clínica de Marcina, viúva do médico paraibano, estava se deteriorando. Por duas vezes, se recolheu ao Hospital Central do Exército. Deitada num leito, definhava a cada dia, e a morte começa a rondar o seu quarto. O mais impressionante era que Marcina parecia estar destinada ao mesmo fim do seu amado marido. A diferença era que nenhum médico nem exame conseguia diagnosticar com precisão o mal que abatia sobre ela. Cercada do carinho familiar e assistida pelos médicos, aguardava o que parecia ser inevitável, seu fim, quando,

de maneira repentina, o casal Amaral Peixoto resolveu custear as despesas da viagem de Marcina até os Estados Unidos, a fim de descobrir a moléstia que a consumia.

O destino seria a Clínicas Mayo, localizada no Estado do Minnesota, onde se encontraria com especialistas que já a aguardavam. A viagem estava marcada para acontecer no dia 6 de janeiro daquele ano, precisamente às 22 horas. Entretanto, o avião da companhia Pan American que a levaria para Nova Iorque atrasou, chegando ao Galeão apenas às 2:30 da madrugada. Marcina chegou de ambulância, precisamente à 1:45 da manhã, sendo recolhida numa maca médica do posto de socorro do aeroporto.

Veio para a pista apenas quando o avião, vindo de Buenos Aires, aterrissou. Marcina estava visivelmente arrasada e não conseguia sequer se mover na maca. Chorava fortemente enquanto era cercada pela equipe de reportagem que estava ali para cobrir o embarque.

O Dr. Tanner de Abreu, médico que acompanhava de perto o estado de saúde de Marcina, informou que não sabia o tempo exato de sua permanência no estrangeiro e que os especialistas da Mayo Clinic fariam uma série de exames, a fim de diagnosticar a misteriosa doença. Isso feito, saberiam qual caminho trilhar. Informou, ainda, que esses exames específicos deveriam se prolongar por até quinze dias.

Por ser a natureza da doença completamente desconhecida, nada podia ser especulado em porcentagem de cura. Acompanhou o seu embarque o general Arthur de Alcântara, diretor do Hospital Central do Exército. Junto a ele, também estava a irmã de Marcina, a Sra. Lirida Faria de Miranda, na companhia de seu marido, o Dr. Faria de Miranda, ambos vindos de São Paulo.

O avião levantou voo precisamente às 4:15 da manhã, e três escalas estavam previstas, uma das quais seria no Recife.

## **MARCINA REGRESSA TOTALMENTE CURADA**

Após um mês de estadia nos Estados Unidos, regressou ao Brasil no dia 3 de fevereiro de 1954. Alegre, disposta e, aparentemente, completamente recuperada de seu mal, desembarcou no aeroporto do Galeão. Foi uma enorme e boa surpresa para aqueles que a aguardavam, entre eles os representantes da Sra. Alzira Vargas do Amaral, da Sra. Zilda Amaral Gurgel, e do Sr. Victor Costa, os quais ouviram atentamente o feliz relato sobre sua recuperação milagrosa, da boca da própria Marcina:

“Fui aos Estados Unidos - disse a viúva do Dr. Napoleão Laureano - em busca de remédios e não de médicos. O mal que me afetou fôra rigorosamente diagnosticado pelo Dr. Mario Mendonça, de modo que, ao partir, o fiz com perfeita ciência da gravidade da minha doença. Tratava-se de uma

espécie de deficiência hepática que determinou uma alteração sanguínea de difícil tratamento. Contudo, apesar da documentação que levei, tive que me submeter a novos exames. Os resultados confirmaram o diagnóstico dos médicos brasileiros, assinalado, com grande exatidão pelo Dr. Mario Mendonça logo no início da moléstia. O tratamento foi rápido e aqui estou, graças a Deus e à ciência, em perfeito estado de saúde” (A Noite, edição 14.623).

O Dr. Tanner, tomando a palavra, foi mais preciso no diagnóstico, dizendo se tratar de uma grave insuficiência de protrombina no sangue. O remédio utilizado foi a vitamina K1, a qual foi recentemente separada por um laboratório norte-americano e não tinha nada a ver com a vitamina K já conhecida por todos.

Por fim, Marcina ressalta a sua enorme gratidão à Sra. Alzira Vargas do Amaral Peixoto, que custeou sua viagem aos Estados Unidos.

## ACUSAÇÕES E MOMENTOS DIFÍCEIS

Enquanto Napoleão jazia em João Pessoa, Marcina se envolveu em embates jurídicos com a família do finado médico. Foi acusada, entre outras coisas, de viver no luxo e na riqueza, na belíssima cidade do Rio de Janeiro, enquanto suas sobrinhas, filhas de Abigail, as meninas Eunice Nunes e Maria Ione, viviam num abrigo de mendicidade em João Pessoa. Também foi acusada de sonegar bens e tentar destituir o velho Floriano, pai de Napoleão, de suas propriedades, jogando-o à beira da miséria.

Na tentativa de Marcina Laureano herdar o casarão localizado na rua Monsenhor Walfredo Leal, número 663, um processo foi aberto, pois como o imóvel estava escriturado no nome de seu finado marido, Marcina o exigia. Isto causou a fúria de seu sogro, Floriano Laureano, que por meio da imprensa, veio em defesa dos seus direitos, alegando que o imóvel fora comprado e pago por ele, e que quando o escriturou em nome de Napoleão, fora por motivos pessoais.

A acusa, ainda, de ter uma vida de moral questionável, chamando-a de “viúva branca”, e de que ela, coagida ou não, teria sonegado bens no Brasil e no estrangeiro, ao indagar onde estariam os automóveis americanos comprados por Napoleão na ocasião de sua estadia em Nova Iorque, e o palacete do Capitão José Pessoa, avaliado, à época, em mais de 300 mil cruzeiros, e muitos outros bens e terrenos.

Isaac conta que apenas 8 dias após a morte de Napoleão Laureano, Marcina, na companhia de seu advogado, o procurou para tratarem de assuntos referentes ao inventário deixado por Napoleão, o que causou profunda desconfiança em Isaac e no restante de sua família. Naquele momento, começaria um conflito jurídico, no qual ambos os lados se atacaram mutuamente. Após os terríveis

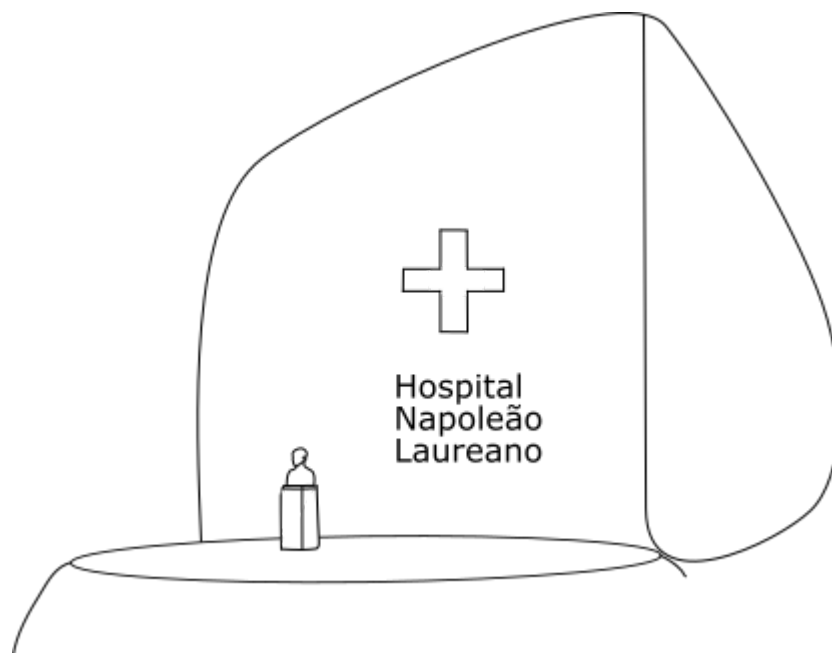
meses que se sucederam, Marcina cogitou dedicar sua vida à igreja e à vida simples. Em dezembro de 1951, ela revelou em entrevista: “Buscarei num convento a tranquilidade que não encontro no meio social [...] Em 4 meses perdi meu esposo, minha mãe, meu irmão e um sobrinho” (Revista da Semana, número 48). Porém, o desejo de se dedicar ao convento ficou de lado quando Marcina conheceu o homem que viria a ser seu segundo marido.

### **MARCINA VAI SE CASAR OUTRA VEZ**

Com a saúde completamente restaurada, com boa disposição e não mais enlutada pelo falecimento do Dr. Napoleão Laureano, Marcina anuncia que vai se casar com o também viúvo, Sr. Fausto de Lucca, que já possui filhos. O convite para o casório foi fixado no DER da prefeitura e dirigido aos colegas daquela repartição pública. A cerimônia estava marcada para acontecer no dia 14 de maio de 1955, às 9 horas da manhã, na Igreja de Nossa Senhora da Glória.

A cerimônia foi bem simples: Marcina usou um discreto vestido rosa, chapéu e véu. O ato religioso foi oficializado pelo padre barnabita Paulo Nicolau. Após a celebração religiosa, teve início a celebração de uma missa, na qual os noivos receberam a comunhão. Depois de tudo ocorrido, Marcina e Fausto deixaram o Rio de Janeiro rumo a São Paulo, onde iniciaram uma nova vida. Marcina, após muita dor e sofrimento com a morte de Napoleão, teve finalmente uma vida de paz e amor. Longe das câmaras e dos jornais, Marcina continuou sua vida como tinha que ser, como Napoleão certamente desejaria.

## **CAPÍTULO XV: O HOSPITAL NAPOLEÃO LAUREANO**





## DEIXA UMA MISSÃO

Impossível escrever um livro sobre o mais ilustre médico paraibano e não falar a respeito do seu maior legado, isto é, o Hospital Napoleão Laureano, localizado na cidade de João Pessoa, capital do estado da Paraíba, e uma das maiores referências de tratamento contra o câncer do nordeste. Idealizado pelo médico Laureano logo no início de sua doença, foi a sua principal bandeira até o último dia de sua vida. Criada a Fundação Napoleão Laureano enquanto ele ainda estava vivo, foi levada a cabo uma enorme campanha a nível nacional que mobilizou o Brasil inteiro, atingindo todas as camadas populares.

Após sua morte em 31 de maio de 1951, quem o acompanhava sabia que era seu dever, como sucessor e continuador da causa, não economizar esforços nem descansar enquanto o sonhado hospital não estivesse de pé, atendendo ao povo paraibano. No Senado e na Câmara, o falecimento de Napoleão Laureano foi pauta e tema de discursos. O senador Hamilton de Nogueira proferiu as seguintes palavras: “O dr. Napoleão, no mais alto gesto de caridade, resolveu aproveitar seus últimos dias para lançar a semente dessa grande obra humanitária de combate ao câncer. Digo obra de caridade e insisto nessa expressão. Numa de suas admiráveis cartas a Pierre Thermier, Léon Blois recordava este conceito bellissimo de Ernest Hello: ‘la gloire de la charité est deviner’. A glória da caridade está em adivinhar. Mas só pode adivinhar quem participa do grande sofrimento humano, e adivinhar consiste, aqui, em providenciar, em procurar os meios para evitar essa caminhada diária para a morte de milhões de homens no mundo inteiro. Esta glória, teve-a Napoleão Laureano. Ele procurou adivinhar. É o mais alto exemplo de caridade, porque caridade é contato de almas, é compreensão, é participação”. Após discorrer mais palavras doces, continuou comparando Laureano com uma árvore frutífera: “[...] Dostoiewski comenta, várias vezes, um versículo de S. João: ‘Para que a árvore frutifique é preciso, primeiro, que a semente morra’”. O senador carioca, após essas belas palavras, lembrou aos seus pares e a todos que registravam o momento, dizendo: “Nós não seremos dignos de ter um Napoleão Laureano no Brasil se não continuarmos a sua obra grandiosa, profundamente humana. Seu exemplo deve ser seguido por todos, nesta hora tremenda do mundo contemporâneo. Enquanto tanta gente se preocupa com os prazeres materiais e se entrega a toda sorte de paixões, esse homem renunciou a tudo e a tudo se sacrificou, elevando pela sua grandeza de alma, em primeiro lugar, a profissão que abraçou [...]” (Diario Carioca, 2 jun. 1951, edição 7.032).

## **PRIMEIRAS MOVIMENTAÇÕES**

Tendo em mente a construção de um hospital especializado na Paraíba, os políticos e lideranças da Fundação Napoleão Laureano começaram a discutir o início da obra. Primeiro, era preciso definir um local e os recursos necessários para tal empresa. Em julho de 1951, na cidade do Rio de Janeiro, encontraram-se os Drs. Mário Kroeff, Alberto Coutinho e Amador Campos. A pauta da reunião foi “Os meios disponíveis para se levantar o Hospital da Fundação Napoleão Laureano”.

Afirmou o Dr. Mário Kroeff que o hospital deveria ser construído na Paraíba, de preferência na capital que abraçou Napoleão, a bela cidade de João Pessoa, como era desejo expresso e conhecido do Dr. Napoleão Laureano. Informou, ainda, que a instituição teria a capacidade de 50 leitos para acompanhamento e tratamento do câncer, e que custaria 6 milhões de cruzeiros, de um total de 8 milhões disponíveis, e uma parcela pequena dos Cr\$ 355.369,30, valor reunido durante toda a campanha. O hospital foi equipado com o que mais de moderno havia disponível para o tratamento do câncer. O sonho do médico Napoleão Laureano estava prestes a se realizar e, em breve, seu nome seria perpetuado. Na ocasião, o Dr. Mário Kroeff revelou ter se encontrado com o governador do estado da Paraíba, Sr. José Américo, e que o chefe do executivo estadual teria prometido se empenhar pessoalmente na construção daquela instituição, além de garantir que mandaria abrir uma rua ampla até o local onde seria construído o hospital na capital paraibana.

## **ASSINADO O CONTRATO DE CONSTRUÇÃO**

No dia 7 de julho de 1953, na Legião Brasileira de Assistência, foi finalmente assinado o contrato para a construção do Hospital Napoleão Laureano em João Pessoa, Paraíba. Os responsáveis por firmar os termos do acordo foram a Sra. Darcy Vargas, presidenta de honra da Fundação Napoleão Laureano; o Dr. Mário Kroeff, diretor executivo; o Sr. Jorge Marsillac, diretor-secretário; o Sr. Félix Lamela, elaborador do projeto de construção; o senador Rui Carneiro, diretor-tesoureiro; e, finalmente, o Sr. Epaminondas Vieira de Macedo, representante legal da firma vencedora da concorrência para a construção do Hospital Napoleão Laureano. Na altura, a previsão de início das obras estava marcada para o final daquele mesmo mês, devendo ficar pronto 2 anos após.

## **CONCLUÍDO O HOSPITAL NAPOLEÃO LAUREANO**

Em fevereiro de 1957, passados apenas 4 anos desde o início das obras, em julho de 1953, o Hospital Napoleão Laureano estava finalmente pronto. Foi construído numa área de 30 mil metros

quadrados em terreno cedido pelo governo do estado. Na época, era a maior instalação hospitalar do gênero existente em todo o norte do país. O valor gasto rondava os 14 milhões e 500 mil cruzeiros, isto é, mais que o dobro do previsto.

O prédio consistia em dois andares com quatro frentes, dispondo também de amplas e espaçosas galerias em toda sua extensão. Como já informado, o hospital possuía 50 leitos para recuperação dos enfermos. Quando inaugurada, a instituição dispunha de dois laboratórios, 25 enfermarias, banco de sangue, farmácia, sala de consultas, 3 salas de operações, centro cirúrgico, sala para autópsias, sala de velório, necrotério e espaços para administração, os quais contavam com gabinetes médicos, secretaria, almoxarifado, lavanderia mecânica, cozinha, rouparia, refeitório e apartamentos. O prédio todo possuía rampas e escadas de acesso aos andares acima. Finalmente, o sonho de Napoleão Laureano foi realizado. Aquela cena que ele testemunhava ainda menino, quando via os paraibanos vindos do interior morrerem em frente ao hospital, sem atendimento, sem apoio, nunca mais se repetiria. A Paraíba inteira deve muito ao filho de Natuba: Napoleão Rodrigues Laureano.

## **O HOSPITAL HOJE**

Setenta anos após a morte de seu ilustre idealizador, o Hospital Napoleão Laureano mantém seus trabalhos de maneira honrada e ininterrupta. Contando com uma equipe profissional extremamente capacitada e entregue aos valores deixados pelo médico paraibano, o centro médico continua a ser a maior referência de combate e tratamento do câncer no estado da Paraíba. Sua continuidade, entretanto, depende da boa vontade daqueles que sempre ajudam através de doações. Faça também sua parte para garantir que o legado do Dr. Napoleão Laureano não se esvaia. Contribua, defenda e apoie uma instituição que há mais de 60 anos vem cuidando do nosso povo paraibano.

## **A MEMÓRIA VIVE**

Uma pergunta que os homens fazem desde o início dos tempos é “como viver para sempre?”, e uma das possíveis respostas é: se eternizando através de algo, de preferência um grande monumento. Os antigos egípcios não pouparam esforços na construção das pirâmides; os helenos, na pessoa de Péricles, construíram o magnífico Partenon, na acrópole de Atenas. A mesma motivação de manutenção da memória levou à construção do esplêndido Taj Mahal, no subcontinente indiano. O legado deixado pelos homens ecoa pela eternidade. Eles são testemunhos de épocas distantes e de grandes feitos. Durante as Guerras Napoleônicas, o imperador francês Napoleão Bonaparte, antes de

uma importante batalha, motivou seus homens, apontando para as pirâmides e exclamando: “Soldados, pensem que do alto dessas pirâmides, quarenta séculos vos contemplam!”.

Certamente o motivo para a idealização do Hospital em João Pessoa, por parte de Napoleão Laureano, não foi perpetuar seu nome ou trazê-lo à fama. Seu principal objetivo era assegurar melhores chances aos seus irmãos paraibanos. E assim feito, o Hospital Napoleão Laureano é um monumento à vida desse bravo médico paraibano.



O Hospital Napoleão Laureano, o maior legado do médico estoico.

Napoleão Rodrigues Laureano, através do monumento, marcou o seu nome nos traçados da cidade. Por meio de seus feitos, se inseriu na memória coletiva de seu tempo. Pensar Laureano, enquanto sujeito que marca a memória coletiva da medicina paraibana, é entendê-lo para além de um indivíduo, dando a este uma notoriedade enquanto símbolo de uma *honoris causa*. Sobre a importância e necessidade de uma consolidação e manutenção do símbolo, o historiador Jacques Le Goff escreve: “A memória é um elemento essencial do que se costuma chamar identidade, individual ou coletiva, cuja busca é uma das atividades fundamentais dos indivíduos e das sociedades de hoje, na febre e na angústia [...]” (LE GOFF, 2013, p. 435).

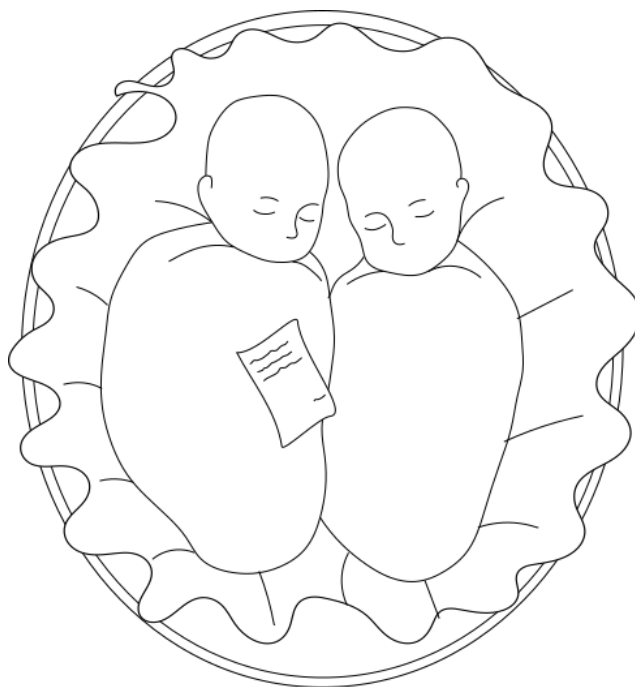
Embora no presente pouco se fale sobre Napoleão Laureano e a sua trajetória individual, remetendo o seu nome muito mais ao monumento do que ao sujeito, através de suas ações o médico paraibano incentivou pesquisas e tratamentos contra o câncer. Mais do que um simples espaço de tratamento, o Hospital Napoleão Laureano ganhou, assim, contornos históricos enquanto pioneiro na região paraibana, conservando até o presente.

É preciso ter em mente que o conceito de memória é viva e volátil. Ela precisa ser constantemente reativada e estimulada, e é por esse motivo que o presente livro se justifica.

Invocamos aqui outro teórico, Pierre Nora, e seu trabalho sobre história silenciada. Nora nos conta que a memória e o esquecimento estão em constante conflito, caminham lado a lado. São representadas pelas deusas Mnemosine (memória) e Lete (esquecimento), ambas em constante conflito por afirmação e ocupação do seu lugar. Em um movimento dialético, as duas dançam, e como um casal que ensaia uma valsa, constantemente trocam de posição. É, portanto, tarefa do historiador perceber esses pontos de memória, seja ela incentivada, seja ela ocultada de maneira proposital ou não.

O sociólogo francês Maurice Halbwachs escreve: “As lembranças que nos são mais difíceis de evocar são aquelas que não concernem a não ser a nós, que constituem nosso bem mais exclusivo, como se elas não pudessem escapar aos outros senão na condição de escapar também a nós próprios” (HALBWACHS, 1990, p. 189). Portanto, frente à possibilidade de esquecimento e desvalorização de um legado tão belo quanto aquele deixado por Napoleão Laureano, nos vem a pergunta: o que fazer para preservá-la? A resposta nos parece ser a de que todo paraibano deve sentir-se como se tivesse parte na construção do hospital, como se fosse responsável pela sua continuação, pois o Hospital Napoleão Laureano não pertence a um político ou magnata, mas sim ao povo paraibano, que foi e continua a ser o propósito final de sua existência.

## **CAPÍTULO XVI: UM POSSÍVEL FRUTO PERDIDO**



## EM BUSCA DAS GÊMEAS

O capítulo que se segue não tem a pretensão de uma exposição pública ou a desonra de Napoleão Laureano, assim como também não possui um caráter sensacionalista. Nos propomos a apresentar uma possibilidade, trazendo ao conhecimento público a intenção de incentivar a pesquisa da interessante vida de Laureano, nas suas mais importantes vicissitudes. Evocando os métodos do paradigma indiciário inaugurado pelo historiador italiano Carlo Ginzburg, tentamos e somos tentados a conhecer mais sobre essas que podem ser a herança sanguínea do valoroso médico paraibano.

Até onde se sabe, oficialmente o Dr. Napoleão Laureano não teve filhos biológicos, limitando-se apenas a adotar uma menina de nome Maria do Socorro Sampaio Laureano, nascida no Recife em 1946, sendo um doce alento após os terríveis anos da Segunda Guerra Mundial. Entretanto, há especulações de que o jovem médico Napoleão teria vivido um breve relacionamento com uma jovem do interior paraibano, originando duas filhas gêmeas.

É preciso deixar claro que as informações apresentadas aqui neste capítulo são especulações e tradição oral. Não podemos nem pretendemos afirmar uma coisa ou outra, e limitamo-nos apenas a apresentar uma possibilidade. O leitor poderia se perguntar “o que o levou a escrever esse relato?”. Pois bem, vou responder: já faz 71 anos desde a morte do Dr. Napoleão Laureano e quase sete décadas também se passaram desde o evento que aqui será posto. Quase todas as pessoas que poderiam ter testemunhado a favor dessa teoria estão mortas, restando-nos apenas histórias familiares que em muito já se dissiparam. Então, faz-se necessário a exposição do tema para preservar essa tradição e incentivar pesquisas futuras, não tendo em mente, como já dito, uma verdade final.

A história começa com Dr. Napoleão Laureano ainda na cidade de João Pessoa, onde possuía um consultório médico e se dedicava ao tratamento de doenças das mulheres. E foi na própria clínica, localizada na rua Barão do Triunfo, nº 474, 1ª andar, que ele teria conhecido uma moça de nome desconhecido, natural de Campina Grande ou, mais provavelmente, do interior da Paraíba.

O que se conta é que Napoleão teria se apaixonado por essa moça, e com ela, teria gerado duas meninas gêmeas. É preciso lembrar que Laureano já era casado com Marcina. Aquela gravidez certamente não era planejada. O Dr. Napoleão Laureano não poderia assumir as crianças, nem a moça poderia voltar “desonrada” para casa. Então, Laureano teria hospedado-a em segredo até o parto das crianças. Poderia ele próprio ter feito o parto no hospital onde trabalhava, o Santa Isabel. Nascidas então, ele teria as deixado em um orfanato em João Pessoa, o Dom Ulrico, para serem adotadas por outra família.

Entretanto, é possível que Napoleão Laureano tenha pedido a um casal de amigos íntimos para adotar uma das meninas, que teria recebido o nome de Edwiges e que foi batizada pelo próprio Napoleão Laureano e sua esposa, Marcina Laureano.

## **AS GÊMEAS PERDIDAS**

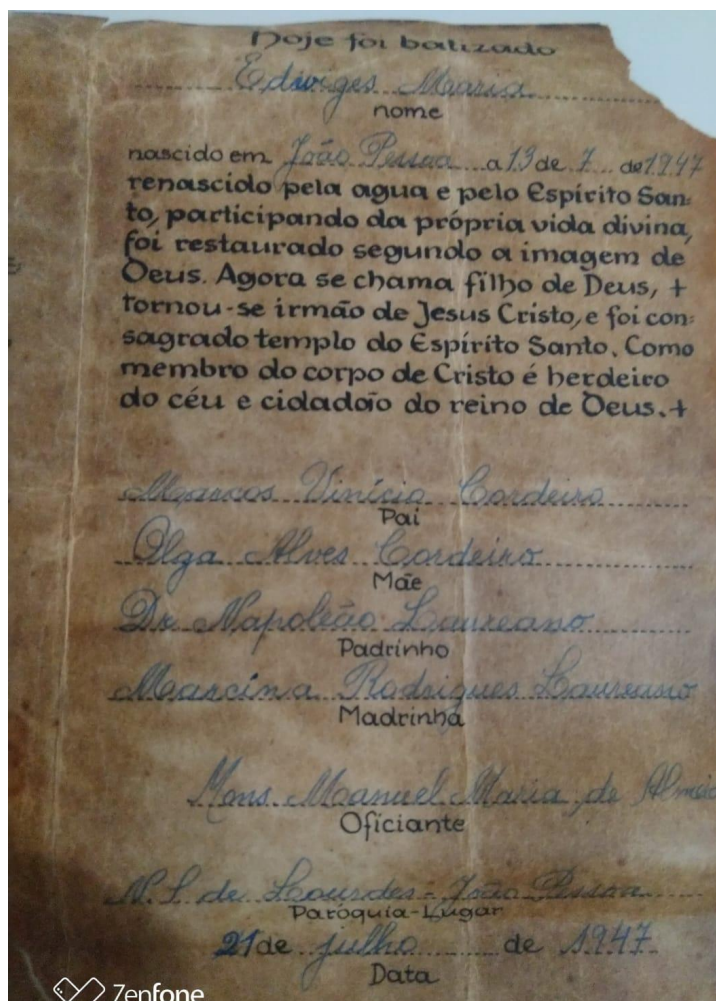
A única pessoa que sabia da identidade da misteriosa moça por quem Laureano teria se apaixonado era o seu amigo e motorista pessoal, José Higinio, que teria deixado as crianças no orfanato e garantiria que elas fossem adotadas por pessoas confiáveis.

Uma das meninas teria recebido o nome de Edwiges. A data do nascimento, registrado num cartório de Campina Grande-PB, foi 13 de julho de 1947. Após ser entregue aos cuidados do orfanato, foi rapidamente adotada pelo gentil casal Marcos Vinício Cordeiro e Olga Alves Cordeiro. Uma das coisas mais interessantes de Edwiges é que ela teve como padrinhos o próprio Dr. Napoleão Laureano e sua esposa.

O próprio filho de Edwiges, Fábio Cordeiro, confirma ter ouvido que sua mãe sempre afirmava ser filha de Napoleão Laureano. O que lhe foi passado pela sua mãe adotiva, Olga, é que a outra gêmea, Sônia, foi adotada por uma outra família, tendo sido registrada 3 dias depois em um cartório em João Pessoa. Podemos levantar uma questão: por que haveria essa intenção de registrar as meninas em datas diferentes e em cidades diferentes? Outra coisa nos chama a atenção: o cartório em Campina Grande, local onde Edwiges foi registrada, pertencia a um amigo de Napoleão, tendo servido como vereador em João Pessoa na mesma época que ele.

As duas meninas cresceram em lares diferentes, mas quando chegaram à pré-adolescência, foram estudar na mesma escola. Por serem gêmeas idênticas, imediatamente se reconheceram, tomando conhecimento pelas suas mães de criação de que eram adotadas. E assim, até o final da vida, ambas se diziam filhas de Napoleão Laureano, ainda que não tivessem provas definitivas disso.





Batistério de Edwiges Maria. Foto: acervo pessoal de Fábio Roberto Cordeiro.

Como dito anteriormente, confirmar ou não a veracidade dessa história é uma tarefa árdua que não compete a este trabalho. Nosso objetivo é, portanto, apresentar a questão à discussão e incentivar pesquisas futuras. Mais à frente nesta obra, na parte 2, discutiremos a fundo a genealogia de Napoleão Rodrigues Laureano.

**CAPÍTULO XVII:  
NAPOLEÃO LAUREANO COMO  
PERSONAGEM QUE PERPASSA O  
IMAGINÁRIO POPULAR**



## PARA SEMPRE LAUREANO

Como figura histórica, Napoleão Laureano transcende as fronteiras do seu estado, eternizado na memória daqueles que percebiam suas ações de compaixão e dedicação ao próximo. Tal visão pode ser atestada em produções literárias, como uma coletânea de cartas psicografadas organizada pelo grupo “Napoleão Laureano”, na qual o médico paraibano, no entendimento de alguns adeptos do espiritismo, continua a cuidar daqueles que dele necessitam, oferecendo conforto nas palavras.

Ainda em vida, criou-se uma aura quase mística a respeito da vida do Dr. Napoleão Laureano; considerado por uns, um médico estoico, por outros, um mártir, um ser que parece transcender o mundo profano, como se tivesse um olho na terra e outro no mundo vindouro.



Napoleão Laureano, ao chegar de viagem dos Estados Unidos, recebe seu amigo padre, com rosto sereno e sorriso largo.  
Fonte: A União.

No mês de sua morte, abril de 1951, Napoleão Laureano já despertava a religiosidade do povo brasileiro. É conhecida a história de um bombeiro, o cabo 249 de nome Moacir de Almeida Barros, que fez questão de conhecer pessoalmente o médico paraibano e lhe entregar em mãos uma quantia simbólica de 50 cruzeiros. Embaraçado, o bombeiro afirmou se tratar de uma promessa religiosa à Nossa Senhora das Graças. Sendo seu pedido atendido, veio pagar a dívida. A ligação de Napoleão com os santos católicos não cessaria naquele momento, pelo contrário, ela se intensificaria.

Essa relação fica evidente no velório, quando dezenas de pessoas que assistiam à cerimônia se prostravam, beijavam seus dedos e recitavam salmos e preces frente ao seu corpo. Napoleão não podia mais falar ou se movimentar: estava morto. Contudo, para alguns isso não o impediria de continuar sua nobre missão no plano espiritual.

Em vida, o Dr Napoleão Laureano foi um ser fantástico, trabalhando sempre em prol dos pobres, enfermos e da dignidade humana. Como parte de sua obra terrena, seus feitos e realizações são observados até os dias atuais. No plano espiritual, não poderia ser diferente. Após seu desencarne, continuou sua missão através do plano espiritual, tendo realizado cirurgias e oferecendo sempre apoio fraternal e acolhimento.

Mesmo entre os que não conhecem sua história, seu nome perpetua. Nos centros espíritas espalhados pelo Brasil, Napoleão teria realizado cirurgias espirituais, como são conhecidos os passes energéticos em órgãos e regiões específicas, muito utilizados em tratamentos de depressão e câncer como complemento aos tratamentos médicos convencionais. A associação entre o tratamento físico convencional e o espiritual tem beneficiado aos que buscam este método terapêutico. Tal benefício pode ser observado através do retorno em forma de depoimentos, mensagens e agradecimentos.

No livro “Napoleão Laureano - Coletânea de Psicografias”, através dos médiuns que compõem o grupo sob sua mentoria, os espíritos deixam mensagens de amor, caridade e compreensão, nos guiando em busca do crescimento espiritual e percepção do mundo. As cartas a seguir foram retiradas do mesmo e reunidas para apreciação:

#### *CARIDADE E EVOLUÇÃO*

*Irmãos, deveis vós saberem que a caridade é o maior veículo da evolução, é maior que a própria fé. Que adianta a fé sem caridade? Como já vos disse em outra mensagem, um irmão pode não crer em Deus mas se tem caridade, isto muito valerá para seu espírito quando chegar ao Plano Espiritual, lá não se perguntará:*

*“Qual foi sua crença?” “Qual foi vossa fé?”. Mas se perguntará o que de bom fizestes, aí entrará a caridade.*

*A caridade é o maior sentimento que trazemos dentro de nós, pratiquem a caridade para que tudo de bom possa lhes esperar na sua passagem do plano terra para o Plano Espiritual.*

*Que Jesus vos abençoe.*

*N.L.*

Esta carta assinada por N.L. traz uma mensagem de grande valor moral e espiritual. No Evangelho Segundo o Espiritismo, escrito por Allan Kardec e desenvolvido pelos espíritos de luz, o capítulo XV “Fora da Caridade não há Salvação” é inteiramente dedicado à importância da caridade como a máxima divina. A verdadeira caridade, fruto do bem, da humildade e da benevolência, independe de crença, nos afasta do orgulho e nos conduz à eterna felicidade. É a maior de todas as virtudes. Chico Xavier, médium e filantropo brasileiro falecido em 2002, nos deixou em vida a seguinte mensagem: “A caridade é um exercício espiritual. Quem pratica o bem coloca em

movimento as forças da alma. Quando os espíritos nos recomendam com insistência a prática da caridade, eles estão nos orientando no sentido de nossa própria evolução”.

### ENGANOS

*Muitos de vós quando vêem um esmolar, ou propriamente um mendigo, vós dizeis “pobre criatura, este é um infeliz”, falamos isto diariamente, mas inconscientemente não sabemos que muitas vezes, nós somos mais infelizes do que aqueles qual dirigimos aquela palavra. Por quê? Aquele mendigo que nós vimos vivendo pauperrimamente de caridade pública às vezes tem um grau espiritual muito mais evoluído do que possamos imaginar, sendo que no plano espiritual ele escolheu esta prova de expiação, sendo às vezes até muito contente materialmente e espiritualmente com a vida que leva. Estará ele sabendo que está galgando mais uns degraus da evolução espiritual? Por isso não devemos julgar um irmão maltrapilho, sujo na beira da calçada, considerando-o um infeliz, poderemos sim ajudá-lo, saciar-lhe a fome, ou dar-lhe palavras de ânimo e consolo dizendo-lhe sobre sua provação que foi escolhida no plano espiritual por ele mesmo. Quantos ricos de hoje serão os favelados de amanhã, por não fazerem bom uso dos bens materiais. O espírito que está neste invólucro carnal sabe o seu grau por isso encontra-se contente sem se manifestar infeliz, mesmo sabendo que é um pária da sociedade, então irmãos não poderemos julgar ninguém como sendo infeliz, porque não conhecemos seu grau evolutivo. Vamos quando pudermos levar uma palavra amiga a esses irmãos. Quem sabe um dia na nossa passagem para o outro lado, encontraremos estes irmãos para nos ajudar, quem sabe se teremos o mesmo grau evolutivo deles; os que um dia nós chamamos de infelizes e hoje nos encontramos felizes ao lado deles. Que Jesus vos abençoe.*

N.L.

Acerca do tema imortalidade e reencarnação, antes mesmo do surgimento do cristianismo, o filósofo grego Platão (348/347 a.C.), considerado o maior representante da filosofia clássica, nos deu indícios da crença na imortalidade da alma, evidenciados nos trechos do diálogo abaixo, retirados do livro Fédon - A Imortalidade da Alma:

“XVI - [...] - Que faremos, então? Continuou; não atribuiremos a esse processo de geração o seu contrário, ou admitiremos que nesse ponto a natureza é manca? Não será preciso aceitarmos um processo gerador oposto ao de morrer?

- Sem dúvida nenhuma, respondeu.
- Qual?
- Reviver.
- Logo, continuou, se o reviver é um fato, terá de ser uma geração no sentido

dos mortos para os vivos: a revivescência.

- Perfeitamente.
- Desse modo, ficamos também de acordo que tanto os vivos provêm dos

mortos como os mortos dos vivos. Sendo assim, quer parecer me que apresentamos um argumento bastante forte para afirmar que as almas dos mortos terão necessariamente de estar em alguma parte, de onde voltam a viver [...]

XVII - É também, Sócrates, voltou Cebete a falar, o que se conclui daquele outro argumento - se for verdadeiro - que costumamos apresentar, sobre ser reminiscência o conhecimento, conforme o qual nós devemos forçosamente ter aprendido num tempo anterior o de que nos recordamos agora, o que seria impossível, se nossa alma não preexistisse algures, antes de assumir a forma humana. Isso vem provar que a alma deve ser algo imortal”.

Trechos de Fédon - A Imortalidade da Alma (Platão).

Para Platão, a alma passa por etapas de forma cíclica após a morte, retornando para este plano em busca de conhecimento não explorado na existência passada. Isso é a reencarnação. Sendo ela essencial para a elevação espiritual, as provas e expiações são situações necessárias para esta elevação. Isto posto, o autor dessa carta nos mostra que devemos auxiliar ao próximo e compreender o porquê dos infortúnios de nossos semelhantes, visto que são etapas pelas quais eles precisam e desejam passar, ainda que não tenham conhecimento disso.

### ORIENTAÇÕES

*Estejais sempre juntos  
Neste santuário de preces.  
Só o Cristo nos traça o  
caminho da redenção.  
Irmãos, guiem vossos passos  
em sendas retas.*

*Todo trabalho é sublime,  
Quando feito com amor  
O amor é como o sol:  
Ilumina e aquece.  
Todo mal é escrito em ferro  
E todo bem é escrito em areia.  
Só aqui na Terra!  
A dor é benção do céu.  
O tempo urge, vamos trabalhar!  
Quem seguir a Jesus não  
andarà em trevas.*

*Temos o tempo de semear  
E o tempo de colher;  
Tudo tem sua hora!*

*O trigo o joio estão juntos  
Cuidado com a ceifa.  
Não existe virtude mais bela  
Que caridade.  
O ser humano é identificado  
Pelas suas radiações.*

N.L.

Nesta carta, novamente N.L. frisa a importância da união, do trabalho pelo bem e do amor, principalmente como devemos incorporar estes três em nossa vida na busca pela evolução. Esta busca nos ajudará a compreender e reconhecer as oportunidades que nos são dadas. A união fraternal cultiva a harmonia e nos dá clareza. Ora, onde há amor, união e propósito para o bem, podemos almejar as mais belas generosidades do ser. Se fazemos o bem, emanamos boas radiações e atraímos os semelhantes em busca de trabalho coletivo.

### *FÉ, CONHECIMENTO E AÇÃO*

*Irmãos amados, assim como foi exposto de início, todo homem traz dentro de si uma força íntima, uma potência generalizada que nós mesmos comandamos.*

*É certo que muitas ainda são as perguntas sem resposta, muitos são os mistérios da vida espiritual e até mesmo da vida material que o homem desconhece, mas sabemos que para que o mistério e a beleza infinita do Pai possa ser de nosso conhecimento é necessário que haja uma preparação, deve-se esperar o momento exato. O homem tem a sua evolução a vencer; a cultivar. Tudo compassivamente, passo por passo. O homem deverá seguir a sua evolução, ajudando assim o progresso de toda a humanidade. Degrau por degrau, forças serão adquiridas, aprendizado e inúmeras lições reservadas em nosso íntimo e pouco a pouco, subindo sempre, chegaremos bem próximos da luz divina e do esclarecimento total.*

*Por todos os séculos, desde os primórdios dos tempos, a fé se fez notar. Desde mesmo os primitivos, o próprio homem da caverna, sentia dentro de si uma força e quando ao olhar ao redor, em contemplação, interiormente e instintivamente motivado pela intuição, reconhecia a maravilha e mistérios da criação. Mesmo os mais céticos, trazem dentro de si aquela dúvida e ao mesmo tempo, certeza de uma força maior de onde tudo provém.*

*Como já dissemos, em todas as coisas e até mesmo nos mistérios há um propósito firme e preciso. E assim, sabemos que o estudo nos adianta esclarecimentos necessários, nos possibilitando uma fé mais segura e ainda mais forte e bem orientada. A fé se redobra com o estudo e com o aprendizado sério.*

*Chegará o momento, de todos juntos, unidos pela força da fé, firmes no progresso e no adiantamento espiritual que removeremos essa montanha de dúvidas e de sofrimentos diante de nós.*

*União em fé e amor!*

*Que Deus os abençoe a todos!*

*Meu abraço carinhoso e agradecimento sincero.*

*H.P.M.*

Fé. Para o espiritismo, a fé é uma crença científico-filosófica, apoiada em inteligência, compreensão, intuição e resiliência. É a esperança em dias melhores que acompanha a humanidade. Quando cremos na existência divina, a fé é mais do que esperança, é confiança.

“A esperança e a caridade são corolários da fé e formam com esta uma trindade inseparável. Não é a fé que faculta a esperança na realização das promessas do Senhor? Se não tiverdes fé, que esperareis? Não é a fé que dá o amor? Se não tendes fé, qual será o vosso reconhecimento e, portanto, o vosso amor?

Inspiração divina, a fé desperta todos os instintos nobres que encaminham o homem para o bem. É a base da regeneração. Preciso é, pois, que essa base seja forte e durável, porquanto, se a mais ligeira dúvida a abalar, que será do edifício que sobre ela construídes? Levantai, conseguintemente, esse edifício sobre alicerces inamovíveis”

O Evangelho Segundo o Espiritismo (1864).

### *A IMPACIÊNCIA*

*Se pensarmos que o mundo acabou todas as vezes que o coração aperta pelos dissabores que a vida nos traz, jamais conseguiremos vencer o inimigo.*

*Sejamos prudentes e pacientes que tudo se esclarecerá na hora devida. A impaciência e a falta de esperança aniquilam a fé e o trabalho que há anos estamos executando.*

*A dor é a suavidade da alma. Precisamos nos conscientizar que o mundo não é somente flores e acalento. Ele é cheio de espinhos e obstáculos construídos por nós mesmos.*

*Devemos de simulá-lo e transparecê-lo límpido e cristalino para ultrapassarmos a barreira que fere o nosso interior.*

*Estamos somente de passagem nesta vida terrena e não há necessidade de transformá-la num horizonte de Shangrilá. Ele existirá quando deixarmos esta carcaça e passarmos para o Plano Maior aí sim é que poderemos respirar fundo e sentir o aroma das pétalas, cujo odor suaviza a nossa alma sofrida e castigada pela incompreensão de nossos semelhantes.*



*Sejamos responsáveis pelos nossos atos e façamos deles o nosso ganha pão, porque o demais de nada valerá quando galgarmos em direção ao Pai Maior.*

*A recompensa de nosso sofrimento é a purificação da alma.*

*É a elevação de nosso espírito já velho e cansado de tantas encarnações, porém necessárias para o nosso aprimoramento.*

*Sejamos complacentes para suprimos as necessidades que ocasionalmente adquirimos, porém não façamos dela o nosso dia a dia, mas sim, parte de um viver terráqueo.*

*Os sonhos jamais morrem quando temos fé em nossos ideais e aceitamos a vida como nos foi designada.*

*Pobres porém ricos em sabedoria.*

*Febris porém lúcidos naquilo que nos foi proposto.*

*O amor jamais morre, quando é sincero e quando somos honestos com os nossos semelhantes.*

*A vida é bela se soubermos aproveitar todos os momentos que nos forem outorgados.*

*Não podemos esmorecer por qualquer mesquinha de seres inóspitos, mas sim, erguermos os nossos olhos ao alto e agradecermos por tudo que nos têm sido ofertado.*

*Que Deus os abençoe.*

*(Página recebida pela médium Felícia Gomes Gindro, em 24.01.1991)*

Por que vivenciamos situações de desespero enquanto outros têm experiências afáveis? O espiritismo nos orienta que há cargas amealhadas de vidas passadas; que há provas e obstáculos, expiações e consequências. Isso é o impulso para o progresso da alma. Portanto, não devemos nos queixar, e agir com serenidade. Através de Divaldo Pereira Franco, médium e professor brasileiro, sua mentora Joanna de Ângelis nos recitou que “com paciência conquistarás tudo, após te haveres conquistado a ti mesmo para o bem e para a paz”. Sejamos perseverantes e resilientes em busca da maior elevação.

### *AMADOS IRMÃOS!*

*A alegria, a emoção, e os meus sinceros agradecimentos por esse momento tão maravilhoso que me alivia o coração e me nutre de forças os sentimentos adormecidos, reanima a chama do amor que pouco a pouco se expande. Sinto o calor amigo e irmão de vossos corações me aquecerem por dentro. Tenho recebido muita ajuda desses bons irmãos, que sempre nos assistem. O importante nisso tudo, não só no Plano Espiritual como no Plano material, o que realmente importa é o valor que cada um dá para si mesmo. Primeiramente, nós devemos dar a importância e o valor que temos para com toda a humanidade. Cada um de nós tem o seu papel, a sua missão, a sua importância. É gota por gota que a chuva resplandece, os lagos, rios e o próprio oceano. É pelas pequeninas coisas, pequeninas ações que sejam somadas a outras pequeninas ações de outros tantos irmãos nossos, que pouco a pouco, formaremos o todo de uma ação completa e eficaz. Muitas vezes por trás de uma pequenina rosa, desabrochando em segredo num amplo jardim é onde se encerrará o maior e o mais sublime dos perfumes. Uma só andorinha não faz verão! A união faz a força! Unamos*

*sentimentos e força de vontade, e que dessa soma, o total seja a ação eficaz em força do bem maior e pelo amor do Pai.*

*Que o amor de Deus os abençoe! União sempre!*

*Que cada vez mais, novos botõezinhos de flor possam surgir desse imenso jardim e que no momento do reflorescer, em que os botões forem abrir para a vida maior que em cada um se encerra, um aroma suave e penetrante possa infiltrar-se em todos os cantos, que possa ser levado pela brisa suave e que envolva a todos e a tudo nesse mundo.*

*Um abraço carinhoso do irmão,*

C.B.

Nesta carta, atribui-se a felicidade do autor ao momento de paz, união e amor dedicado pelos presentes durante a reunião para a preparação desta psicografia. Quando nos reunimos em momentos de oração e boas vibrações, a energia e o magnetismo do ambiente atraem semelhantes vibrações, sentidas tanto no Plano Material quanto no Espiritual. O autor nos expõe que devemos valorizar cada indivíduo em sua trajetória e nos unir com propósitos mútuos.

Napoleão Laureano foi um indivíduo além do seu tempo, dedicando sua vida em benefício do próximo, contribuindo para a melhoria e batalhando pelas causas nobres dos desafortunados. Que sua trajetória bondosa e caridosa se perpetue através de nós.

“Fazei o bem, filhos e filhas da alma, além do vosso alcance. Nunca vos arrependereis de terdes erguido um combalido, saciado a sede ou alimentado alguém esfaimado. Exultai pela honra, pela glória de crer e esse crer deve constituir a diretriz da vossa existência”.

Trecho de página recebida em psicofonia pelo médium Divaldo Pereira Franco, durante a palestra proferida na sede da Creche Amélia Rodrigues, no dia 22 de outubro de 2016, em Santo André, SP.

## HOMENAGENS

Hoje, alguns centros espíritas homenageiam o heroico médico paraibano, como é o caso do respeitável Centro Espírita Napoleão Laureano, localizado na rua Dona Elfrida, no bairro Chora Menino, em São Paulo, e da também tradicional Casa do Caminho Dr. Napoleão Laureano, localizada na rua Pedro Doll, no bairro Santana, cidade de São Paulo.

A maior homenagem, claro, é o Hospital Napoleão Laureano, mas outras também merecem destaque: ruas em Teresópolis, Campina Grande e Natuba receberam seu nome; praças, creches e postos de saúde também carregam o nome Napoleão Laureano. Ainda em vida, como já dito,

Napoleão Laureano recebeu o título de membro de honra do Instituto Brasileiro de História da Medicina. Homenagens para o médico paraibano não faltaram e seus méritos foram reconhecidos ainda em vida, como deve ser.

**PARTE II:**  
**A GENEALOGIA DO DR. NAPOLEÃO**  
**LAUREANO:**  
**OITO SÉCULOS DE HISTÓRIA**

## NA TRILHA DO MÉDICO DO POVO

O objetivo deste estudo genealógico é apresentar a família do Dr. Napoleão Laureano, seus pais, irmãos, sobrinhos, etc., assim como traçar uma gênese até o seu ancestral Ruy Capão, um judeu castelhano que viveu por volta do ano 1150, isto é, mais de 800 anos antes do nascimento de Napoleão Laureano.

Napoleão Rodrigues Laureano, como já dito, nasceu na cidade de Natuba, na época comarca de Umbuzeiro, interior da Paraíba, no dia 22 de agosto de 1914. Ele mesmo, em virtude de um decreto, se registrou em um cartório na cidade do Recife.

Seu pai se chamava Floriano Rodrigues Laureano, nascido provavelmente em Natuba-PB, no ano de 1868. Era filho de José Rodrigues Laureano e Genuína Francelina de Lima.

A mãe de Napoleão se chamava Teófila Bezerra da Silva, que ao casar-se, adotou o sobrenome Laureano. Nasceu em 1885, na cidade de Natuba. Ao casar-se com Floriano, a 1 de julho de 1915, Napoleão já tinha nascido. Dessa união gerou os seguintes filhos:

### DOS IRMÃOS DO DR. NAPOLEÃO LAUREANO E SUA DESCENDÊNCIA

1. **Abigail Rodrigues Laureano**, nascida na Paraíba em 1912, casou-se com o também paraibano José Nunes de Andrade, nascido em 1903. Dessa união gerou os seguintes filhos:
  - 1.1. Maria José de Andrade, nascida em João Pessoa no dia 18 de maio de 1926.
  - 1.2. Alaide Nunes de Andrade, nascida na Paraíba em 1927, falecida no Recife em 12 de janeiro de 1982.
  - 1.3. Theophila Nunes de Andrade, nascida na Paraíba no dia 22 de outubro de 1930.
  - 1.4. Eunice Nunes de Andrade, nascida em Bom Jardim no dia 2 de setembro de 1939.
  - 1.5. Nivaldo Nunes de Andrade, nascido em Umbuzeiro no dia 6 de setembro de 1940.
  - 1.6. Maria Ione de Andrade, nascida em João Pessoa no dia 17 de novembro de 1944, casou-se com Antonio Eudes Pereira.
  - 1.7. Antonio Nunes de Andrade, nascido em Umbuzeiro no dia 15 de fevereiro de 1930, casou-se com Lindinalva da Silva Melo. Dessa união gerou os seguintes filhos:
    - 1.7.1. Alexandre Antonio Nunes de Andrade, nascido em Boa Vista, Recife, no dia 7 de janeiro de 1973.
    - 1.7.2. Paulo Rogério Nunes de Andrade, nascido em Recife no dia 19 de agosto de 1967, casou-se com Rosycleide Alves Nunes de Andrade, nascida em Recife no dia 16 de dezembro de 1972. Dessa união gerou dois filhos.

- 1.7.3. Carlos Nunes de Andrade, nascido em Pernambuco em 21 de dezembro de 1963, casou-se com Anita Rogeria Gomes Leal, nascida em Recife no dia 9 de fevereiro de 1964. Dessa união gerou um filho.
  - 1.7.4. Marcos Antonio Nunes de Andrade, nascido em Recife no dia 12 de dezembro de 1962, casou-se com Ana Paula de Andrade Santos, nascida em Recife no dia 5 de agosto de 1968. Dessa união gerou dois filhos.
2. **Fernando Rodrigues Laureano.** Não sabemos muito sobre ele, apenas que nasceu no estado da Paraíba.
  3. **Aarão Rodrigues Laureano,** nascido em Umbuzeiro, casou-se com Maria da Matta Ribeiro, nascida em Queimadas, Pernambuco, no dia 2 de janeiro de 1909.
  4. **Isaac Rodrigues Laureano,** nascido em 12 de dezembro de 1912, casou-se com Antonia Nunes de Andrade, nascida na Paraíba no dia 20 de abril de 1931. Dessa união gerou três filhos:
    - 4.1. Napoleão Laureano de Assis Andrade, nascido em 1 de junho de 1959.
    - 4.2. Ibrahim Laureano, nascido na Paraíba.
    - 4.3. Isaac Rodrigues Laureano Filho, nascido na Paraíba.
  5. **Napoleão Rodrigues Laureano,** nascido em Natuba no dia 22 de agosto de 1914, casou-se com Marcina Sampaio de Melo Laureano. Dessa união não gerou filho biológico. O casal adotou uma menina:
    - 5.1. Maria do Socorro Sampaio Laureano, nascida no Recife no dia 18 de junho de 1946.

## **DO PRIMEIRO CASAMENTO DO PAI DE NAPOLEÃO E SUA DESCENDÊNCIA**

O pai do Dr. Napoleão Laureano, tenente da extinta Guarda Nacional, o Sr. Floriano Rodrigues Laureano, casou-se pela primeira vez com a paraibana Josepha Laureano Gonçalves. Dessa união gerou dois filhos:

1. **Herculina Rodrigues Laureano,** nascida em Natuba em 1894, casou-se aos 19 anos de idade, em 23 de abril de 1913, com Silvano Moura de Andrade, nascido em Natuba, provavelmente no ano de 1884.
2. **Maria Rodrigues da Conceição,** nascida provavelmente em Natuba, casou-se com Honorato Ambrosio dos Santos, pernambucano, nascido provavelmente em 1883. Dessa união gerou dez filhos:

- 2.1. Afonso Ambrósio da Fonseca, nascido na Paraíba, provavelmente em 1910. Casou-se no dia 1 de fevereiro de 1937 com Gomes de Lima, nascida provavelmente em 1915.
- 2.2. Manoel, nascido em Umbuzeiro no dia 3 de setembro de 1928.
- 2.3. Marina, nascida em Umbuzeiro no dia 12 de setembro de 1927.
- 2.4. Margarida, nascida em Umbuzeiro no dia 3 de março de 1926.
- 2.5. Maria, nascida em Umbuzeiro no dia 13 de março de 1924.
- 2.6. Antonio Ambrozio da Fonseca, nascido em Umbuzeiro no dia 18 de agosto de 1922.
- 2.7. João, nascido em Umbuzeiro no dia 20 de julho de 1919.
- 2.8. Archanja Ambrosia da Fonseca, nascida em 8 de maio de 1912, casou-se com Vitoriano Ramos de Oliveira, nascido na Paraíba, provavelmente no ano de 1907.  
Dessa união gerou três filhos:
  - 2.8.1. Maria Ramos da Fonseca, nascida em Recife no dia 15 de março de 1932, casou-se com o também pernambucano, Mizael José de Amorim, nascido no Recife em 22 de outubro de 1929. Dessa união gerou vários filhos.
  - 2.8.2. Severino Ramos de Oliveira, nascido em Recife no dia 27 de setembro de 1937, casou-se com Eurides Alves de Albuquerque, nascida no Paraná no dia 20 de setembro de 1938. Dessa união gerou um filho.
  - 2.8.3. Hernando Fonseca de Oliveira, nascido em Afogados, Recife, no dia 7 de setembro de 1941.
- 2.9. Roldão José da Fonseca, nascido em Natuba no dia 12 de março de 1905, casou-se com Maria José Cavalcante, pernambucana, nascida provavelmente em 1907 ou 1911.  
Sua descendência é numerosa:
  - 2.9.1. Izaura Cavalcante da Fonseca, nascida em Natuba no dia 10 de março de 1931, casou-se com Manoel Antonio de Figueiredo, nascido em Natuba no dia 7 de maio de 1927.
  - 2.9.2. Clotilde Cavalcante da Fonseca, nascida em Umbuzeiro no dia 23 de março de 1932.
  - 2.9.3. Diniz Cavalcante da Fonseca, nascido em Jaboatão, provavelmente no ano de 1936.
  - 2.9.4. José Ambrósio da Fonseca, nascido na Paraíba em 1949. Faleceu com 18 dias de vida.
  - 2.9.5. Josefa da Fonseca Figueiredo, pernambucana, casou-se com o também pernambucano, José Antônio de Figueiredo. Dessa união gerou dois filhos.

3. José Ambrósio da Fonsêca, nasceu em Umbuzeiro no dia 8 de maio de 1912.

## A MÃE DE TEÓFILA E SUA DESCENDÊNCIA

**Maria José do Espírito Santo** (seu nome também aparece como Maria Senhorinha de Jesus), nascida na cidade de Umbuzeiro ou Natuba, no interior do estado da Paraíba, casou-se com o também paraibano, João José da Silva. Esta é a sua descendência:

1. **José Bezerra da Silva**, nascido em Natuba no ano de 1883 e falecido em 1967, casou-se com Severina Francelina de Oliveira, paraibana, nascida no ano de 1890, filha de Cezario Barboza de Oliveira e Emiliana Francelina de Lima. Dessa união gerou os seguintes filhos:
  - 1.1. Flora Bezerra da Silva, nascida em Natuba no ano de 1911, casou-se com Manoel de Farias Leite e tiveram dois filhos.
  - 1.2. Manoel Bezerra da Silva Sobrinho, nascido em Natuba no ano de 1917 e falecido em 9 de junho de 1986.
  - 1.3. Marita Bezerra da Silva, nascida em Umbuzeiro no dia 31 de dezembro de 1930, casou-se em 4 de junho de 1947 com Manoel Gomes da Silva, nascido em Pernambuco em 8 de maio de 1921.
2. **Teófila Bezerra da Silva**, nascida em 1885 em Natuba, casou-se em 1 de julho de 1915, como já dito, com o tenente Floriano Rodrigues Laureano, também paraibano, nascido em 1868. O casal teve cinco filhos.
3. **Rodosina Bezerra da Silva**, nascida na Paraíba, provavelmente em 1891. Casou-se com José Pereira Gomes, paraibano, nascido, provavelmente, também em 1891. O casal teve três filhos:
  - 3.1. Severino Bezerra da Silva, nascido em Natuba no dia 13 de maio de 1917, casou-se com sua prima de 1º grau, Cecília Rodrigues Laureano, nascida em 1917. O casal teve os seguintes filhos:
    - 3.1.1. Aarão Bezerra da Silva, nascido em Umbuzeiro, no ano de 1942.
    - 3.1.2. Marlene, nascida em Umbuzeiro no dia 22 de outubro de 1948.
    - 3.1.3. José, nascido em Umbuzeiro no dia 8 de maio de 1951.
    - 3.1.4. José, nascido em Umbuzeiro. Foi batizado em 16 de dezembro de 1940, contava ele 4 anos de idade.



- 3.2. Maria Bezerra de Vasconcelos, nascida na Paraíba, provavelmente em 1925. Casou-se com o também paraibano, João Manoel de Vasconcelos, nascido provavelmente em 1926. O casal teve uma filha chamada Judite.
- 3.3. José Bezerra da Silva, nascido em Natuba, provavelmente em 1918. Casou-se com Inês Pereira da Silva. O casal teve um filho.
4. **Manoel Bezerra da Silva**, nascido em Natuba, provavelmente em 1893. Casou-se com Rosalina Peres da Silva. O casal teve uma filha de nome Josefa.
5. **Martinha Bezerra da Silva**, nascida em Natuba, provavelmente em 1896. Casou-se com Lindolpho Rodrigues Pereira, nascido na Paraíba, provavelmente em 1891. O casal teve cinco filhos:
  - 5.1. Severina Rodrigues Bezerra, nascida na Paraíba, provavelmente em 1914.
  - 5.2. José, nascido em Umbuzeiro no dia 4 de outubro de 1912. Batizado em 3 de fevereiro de 1913.
  - 5.3. João Rodrigues Bezerra, nascido na Paraíba, provavelmente em 1916.
  - 5.4. Maria de Lourdes Bezerra da Silva, nascida em Umbuzeiro no dia 8 de julho de 1938.
  - 5.5. Maria Bezerra da Silva, nascida em Umbuzeiro no dia 20 de janeiro de 1925, casou-se com Lourenço Higino Francisco, nascido em São João do Cariri em 1922. O casal teve cinco filhos:
    - 5.5.1. Deogenes Higino, nascido em Campina Grande em 1946, viveu apenas 15 dias.
    - 5.5.2. Luiz Higino, nascido em Campina Grande em 1948, viveu apenas 15 dias.
    - 5.5.3. José Francisco da Silva, nascido em Campina Grande em 1949, viveu apenas 12 dias.
    - 5.5.4. Valdir Bezerra de Sales, nascido em Campina Grande em 1955, viveu apenas 7 dias.
    - 5.5.5. José Bezerra de Sales, nascido em Campina Grande em 20 de março de 1950, foi o único que vingou. Possui três filhos: Tathiana, Matheus e Ana Caroline.
6. **Floriano Bezerra da Silva**, conhecido como Caboclo Onça, nascido em Natuba no dia 17 de março de 1903, casou-se com Francisca Eulalia da Silva, nascida na Paraíba, provavelmente em 1905. O casal teve sete filhos:
  - 6.1. Manoel Bezerra da Silva, nascido em Natuba no dia 5 de julho de 1931, casou-se com Adelina Triqueiro da Silva.
  - 6.2. José Bezerra da Silva, nascido em Natuba no dia 16 de maio de 1936.

- 6.3. Antonio Floriano da Silva, paraibano, casou-se com Tereza Garcia da Silva.
- 6.4. Arcanja Bezerra, paraibana, casou-se com Miguel Mendes.
- 6.5. João Floriano Bezerra, paraibano.
- 6.6. Maria, nascida em Umbuzeiro no dia 12 de outubro de 1934. Batizada em 22 de outubro de 1934.
- 6.7. José, nascido em Umbuzeiro no dia 27 de novembro de 1929.
7. **Flora Bezerra da Silva**, paraibana, casou-se com Severino Rodrigues Laureano, também paraibano. O casal teve seis filhos:
  - 7.1. Euclides Rodrigues Laureano, nascido em Umbuzeiro em 1925.
  - 7.2. Odilon, nascido em Umbuzeiro em 1924. Foi batizado no mesmo ano.
  - 7.3. Antonieta, nascida na Paraíba em 1924.
  - 7.4. Olívio, nascido em Umbuzeiro no dia 29 de dezembro de 1918. Foi batizado em 9 de janeiro de 1919.
  - 7.5. Cecília Rodrigues Laureano, nascida na Paraíba, provavelmente em 1917. Casou-se com seu primo, Severino Bezerra da Silva, nascido em Natuba no dia 13 de maio de 1917.
  - 7.6. Floriano Rodrigues Laureano, nascido na Paraíba em 1924, casou-se com a pernambucana Josefa Joaquina Laureano, nascida em 29 de julho de 1932. O casal teve onze filhos:
    - 7.6.1. Severino Rodrigues Laureano, nascido no dia 1 de outubro de 1950 na cidade do Recife.
    - 7.6.2. Olivio Rodrigues Laureano, nascido no dia 25 de dezembro de 1952 na cidade do Recife.
    - 7.6.3. Eunice Rodrigues Laureano, nascida no dia 8 de fevereiro de 1953 na cidade do Recife.
    - 7.6.4. Manoel Rodrigues Laureano, nascido no dia 16 de dezembro de 1956 na cidade de Jaboatão dos Guararapes.
    - 7.6.5. Cleonice Rodrigues Laureano, nascida no dia 17 de fevereiro de 1958 na cidade de Olinda.
    - 7.6.6. João Rodrigues Laureano, nascido no dia 2 de janeiro de 1960 na cidade de Olinda.
    - 7.6.7. Uma criança sem nome, natimorta no dia 23 de abril de 1961 na cidade de Jaboatão dos Guararapes.

- 7.6.8. Josuel Rodrigues Laureano, nascido no dia 13 de agosto de 1962 na cidade de Jaboatão dos Guararapes.
- 7.6.9. Miriam Rodrigues Laureano, nascida no dia 19 de novembro de 1965 na cidade de Jaboatão dos Guararapes.
- 7.6.10. Ester Rodrigues Laureano, nascida no dia 13 de agosto de 1967 na cidade de Jaboatão dos Guararapes.
- 7.6.11. Abraão Rodrigues Laureano, nascido no dia 4 de agosto de 1969 na cidade do Recife.

Esta, portanto, foi a descendência de Maria José do Espírito Santo, mãe de Teófila Bezerra Laureano. Sobre o seu esposo, o Sr. João José da Silva, pouco se sabe, apenas que seus pais foram: Amaro Bezerra da Silva e Anna Maria da Conceição. Os pais de Maria José do Espírito Santo também são conhecidos: Bernardino Braz Pereira de Lucena e Rosalina Maria do Espírito Santo.

Bernardino Braz Pereira de Lucena, nascido em 4 de maio de 1863 na cidade de Cabaceiras, era filho de João Braz Pereira de Lucena e Carolina Maria da Conceição. Foi batizado em 17 de maio de 1863. Seus padrinhos foram: João Joaquim da Costa Ramos e Ana Joaquina do Espírito Santo. Bernardino era morador do Sítio Almas, hoje localizado no município de Riacho de Santo Antônio, no estado da Paraíba.

## **DESCENDÊNCIA DE JOÃO BRAZ PEREIRA DE LUCENA & CAROLINA MARIA DA CONCEIÇÃO**

João Braz Pereira de Lucena, nascido em Cabaceiras, provavelmente em 1822, era filho de Pedro Alexandre de Araújo e Maria do Carmo. Morava em Almas, freguesia de Cabaceiras. Foi dono de escravizados. Um livro para registros de óbitos dos filhos livres de escravizados ocorridos na freguesia de Nossa Senhora da Conceição, Vila de Cabaceiras, informa que uma mulher escravizada de nome Josefa era de propriedade de João Braz Pereira de Lucena. Este casou-se em 22 de dezembro de 1852 com Carolina Maria da Conceição, nascida em Cabaceiras, aproximadamente em 1827, filha de Manoel de Souza Varjão e Maria da Conceição Vasconcelos. Dessa união gerou os seguintes filhos:

1. Maria de Lucena I, nascida, tudo indica, em Boqueirão, no dia 3 de novembro de 1853.
2. Maria de Lucena II, nascida em Cabaceiras, aproximadamente em 1861.
3. Theodora Bras Pereira, nascida em Cabaceiras, aproximadamente em 1856.
4. Senhorinha Brás Pereira de Lucena, nascida em Cabaceiras, aproximadamente em 1857.

5. Pedro de Lucena, nascido em Cabaceiras, aproximadamente em 1864.
6. João de Lucena, nascido em Cabaceiras, aproximadamente em 1865.
7. João de Lucena II, nascido em Cabaceiras, aproximadamente em 1866.
8. Amaro de Lucena, nascido em Cabaceiras, aproximadamente em 1868.
9. Francisca Maria de Jesus, nascida provavelmente em Cabaceiras.
10. **Bernardino Braz Pereira de Lucena**, nascido em Cabaceiras em 1863.

### **DESCENDÊNCIA DE MANOEL DE SOUZA VARJÃO & MARIA DA CONCEIÇÃO VASCONCELOS**

Manoel de Souza Varjão nasceu em São João do Cariri no dia 15 de agosto de 1787. Casou-se com Maria da Conceição Vasconcelos, nascida em Cabaceiras, provavelmente em 1790. Dessa união gerou os seguintes filhos:

1. Maria José da Conceição Vasconcelos, nascida em Cabaceiras, provavelmente em 1815.
2. Bernardina Maria da Conceição, nascida em Cabaceiras, provavelmente em 1820.
3. Lino de Sousa Varjão, nascido em Cabaceiras, provavelmente em 1822.
4. Cosme de Sousa Varjão, nascido em Cabaceiras, provavelmente em 1824.
5. **Carolina Maria da Conceição**, nascida em Cabaceiras, provavelmente em 1827.
6. Delfina Maria da Conceição, nascida em Cabaceiras, provavelmente em 1829.
7. Joanna Maria da Conceição, nascida em Cabaceiras, provavelmente em 1832.
8. Inácio Felix de Sousa, nascido em Cabaceiras.
9. José de Sousa Varjão, nascido em Cabaceiras.
10. Severina Maria da Conceição, nascida em Cabaceiras.

### **DESCENDÊNCIA DE JOÃO DE SOUSA CASTRO & IZABEL RODRIGUES DO Ó**

João de Sousa Castro nasceu em São João do Cariri em aproximadamente 1745. Era filho de Caetano Varjão de Sousa e Cosma Ferreira Guimarães. Casou-se com Izabel Rodrigues do Ó, filha do Capitão-mor Antônio de Barros Leira e Anna de Farias Castro, nascida em Cabaceiras em aproximadamente 1749. Dessa união gerou os seguintes filhos:

1. Félix Joaquim de Sousa Castro, nascido em São João do Cariri no dia 30 de agosto de 1775.
2. Maria Andressa de Sousa, nascida em Cabaceiras no dia 15 de março de 1777.

3. Francisco de Souza Castro, nascido em São João do Cariri no dia 26 de fevereiro de 1789.
4. Leonor Maria de Castro, nascida em Cabaceiras no ano de 1778.
5. Caitana de Sousa, nascida em Cabaceiras no ano de 1779.
6. Rosa de Sousa Castro, nascida em Cabaceiras no ano de 1780.
7. Thereza Castro, nascida em Cabaceiras no dia 2 de janeiro de 1781.
8. Cosma de Souza Castro, nascida em Cabaceiras, aproximadamente em 1782.
9. Antonio de Souza Castro Varjão, nascido em Cabaceiras, aproximadamente em 1784.
- 10. Manoel de Souza Varjão**, nascido em São João do Cariri no dia 15 de agosto de 1787.
11. João de Sousa Castro, nascido em Cabaceiras no dia 2 de janeiro de 1791.
12. José Vitoriano de Sousa, nascido em São João do Cariri, aproximadamente em 1795.
13. Isabel Antônia Basília, nascida em São João do Cariri no dia 12 de junho de 1797.

### **DESCENDÊNCIA DE CAETANO VARJÃO DE SOUSA & COSMA FERREIRA GUIMARÃES**

Caetano Varjão de Sousa nasceu em Sabadim, Arcos de Valdevez, Viana do Castelo, Portugal. Entretanto, viveu em Coyra, Bispado de Braga-Portugal. Foi um homem muito rico, proprietário de escravos, terras e gado. Nascido em 7 de janeiro de 1700, era filho de Santos Varejão e Sousa e Eugênia Pereira de Castro. Casou-se com Cosma Ferreira Guimarães, nascida em São João do Cariri em 1715. Era filha do capitão Antônio Ferreira Guimarães e Cristina Rodrigues de Oliveira. O casal Caetano e Cosma deixou uma numerosa descendência no Cariri. Dessa união gerou os seguintes filhos:

1. José Pereira de Castro, nascido em São João do Cariri, aproximadamente em 1740.
2. Caetano de Souza Varjão, nascido em Cabaceiras, aproximadamente em 1744.
- 3. João de Sousa Castro**, nascido em São João do Cariri, aproximadamente em 1745.
4. Antônio Pereira de Castro, nascido em Cabaceiras, aproximadamente em 1755.
5. Anna José de Souza Varjão, nascida aproximadamente em 1760.
6. Belchior Pereira de Brito, nascida em Cabaceiras, aproximadamente em 1760.
7. Eugenia Pereira de Castro, nascida em São João do Cariri, aproximadamente em 1765.
8. Thomas de Aquino Varjam, nascido em Cabaceiras, aproximadamente em 1765.

## **DESCENDÊNCIA DE SANTOS VAREJÃO E SOUSA & EUGÊNIA PEREIRA DE CASTRO**

Santos Varejão e Sousa nasceu em Arcos de Valdevez, Viana do Castelo, Portugal. Era filho de João de Caldas e Sousa e Andreza Barbosa. Casou-se com Eugênia Pereira de Castro, filha de Silvestre de Sousa e Castro e de Dona Maria Barbosa Zuniga. Dessa união gerou os seguintes filhos:

1. **Caetano Varjão de Sousa**, nascido em Sabadim, Arcos de Valdevez, Viana do Castelo, Portugal, casou-se com Cosma Ferreira Guimarães, nascida em São João do Cariri em 1715.
2. Andreza Maria de Sousa Caldas, nascida em local e data desconhecidos, falecida em Portugal, aproximadamente em 1747. Casou-se com Antônio Passos de Figueroa.
3. Manoel Vaz Varejão, nascido em Portugal, casou-se com Francisca.

## **DESCENDÊNCIA DE SILVESTRE DE SOUSA E CASTRO & DONA MARIA BARBOSA ZUNIGA**

Não se sabe com exatidão o local de nascimento de Silvestre de Sousa e Castro. Sabe-se apenas o seu local de falecimento: Formariz, Paredes de Coura, Viana do Castelo, Portugal. Casou-se com Maria Barbosa Zuniga. Dessa união gerou os seguintes filhos:

1. **Eugênia Pereira de Castro**, nascida em Arcos de Valdevez, Viana do Castelo, Portugal, aproximadamente em 1680. Casou-se com Santos Varejão e Sousa, nascido por volta de 1657 em Arcos de Valdevez, Viana do Castelo, Portugal.
2. Maria de Souza, nascida em Portugal, casou-se com Sebastião Pereira da Rocha, nascido em Portugal.

## **DESCENDÊNCIA DE FRANCISCO DE SOUSA E CASTRO & DONA PÁSCOA DA ROCHA**

Francisco de Sousa e Castro nasceu em Portugal em data desconhecida. Casou-se com a também portuguesa Páscoa da Rocha, filha de Baltezar d'Antas. Dessa união gerou o seguinte filho:

1. **Silvestre de Sousa e Castro**. Casou-se com Maria Barbosa Zuniga.

## **DESCENDÊNCIA DE GERALDO FREIRE DE ANDRADE & MARIA TRANCOSO DE CASTRO**

Geraldo Freire de Andrade, nascido em aproximadamente 1600, casou-se com Maria Trancoso, nascida em Portugal. Dessa união gerou os seguintes filhos:

1. Baltazar de Castro de Andrade, sem data ou local de nascimento conhecidos. Casou-se com Maria Barbosa.
2. Diogo Freire de Andrade, sem data ou local de nascimento conhecidos. Casou-se com Maria Lamego.
3. **Francisco de Sousa e Castro.** Casou-se com Páscoa da Rocha.
4. Maria de Castro, sem data ou local de nascimento conhecidos. Casou-se com Gonçalo Pereira Barbosa.

## **DESCENDÊNCIA DE GASPAR DE CALDAS E SOUZA & DONA CATARINA FREIRE DE ANDRADE**

Gaspar de Caldas e Souza, segundo o “Nobiliário de Famílias de Portugal” de Felgueiras Gayo, Tomo IV, foi juiz dos Orfans e Escrivão das Sizas, cavaleiro da Ordem de Cristo. Casou-se no dia 24 de janeiro de 1540 com D. Catharina Freire de Andrade, filha de Gaspar Freire de Andrade, que foi um fidalgo honrado. Dessa união gerou os seguintes filhos:

1. **Geraldo Freire de Andrade.** Casou-se com Maria Trancoso de Castro.
2. Francisco de Sousa Freire. Casou-se com Isabel Pereira da Cunha.
3. João de Caldas e Souza. Casou-se com Inês Barbosa.

## **DESCENDÊNCIA DE RODRIGO FERNANDES DE ARAÚJO & DONA IZABEL BARBOZA DE SOUZA**

Rodrigo Fernandes de Araújo foi, segundo o “Nobiliário de Famílias de Portugal” de Felgueiras Gayo, Tomo IV, página 91, um homem fidalgo que serviu em Tânger nos tempos do rei Dom Sebastião. Casou-se com **Izabel Barboza de Souza**. Sabe-se apenas de um filho dessa união:

1. **Gaspar de Caldas e Souza.**

## **DESCENDÊNCIA DE HENRIQUE DE SOUSA E CALDAS & DONA FRANCISCA BARBOSA**

Henrique de Sousa e Caldas nasceu em Portugal, provavelmente em 1524. Foi, segundo o “Nobiliário de Famílias de Portugal” de Felgueiras Gayo, Tomo VIII, página 32, filho de Diogo de Caldas e Souza. Casou-se com Francisca Barboza. Dessa união gerou os seguintes filhos:

1. Maria Barboza de Souza.
2. João de Caldas de Faria.
3. Diogo de Caldas e Souza.
4. Fernando de Caldas de Faria.
- 5. Izabel Barboza de Souza.**
6. Brites Barboza de Souza.
7. Genebra Barboza de Souza.
8. Leonor Barboza de Souza.
9. Felipa Barboza de Souza.
10. Francisco Barboza de Souza.
11. Anna Barboza de Souza.
12. Julliana (ou *Branca de Carvalho*) Barboza de Souza.
13. Francisca Barboza.
14. Gracia de Faria.

## **DESCENDÊNCIA DE DIOGO DE CALDAS E SOUSA & DONA ISABEL RODRIGUES DE FARIA**

Diogo de Caldas e Sousa nasceu em Portugal, provavelmente em 1480. Segundo o “Nobiliário de Famílias de Portugal” de Felgueiras Gayo, Tomo VIII, página 8, casou-se com Isabel Rodrigues de Faria, filha de Rodrigo de Faria e Juliana de Figueiredo. Dessa união gerou os seguintes filhos:

- 1. Henrique de Sousa e Caldas.**
2. Francisco de Caldas e Souza e Faria.
3. Pedro de Caldas e Souza.
4. D. Izabel Rodrigues de Faria.
5. D. Leonor de Caldas.



## **DESCENDÊNCIA DE RODRIGO DE FARIA & DONA JULIANA DE FIGUEIREDO**

Rodrigo de Faria, português, nascido por volta de 1430. Segundo o “Nobiliário de Famílias de Portugal” de Felgueiras Gayo, Tomo XIII, página 107/108, era filho de João Alvares de Faria e Alda Martins de Meira. Casou-se com Juliana de Figueiredo, nascida por volta de 1435. Dessa união gerou os seguintes filhos:

1. **Isabel Rodrigues de Faria.**
2. Pedro de Faria Figueiredo, que saiu com Vasco da Gama rumo à Índia.
3. Francisco de Faria, que junto do seu irmão zarpou na nau de Vasco da Gama. Morreu no Cabo das Correntes. Foi um grande poeta latino, e nas festas de casamento do príncipe D. Affonso, filho do Rey D. João II, recebeu um prêmio por seu poema.
4. Mecia Rodrigues de Faria.

## **DESCENDÊNCIA DE JOÃO ALVARES DE FARIA & ALDA MARTINS DE MEIRA**

João Alvares de Faria, português, teria nascido por volta de 1365. Segundo o “Nobiliário de Famílias de Portugal” de Felgueiras Gayo, Tomo XIII, página 100/101, tomou parte na batalha de Aljubarrota. Foi um dos principais fidalgos do seu tempo. Casou-se com Alda Martins de Meira, filha de um cidadão honrado de Lisboa. Dessa união gerou os seguintes filhos:

1. Affonco Annes de Faria.
2. Álvaro de Faria.
3. Luiz Anne de Faria.
4. **Rodrigo de Faria.**
5. Estevão Annes de Faria.

## **DESCENDÊNCIA DE ÁLVARO GONÇALVES DE FARIA & MARIA DE SOUZA**

Álvaro Gonçalves de Faria, português, nascido por volta de 1339. Segundo o "Nobiliário de Famílias de Portugal" de Felgueiras Gayo, Tomo XIII, página 100, tomou parte na batalha de Aljubarrota. Foi investido cavaleiro pelo Rei Dom João I. Casou-se com Maria de Souza, filha de Lopo Dias de Souza. Dessa união gerou um filho:

**1. João Alvares de Faria.**

**DESCENDÊNCIA DE LOPO DIAS DE SOUZA**

Lopo Dias de Souza, nascido em Portugal em aproximadamente 1350. Segundo o “Nobiliário de Famílias de Portugal”, Título de Souzas, de Felgueiras Gayo, página 24, foi Senhor da Ordem de Cristo, cujo mestrado lhe deu sua tia, a Rainha Leonor II, esposa do Rei Dom Fernando. Em 27 de julho de 1398, foi nomeado Primeiro Senhor de Juro e Herdade de Miranda do Corvo. Casou-se, segundo os Nobiliários de Xisto Tavares, Goes, Lima, Lobo, Correa, Lucas, Figueiredo etc., com Maria Ribeira. Dessa união gerou os seguintes filhos:

1. Lopo Dias de Souza.
2. Diogo Lopes de Souza.
3. Ruy Dias de Souza.
4. Maria de Souza.
5. Violante de Souza.
6. Leonor de Souza.
7. Aldonça.
8. Izabel.
9. Branca.

Outras filhas bastardas aparecem em sua árvore:

1. Leonor Lopes de Souza.
2. Ignez Dias de Souza.
3. Genebra de Souza.
4. Aldonça de Souza.
5. Izabel de Souza.
6. Branca de Souza.
7. **Maria de Souza.**

**DESCENDÊNCIA DE ÁLVARO DIAS DE SOUZA & DONA MARIA TÉLLEZ  
DE MENESES**

Álvaro Dias de Souza nasceu por volta de 1336. Foi Sr. da Casa de Souza pelos anos de 1344. Segundo o “Nobiliário de Famílias de Portugal”, Título de Souzas, de Felgueiras Gayo, página 23,

casou-se com Maria Téllez de Meneses, nascida por volta de 1335. Dessa união só há registro de um filho:

1. **Lopo Dias de Souza.**

### **DESCENDÊNCIA DE DOM DIOGO DE AFFONÇO DE SOUZA & VIOLANTE LOPEZ PACHECO**

Dom Diogo de Affonço de Souza nasceu em Portugal por volta de 1305. Segundo o “Nobiliário de Famílias de Portugal”, Título de Souzas, de Felgueiras Gayo, página 23, foi Sr. de Mafra e Ericeira. Era neto de Afonso III, rei de Portugal e Algarves. Casou-se com Violante Lopez Pacheco. Dessa união gerou os seguintes filhos:

1. **Álvaro Dias de Souza.**
2. Lopo Dias de Souza.
3. Branca de Souza.
4. Maria de Souza.

### **DESCENDÊNCIA DE LOPO FERNANDES PACHECO & MARIA GOMES TAVEIRA**

Lopo Fernandes Pacheco, português, nascido por volta de 1280. Segundo o “Nobiliário de Famílias de Portugal” de Felgueiras Gayo, Tomo XXII, página 11, foi o sétimo Sr. de Ferreira de Ave. Foi um rico homem do rei. Serviu como embaixador à Roma e à Castella. Foi mordomo-mor do príncipe Dom Pedro, depois, Dom Pedro I, Rei de Portugal. Tomou parte na batalha de Salado, onde saiu em socorro ao El Rey D. Affonso de Castella. Casou-se com Maria Gomes Taveira, nascida em Portugal. Dessa união gerou os seguintes filhos:

1. Diogo Lopes Pacheco.
2. **Violante Lopez Pacheco.**

### **DESCENDÊNCIA DE GOMES LOURENÇO TAVEIRA & CATARINA ANNES MARTINS**

Gomes Lourenço Taveira, nascido em Portugal, por volta de 1230. Segundo o “Nobiliário de Famílias de Portugal” de Felgueiras Gayo, Tomo XXVII, página 150, casou-se com Catarina Annes Martins, portuguesa, nascida por volta de 1245. Dessa união gerou os seguintes filhos:

1. Martim Gomes Taveira.
2. **Maria Gomes Taveira.**
3. Lourenço Gomes Taveira.

## **DESCENDÊNCIA DE LOURENÇO GONÇALVES TAVEIRA & MARIA ANES ERVILHIDO**

Lourenço Gonçalves Taveira, nascido em Portugal por volta de 1208. Segundo o “Nobiliário de Famílias de Portugal” de Felgueiras Gayo, Tomo XXVII, página 150, casou-se com Maria Anes Ervilhido, nascida em Portugal por volta de 1210. Dessa união gerou os seguintes filhos:

1. **Gomes Lourenço Taveira.**
2. Constança Lourenço.
3. Ignez Lourenço.

## **DESCENDÊNCIA DE GONÇALO PAES TAVEIRA & MARIA RODRIGUES CAPÃO**

Gonçalo Paes Taveira nasceu em Portugal por volta de 1170. Segundo o “Nobiliário de Famílias de Portugal” de Felgueiras Gayo, Tomo XXVII, página 150, casou-se com Maria Rodrigues Capão, filha de Ruy Capão. Dessa união gerou os seguintes filhos:

1. **Lourenço Gonçalves Taveira.**
2. Ruy Gonçalves Taveira.
3. Elvira Gonçalves Taveira.
4. Sancha Gonçalves Taveira.

## **RUY CAPÃO, O JUDEU CONVERSO**

Ruy Capão foi um judeu castelhano que serviu como almoxarife à corte real. Segundo “El Tizon de la Nobleza Española”, escrito pelo Cardeal D. Francisco Mendoza y Bovadilla, página 72, foi convertido ao cristianismo por vontade própria, à altura do reinado de Urraca e Afonso III, o Grande. Uma de suas filhas, Maria Ruiz, juntou-se à família dos Pacheco. Sua descendência foi tão numerosa que diz-se que “dela descende toda a nobreza da Espanha”.



A rainha D. Urraca, mulher de D. Afonso II

Rainha Urraca, protetora de Ruy Capão

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Quando me deparei com o final desse livro, pensei que de muitas maneiras poderia concluí-lo. Escrevi versos rápidos que tratavam da importância do Napoleão Laureano em minha vida, de como cresci escutando meu pai falar histórias sobre ele, de como ele ajudava milhares de pessoas, e de como até hoje seu legado vive, não apenas no Hospital Napoleão Laureano, mas no coração de todos aqueles que viram, na sua morte, o exemplo de como é viver. Entretanto, não vejo maneira melhor de terminar essa obra do que apresentando a você uma crônica concebida pelo grande escritor carioca Danton Jobim, escrita 2 meses antes do desencarne do valoroso médico paraibano. Segue a crônica:

“Alguém disse que, diante de certos homens, experimentamos um sentimento de frustração de nossas próprias vidas. Em face de um drama como esse, do dr. Napoleão Rodrigues Laureano, somos levados a meditar sobre certos desígnios da Providência, que nos distrai subitamente das coisas do mundo para entremostrear-nos os caminhos da fé.

Sem dúvida, a grandeza desse homem está em ter ultrapassado o marco das fragilidades humanas recusando um fim tranquilo, na confortadora companhia dos seus, para aproveitar os últimos dias de existência no desempenho de uma grande tarefa humanitária. Ao invés de contemplação, *in extremis*, preferiu o médico paraibano reunir suas derradeiras energias para concentrá-la na batalha contra o mal que em breve o levará deste mundo.

O heroísmo dessa atitude vai elevar o seu nome às culminâncias em que, na imaginação dos povos, se apresentam os grandes mártires da ciência. Mas que importa isso para um homem que vai morrer? A glória é o sol dos mortos, mas somente os vivos podem aquecer-se sob seus raios. É uma luz de estrelas mortas que nos chega dia a dia mais tênue e só vive no reflexo de nossa admiração e de nossa saudade.

O que importa na vida, ou melhor, na morte de Laureano é que ela supera a tirania dos instintos e revela no homem a centelha divina, que, esta sim, pode bruxulear ao sopro da desesperança, mas nunca se apaga.

Onde terá ido esse homem descobrir a fórmula de pasmosa vitalidade, que subjuga as fraquezas da matéria e o faz encarar a morte com a serenidade de um estoico, temperada pelas mais altas preocupações altruísticas?

Haverá os que sustentem possuir o nosso corpo energias recônditas, que só se acusam nas horas extremas, quando o homem se encontra desamparado de todos e de tudo, até de suas últimas reservas de esperança, ante o angustioso passo que o vai conduzir ao vale da Morte.

Mas quem identificou as verdadeiras causas dessas estranhas energias, que parecem dominar as que nascem da vontade de sobreviver aos sofrimentos do corpo?

Quem apontou com o dedo as origens dessa força extra-humana, que faz o homem superar o próprio instinto de conservação e o arrebatava para o martírio consciente, nas asas de uma sublime paixão, dando-se em holocausto à salvação de outros homens?

Falem dos doutores, na terminologia científica com que pretendemos esconder as coisas que, no céu e na terra, ignora a nossa vã filosofia; digam os agnósticos, na linguagem evasiva dos que não têm alma para edificar-se ante os mistérios que se ocultam para além do Grande Nevoeiro; opinem os cépticos, no estilo de Renan, procurando colocar dentro dos marcos de nossa pobre sabedoria os enigmas que desafiam o entendimento humano. Certo, é mais fácil ao nosso coração que à nossa mente aceitar a intangibilidade desses enigmas, mas longe vai o tempo em que se sonhava clarear todos os mistérios da Vida e da Morte com as luzes da Razão.

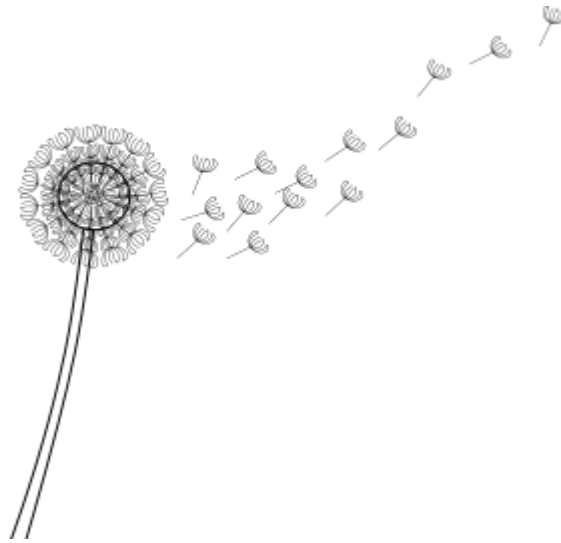
Aliás, triste destino haveria de ser o do homem se não lhe restassem senão certezas, estando dissipados todos os grandes enigmas que o fazem melhor, ante o temor do desconhecido. Tivéssemos um universo proporcionado à nossa inteligência, como se figurou Maeterlinck, e tudo o que existe seria ‘uma prisão sem saídas’, um mal e um erro irreparáveis. Como o filósofo belga, não gostaríamos de habitar um mundo no qual não tivéssemos a surpreender um segredo essencial e do qual, sendo homem, começássemos a compreender alguma coisa.

A beleza do destino de Napoleão Rodrigues Laureano está, sobretudo, no desafio que ele representa ao viver do que habitam a planura, recordando-lhes que na alma se encontram os lampejos da vida quando o corpo fraqueja sob o fardo dos grandes males incuráveis.

Só a fé pode sustentar esse corpo ferido em suas partes mais nobres pelas insídias do sarcoma linfático. Quando o corpo já não pode sobreviver ao mal terrível, sustenta-o vitoriosamente o espírito, desdobrando-se em tremendas energias, que desabrocham na flor da caridade, impulsionando uma grande campanha humanitária, como essa que ontem se iniciou, no auditório do DIÁRIO CARIOCA.

Só o bem pode fazer desses milagres, só o desejo de cumprir o mandamento máximo - ‘amai-vos uns aos outros’ - poderia produzir um fenómeno como esse do médico-herói!” (DATON JOBIM, 18 mar. 1951).

## POSFÁCIO



*“(...) o tempo é o coração da existência.”* (Abraham Joshua Heschel)

O registro e relato histórico através de livros nos permite fazer uma viagem no tempo de volta ao período em que os fatos narrados ocorreram. A depender do autor, esta viagem pode ser de duas maneiras: trivial e ordinária; ou fazer com que nós realmente nos sintamos nos momentos narrados.

A presente obra é fruto de intenso trabalho e rígida pesquisa documental, não somente possuindo uma base sólida, mas também prendendo atenção através da forma como o autor narra com precisão e sutileza a vida, os antecedentes e o trabalho do Dr. Napoleão Laureano.

Como se não bastasse todo o relato da vida e obra do Dr. Napoleão Laureano, o autor ainda nos leva aos seus antecedentes genealógicos, nos dando um panorama completo para nossa viagem ao passado. Meu querido amigo e irmão Matheus Sales nos brinda com um trabalho firme em sua fidelidade histórica, porém doce em sua narrativa; nos leva a séculos no passado, entretanto, com um tom de modernidade que alcança a todos.

Como resultado, a obra que se tem em mãos não se trata de uma obra acadêmica pesada e sem emoção, bem como também não é um repositório de poesia fantasiosa, mas sim um verdadeiro repositório fidedignamente fiel ao passado, narrado com a fluidez e simplicidade que só um grande escritor pode proporcionar.

Por fim, voltando à essência, vale lembrar que *“El pasado no es un mal que combatir sino un templo que explorar, ya que solo el que sabe de dónde viene puede comprender a dónde va”* - Alejandro Jodorowsky.

Filipe José Rodrigues Azevedo Maul



Serventuário do Judiciário Estadual de Alagoas  
Aprendiz do tempo e da genealogia  
Maceió, 10 de fevereiro de 2022.

## SOBRE O AUTOR



**Matheus Gleydson do Nascimento Sales** nasceu em Campina Grande, Paraíba, em 1996. É Graduado em Teologia pela Faculdade de Administração, Ciências, Educação e Letras - FACEL. Graduando em Licenciatura Plena em História pela Universidade Estadual da Paraíba. Possui experiência com pesquisa genealógica. Também possui experiência com ensino de História e Cultura Judaica. É Editor-Chefe da Editora Antropus.

**E-mail para contato:**

[matheusales100@gmail.com](mailto:matheusales100@gmail.com)

**Para comprar o livro físico:**

[www.https://antropuseducacional.com.br](https://antropuseducacional.com.br)

## O DR. NAPOLEÃO LAUREANO: O MÉDICO DO POVO

A presente obra intitulada O Dr. Napoleão Laureano: O Médico do Povo, atende a uma necessidade cada vez mais presente na historiografia brasileira, isto é, o estudo da História Local. Portanto, o presente livro tem como objetivo apresentar a curta, mas fantástica vida do médico paraibano Napoleão Laureano, desde seu nascimento até os seus últimos dias, apresentando a sua infância e meninez, passando pela sua vida acadêmica, política, familiar e amorosa, até o momento que ele desenvolve a moléstia e começa uma campanha de combate ao câncer por todo o Brasil. Mobilizando milhares de pessoas, o apelo do médico paraibano alcançou todas as classes sociais. Por um breve momento, o Brasil inteiro parecia ter um mártir, uma causa e uma missão: O Dr. Napoleão Laureano, o combate ao câncer e a construção de um hospital especializado na sua amada Paraíba, respectivamente.

Depois de morto em 31 de maio de 1951, Napoleão Laureano é investido de uma aura quase mística. Sob a efígie de “médico do povo”, Laureano adentra ao imaginário popular como uma figura que transcende a metafísica. Esse aspecto é bastante abordado quando estamos a falar das suas cartas psicografadas.

A última parte do livro apresenta um cuidadoso e minucioso estudo genealógico da sua família, apresentando parentes próximos e outros, até o momento, totalmente desconhecidos pelo grande público. Voltando quase 800 anos na história, passando por ancestrais que zarparam na nau de Vasco da Gama rumo à Índia, chegamos até um cristão-novo que viveu por volta do ano 1150 dessa nossa era. Assim como um possível fruto perdido do Dr. Napoleão Laureano, que após 70 anos desde sua morte, volta ao imaginário daqueles que amaram o médico paraibano.

Aos que desejam saber mais sobre a vida, carreira, benfeitoria e seu legado, este livro reúne depoimentos e registros que por mais de 70 anos ficaram à sombra do esquecimento, assim como histórias, documentos e fotos que jamais vieram à tona.

